

REVISTA DA SEMANA

N.º 33

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

16-8-47





Chapéus

Para a

Proxima

Primavera

Não está longe a primavera, com ela virão os chapéus largos e floridos como os que Dianna Lynn, da Paramount aqui nos apresenta: Ao alto, à esquerda: Modelo "breton" em palha negra brilhante. Sob a aba, do lado direito, grande rosa de tafetá rosa pálido. Vêu preto, caindo da copa, transpassa sob o queixo. Em baixo, à esquerda: Em palha de cor natural é executado este modelo de abas largas com flores sobre e sob a mesma. À direita: Para terminar, modelo em palha branca, colocado no alto da cabeça. Grande ramo de flores de diversas cores no lado direito. Larga fita de veludo negro passa ao redor da copa e cai sobre o ombro direito.





N OS domínios da política nacional, continua em foco a chamada "batalha dos mandatos". O PSD insiste em eliminar os comunistas do Congresso Nacional e das Assembleias Estaduais. A UDN insiste em que não é possível fazer isso sem reforma da Constituição. Enquanto isso, na Justiça Eleitoral, não vingou um recurso do PSD, contra três deputados por São Paulo, os srs. Pedro Pomar, Diógenes Arruda e Franklin de Almeida. A decisão foi favorável a esses deputados, depois de um empate, — três votos contra e três votos a favor. Desempatou o presidente, ministro Lafayette de Andrada, usando do privilégio do voto de Minerva. Tendo esses deputados ganho de causa, — e sendo o fundamento do recurso do PSD o mesmo de outro recurso anterior, em consequência do qual foi esbulhado do seu mandato o senador Euclides Vieira, é muito provável que esse ilustre paulista tenha seus direitos restaurados e volte a se sentar na Câmara Alta, depois de julgados seus embargos, a serem defendidos pelos advogados Oswaldo Aranha e Nehemias Guelros. Começaram a chegar diplomatas e jornalistas de vários pontos do continente, para a Conferência Inter-Americana de Petropolis, a ser realizada na Quitandinha, como uma espécie de compensação ao Sr. Joaquim Rolas pelo fechamento do jogo e pela fabulosa inversão de capitais, naquilo que o Estado Novo garantiria como o Monte Carlo da America do Sul. O prestígio diplomático do Brasil foi empenhado para que esse acontecimento de grande transcendência política internacional tivesse como cenário aquele luxuosíssimo hotel. Uma coisa, porém, o governo não fará, — nem fará nenhum outro governo decente do Brasil: é reabrir o jogo. Isto, só se, por desgraça, tivermos um outro Estado Novo ou outro governo igualmente irresponsável. O electricista José Martins, de 49 anos, empregado da Light, foi fulminado por uma descarga elétrica, ao fazer a ligação de um poste, na rua Visconde da Gavea. Tratando-se de um acidente no trabalho, é naturalíssimo que a Light indenize a família da vítima. E com certeza indenizará. O DNPA declarou à CCP que é favorável à liberação do preço da carne. Mas a OP é favorável apenas a liberação da própria carne. Para maior esclarecimento fica aqui a interpretação das abreviaturas: DNPA é o Departamento Nacional da Produção Animal, órgão do governo; a CCP é a Comissão Central de Preços, também órgão do governo; e a OP é aquilo que o governo não costuma ouvir; a Opinião Pública. Uma excelente ideia tiveram os herdeiros de Carlos de Laet, que foi um dos nossos melhores escritores e, sobretudo, um grande polemista, ao deliberarem reunir em volume sua enorme obra esparsa. Dêle só foram publicadas as "Poesias", em 1873; "Em Minas", em 1894; "A Descoberta do Brasil", em 1900; e a "Antologia Nacional", que elaborou com Fausto Barreto, para uso escolar. Entretanto, deixou Carlos de Laet paginas admiráveis, nos nossos jornais e revistas, bem como nas conferências e discursos que proferiu. A Livraria Editora Agir, segundo estamos informados, está considerando com grande interesse a publicação das obras completas do ilustre escritor, especialmente em razão de ser mais do que oportuno o início dessa coleção ainda este ano, porque, a 3 de outubro, ocorre a passagem do centenário do nascimento de Carlos de Laet. Chegou de avião, de Paris, o escritor André Maurois, membro da Academia Francesa e autor de biografias, romances e livros de historia de sucesso mundial. Andre Maurois veio ao Rio pela primeira vez e com o propósito de realizar duas conferencias no Teatro Municipal. Depois de muitas semanas de "impasse", durante as quais a luta parecia estabilizada, os rebeldes do Paraguai atraíram as forças do tráfego alador moringo para o Norte, precipitando-se, em seguida, para Assunção, que ficou sob cerco. Os partidários de Moringo estão atravessando a fronteira para a Argentina ou pedindo asilo nas embaixadas estrangeiras. É possível que os dias de moringo no poder estejam contados e não nos surpreenderemos que ele já tenha caído, ao circular esta edição. Os cinemas da Inglaterra estão amedrontados de recrudescimento, em razão do boicote que os magnatas da industria cinematografica de Hollywood resolveram empreender, como medida de combate as novas exigencias adotadas pelo governo inglês. Segundo os telegramas, a produção em estoque na Inglaterra não dará para alimentar os cinemas ingleses durante mais de seis meses de operações normais e os estúdios britânicos não têm nem artistas nem técnicos em quantidade suficiente para suprir de filmes todos os cinemas. E isto porque oitenta por cento dos filmes exibidos na Inglaterra, como no resto do Império Inglês, eram procedentes dos Estados Unidos. Para abreviar a marcha do processo contra o sr. Benjamin Vargas, — que, de chefe de Polícia por algumas horas, a 29 de Outubro de 1945, passou agora à condição de réu, — o promotor público da 10.ª Vara Criminal, Dr. Helio Pinheiro da Silva, resolveu desistir do depoimento de duas testemunhas da acusação, por se acharem as mesmas fora do território natural. O processo prende-se ao tiro que levou na coxa a senhorita Maria Rosa Conde, irmã do ator David Conde, do elenco dos Comediantes Associados. Por falar nisso, reapareceram, no Ginástico os Comediantes Associados, na peça "Terras do sem-fim", de Jorge Amado e Graça Melo, com cenários de Santa Rosa e música de Dorival Caymmi. Depois de ter ido a Culabá, foi em seguida a Belo Horizonte, o presidente da Republica, general Eurico Gaspar Dutra, que está assim, instituindo o habito de passar os seus fins de semana fora do Rio. Na capital mineira, o general Dutra inaugurou a importante Exposição Agro-Pecuária ali organizada. De sua comitiva participaram o ministro da Agricultura, Sr. Daniel de Carvalho, e o prefeito do Distrito Federal, general Angelo Mendes de Moraes, além de muitos senadores e deputados da UDN, do PSD e do PR. Por falar em PR, fez anos, há dias, o presidente desse partido e ex-presidente da Republica, Sr. Arthur Bernardes. E quem estava lá, para lhe dar um abraço? O tenente-brigadeiro Eduardo Gomes, em pessoa. No estádio do Fluminense Futebol Clube realizou-se um acontecimento expressivo: a cerimônia da declaração de aspirante a oficial de mais uma turma de alunos do Centro de Preparação de Officiais da Reserva. Estiveram presentes o Presidente da Republica e os ministros da Guerra e da Educação, além de muitas outras personalidades de destaque. A semana encerrou-se com alguns incêndios: o de uma chata, conduzindo recipientes com inflamavel, no cais do Porto; o de um depósito de tintas e de papel da revista ilustrada "O Cruzeiro" (teria sido o "amigo da onça" o autor da proeza?) e o de uma casa, em São Cristóvão, que pegou fogo inteiramente, dela salvando-se apenas o papagaio, que pediu socorro, e os donos da mesma, que haviam ido a um baile... E, por hoje, é só...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gestelra* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gestelra*.

A ação que o *Regulador Gestelra* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gestelra* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rólha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

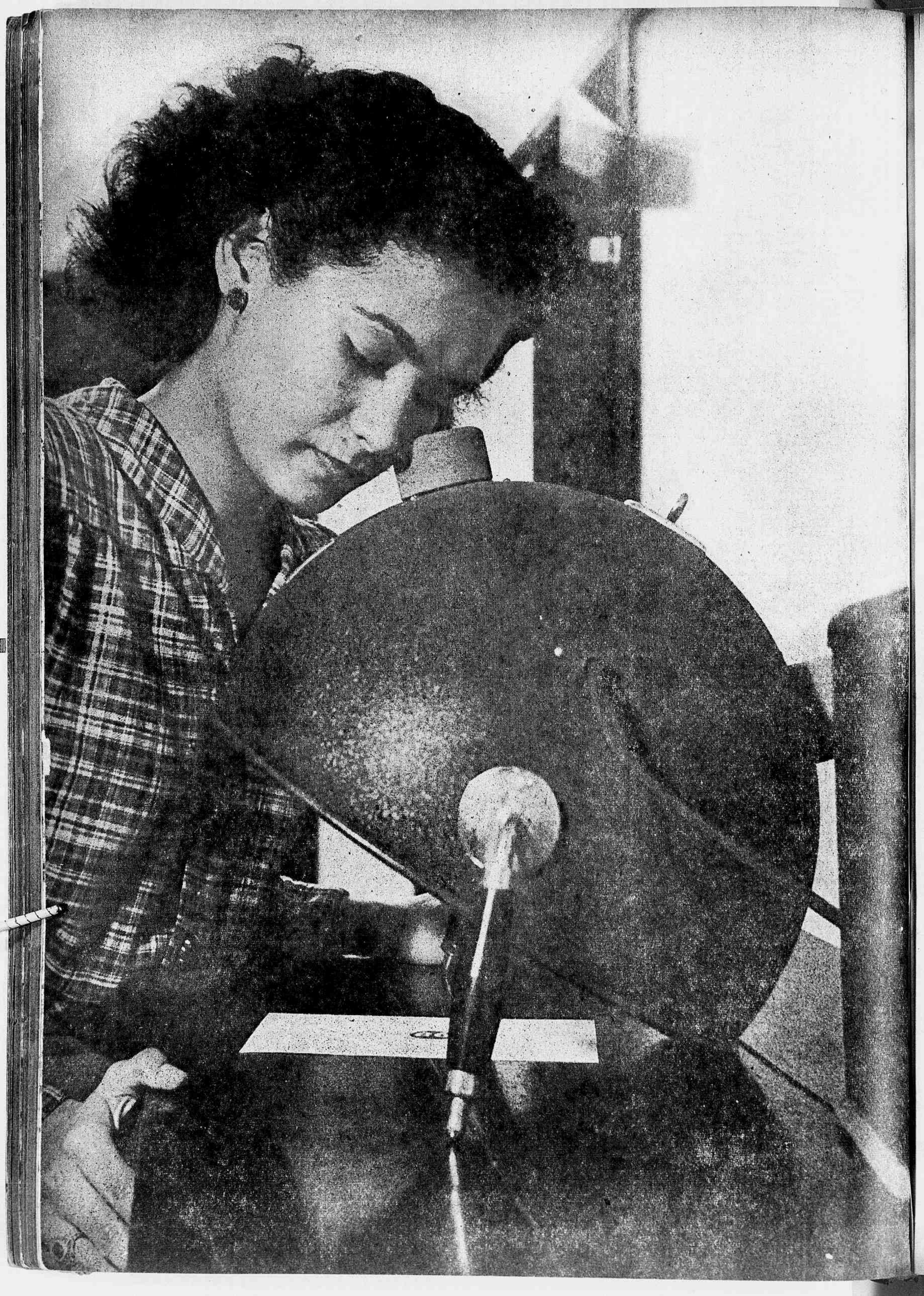
6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



PÂNICO NO MERCADO DE SÊLOS

O mercado de sêlos, atualmente, está em pânico, temendo a bancarrota. Falamos dos sêlos para coleções, cujo valor extrínseco varia com a maior ou menor procura pelos filatelistas. Hoje em dia, pelo que observamos nas diversas casas de venda e entre os filatelistas, a oferta é que predomina. Isso trouxe uma verdadeira crise a este comércio, pois só no Brasil, onde existem cinquenta mil colecionadores conhecidos, alguns milhões de cruzeiros estão empregados nessas minúsculas estampas. Calcula-se que o total do dinheiro invertido em coleções de sêlos em nosso país seja de duzentos e cinquenta milhões de cruzeiros! Sabendo-se que uma grande maioria de sêlos teve o seu valor diminuído em quarenta por cento, sobre o seu preço de uns dois anos atrás, pode-se imaginar o terror que isso vem causando aos filatelistas que empatarem grandes somas de dinheiro na aquisição de sêlos. Muitos, durante a guerra passada, compravam sêlos como quem compra imóveis, julgando que estavam trocando uma moeda que parecia desvalorizar-se por alguma coisa de valor estável e seguro. A crise tem sua razão de ser e nenhum artifício que o comércio que explora o ramo queira inventar, poderá debelar ou mesmo sustar a queda da desvalorização. O mundo, principalmente a Europa, está passando fome. Na França e na Bélgica, dois países onde se cuidava com carinho da filatelia, os colecionadores hoje vendem por qualquer preço suas coleções,

DUZENTOS E CINQUENTA MILHÕES DE CRUZEIROS EM RÁPIDA DESVALORIZAÇÃO — NA ALEMANHA E NA ITÁLIA TROCAM-SE SÊLOS RAROS POR UM QUILO DE CAFÉ — O AZAR DO "AJUNTADOR" E. G. FONTES — O "OLHO DE BOI" VAI DESAPARECER — OS PEQUENOS COLECIONADORES, A GRANDE ESPERANÇA DO MERCADO

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Na Alemanha e na Itália trocam-se sêlos, outrora valiosíssimos, por café e açúcar. Colecionar sêlos é um passatempo dispendioso. O álbum de sêlos, instável enquanto diverte. Mas acontece que a crise canaliza as economias para a compra do indispensável para o sustento e o vestuário. Nesta hora, os filatelistas preferem vender suas coleções a ficar com tanto dinheiro empastado. Todos oferecem. Os preços baixam com a concorrência. Mas os compradores não aparecem, mesmo porque um filatelista é coisa que não se improvisa.

A MAIOR COLEÇÃO DO BRASIL ESTÁ À VENDA

Todos os comerciantes do ramo a quem entrevistamos nos disseram a mesma coi-

sa. A maior coleção de sêlos do Brasil pertence ao tabelião Djalma Fonseca Hermes e tem o seu valor estimado em dois milhões e quinhentos mil cruzeiros. Obteve o primeiro prêmio na exposição internacional realizada há poucas semanas nos Estados Unidos, na classe de melhor coleção de sêlos das Américas. Seu proprietário quer vendê-la pelos dois milhões e quinhentos mil cruzeiros, mas isso atualmente é absolutamente impossível. Ninguém se interessa muito em adquirir tal preciosidade. A firma mais forte como compradora — Filatélica Ariró — não se interessa porque — como nos disse um dos seus sócios — não teria a quem revendê-la, mesmo que a subdividisse. Durante o período de 1942 a 1945, a coleção poderia ter sido vendida até mesmo por três milhões de cruzeiros. Foi o período

dureo para a nossa filatelia. Os preços dos sêlos subiram escandalosamente nestes três anos. Para se avaliar a falta de critério nessa valorização, basta dizer que alguns dos nossos sêlos de império que levaram cinquenta anos para alcançar uma valorização de cem cruzeiros, tiveram o seu preço aumentado em quinhentos cruzeiros naqueles três anos de inflação filatelista.

FILA PARA VENDER COLEÇÕES

O senhor Carlos, da Filatélica Internacional, faz curiosas revelações ao repórter. Confirma a crise do comércio a que se dedica e a ilustra com dados interessantes. Diz-nos ele:

— Nunca recebemos tantas ofertas de coleções como agora. Mensalmente dez colecionadores nos procuram querendo vender seus álbuns.

— Pequenas ou grandes coleções?

— Variam de cinco mil a vinte mil cruzeiros. O mercado para coleções caras, de cem mil cruzeiros para cima, está completamente trancado. Não há quem as compre. Mesmo as pequenas nós rejeitamos. Já temos sêlos em excesso.

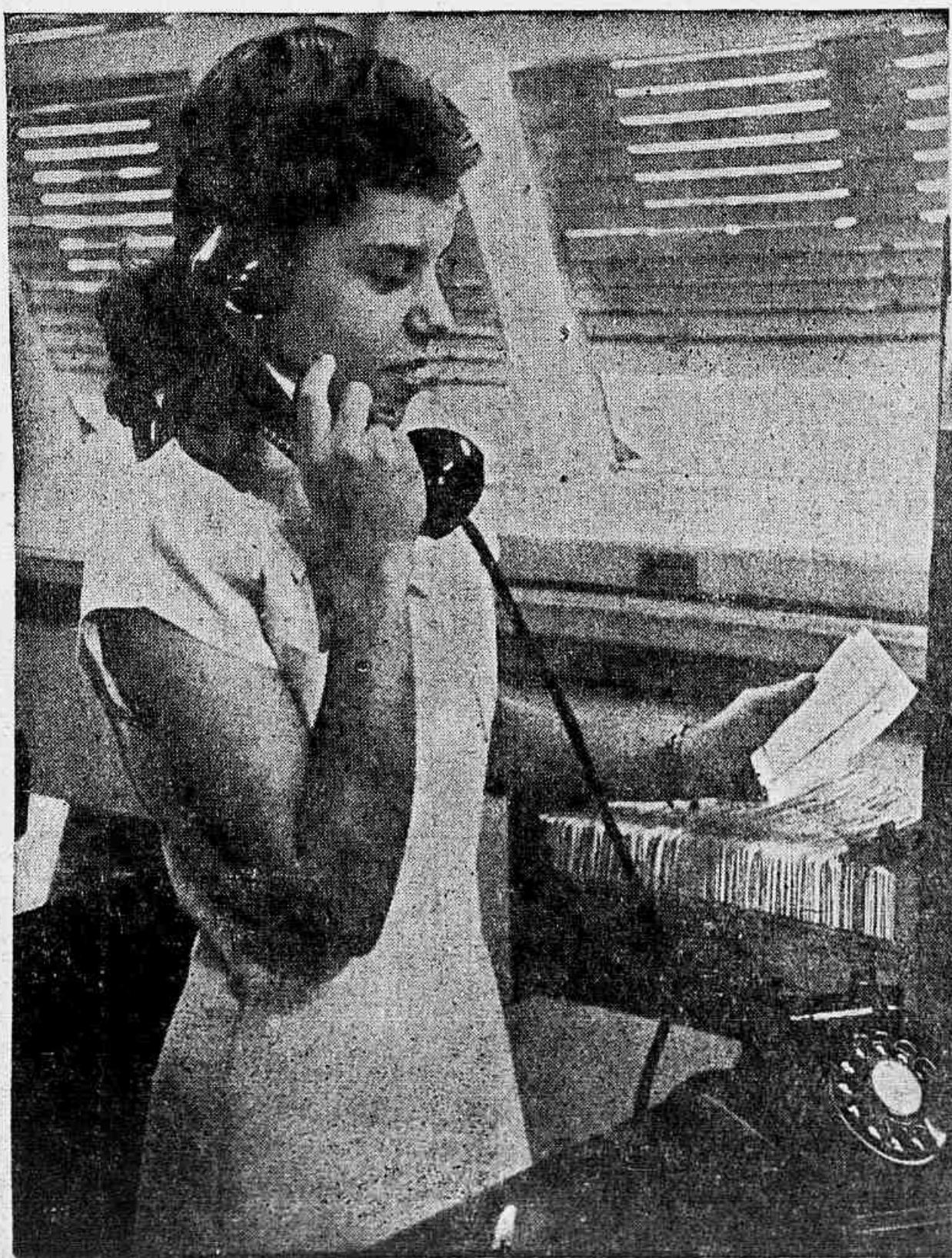
Com a baixa que se verificou no preço dos sêlos, após a guerra, todos nós estamos perdendo dinheiro. Quando a Europa estava conflagrada, os Estados Unidos eram os únicos exportadores de sêlos, isto é, uma espécie de entreposto mundial de

Na página ao lado: senhorita Ita Esteves espedindo um exemplar raro. O mercado de sêlos tem leis interessantes. Se o sêlo apresenta defeitos de impressão (côr diferente, numeração ou grafia erradas) o seu valor sobe imediatamente. A nossa Casa da Moeda é acusada de emitir propositadamente sêlos defeituosos. Em baixo: aspecto de um leilão semanal de sêlos no Clube Filatelista do Rio de Janeiro, uma das três maiores organizações filatélicas do mundo. No Brasil existem perto de cinquenta sociedades destinadas ao desenvolvimento da filatelia.





Outro aspecto do movimento de um dia de sábado no Clube Filatélico. Como se observa pela foto, a filatelia entusiasma a velhos e moços. Segundo os dados que colhemos só não consegue entusiasmar as mulheres. "As mulheres não têm paciência nem amor às coleções" — disse-nos o leiloeiro Salama, perito em selos e em assuntos femininos.



trocas. Impunham os preços, absurdos por vezes.

Só numa partida de selos, que pagamos a vinte e dois cruzeiros cada exemplar, tivemos quase cinquenta mil cruzeiros de prejuízos. Os mesmos selos custam agora um cruzeiro e cinquenta centavos, cada unidade. Atualmente há ainda outra dificuldade: é impossível calcular-se o preço mais ou menos exato dos exemplares raros. Aqui custam um preço, na América do Norte outro, na Alemanha devastada é capaz de custar um quilo de café.

A "COBRA FUMANDO" DESAPARECEU

O mercado de selos, como qualquer outro mercado, tem suas atrapalhadas. Todos os filatelistas sabem, embora ainda nada se possa provar, agarrando o responsável, as maroteiras que surgem com as emissões de certos selos comemorativos no Brasil. Um selo sobe muito de valor quando sai da Casa da Moeda com algum defeito de impressão. Faltando um número, com a chapa invertida, cor mais viva ou desmatada, enfim com qualquer detalhe que o diferencie da estampa oficial. Isto acontece ocasionalmente. Mas aqui no Brasil acontece amiúde, de propósito! Foi o caso do selo comemorativo dos feitos da FEB, em que sobre um fundo amarelo aparecia uma cobra fumando, símbolo adotado pelos pracinhas nos campos da Itália. Algumas folhas foram impressas sem a cobra. Mas isso não foi ocasional, tanto que apenas uma folha errada seguiu no meio de outras para Juiz de Fora. As outras folhas defeituosas foram desviadas e entregues a alguém lá

fora, que se incumbiu de vendê-las no câmbio negro. Uma quadra desses selos foi oferecida em determinada casa filatélica pela bagatela de cinco mil cruzeiros. Esta mesma quadra com selos perfeitos não vale dez cruzeiros. Que bom negócio este de se imprimir selos com defeitos!... Outro ponto falho nas emissões dos nossos selos comemorativos é a sua pequenissima tiragem, o que valoriza injustificadamente o exemplar do selo. Enquanto as emissões na América do Norte variam de vinte milhões a cem milhões de exemplares, as nossas oscilam de quinhentos mil a um milhão, apenas. O selo comemorativo do centenário da Princesa Isabel, aparecido em 1946, (n.º 551 do catálogo Ariró) esgotou-se nos quiosques dos Correios cinco dias apenas após sua emissão. Com um valor facial de quarenta centavos, esses selos estão cotados oficialmente, apenas um ano decorrido do seu aparecimento, com quatrocentos por cento de valorização. Só os quinze mil filatelistas e comerciantes de selos do Rio consomem, em uma semana, uma tiragem de quinhentos mil exemplares. E a principal finalidade do selo não é a de ser colecionado.

DESAPARECERA' O "OLHO DE BOI"

O filatelista e comerciante da especialidade, senhor Nino Coda, assevera que dentro de cem anos os famosos "olhos de boi", primeiros selos emitidos no Brasil, desaparecerão. Por um motivo muito simples. Foram fabricados com um papel vagabundo em que entrava até palha de arê para fazer a massa. Esse papel, segundo o senhor Nino Coda, não resistirá

A senhorita Lila de Azevedo passa o dia vendendo e trocando selos no Clube Filatélico. Passam, por suas mãos, selos raros e lindos. Apesar de tudo não os coleciona. Realmente o leiloeiro do Club Filatélico tem razão.

Vários aspectos colhidos nas lojas filatélicas. Nas duas primeiras fotos o proprietário da Filatélica Ariró, a casa mais forte em compras de selos no Rio, mostra ao repórter os exemplares mais raros que possui. Em baixo o senhor Carlos, da Filatélica Internacional, confirma a bruxa no mercado filatelista. Esse mercado, para sobreviver, depende agora dos pequenos colecionadores, do pequeno freguês que aparece na fotografia e outros da mesma idade.

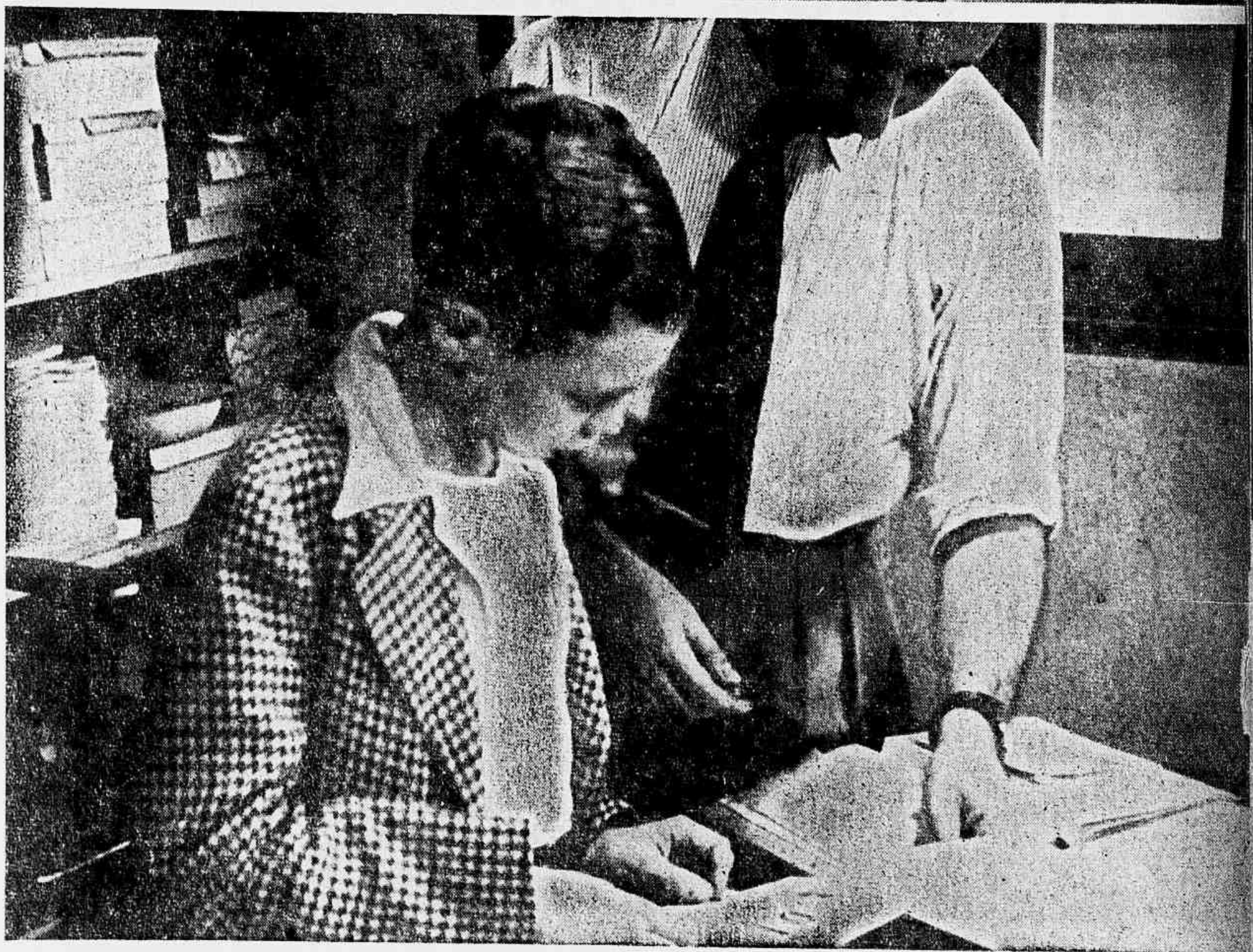
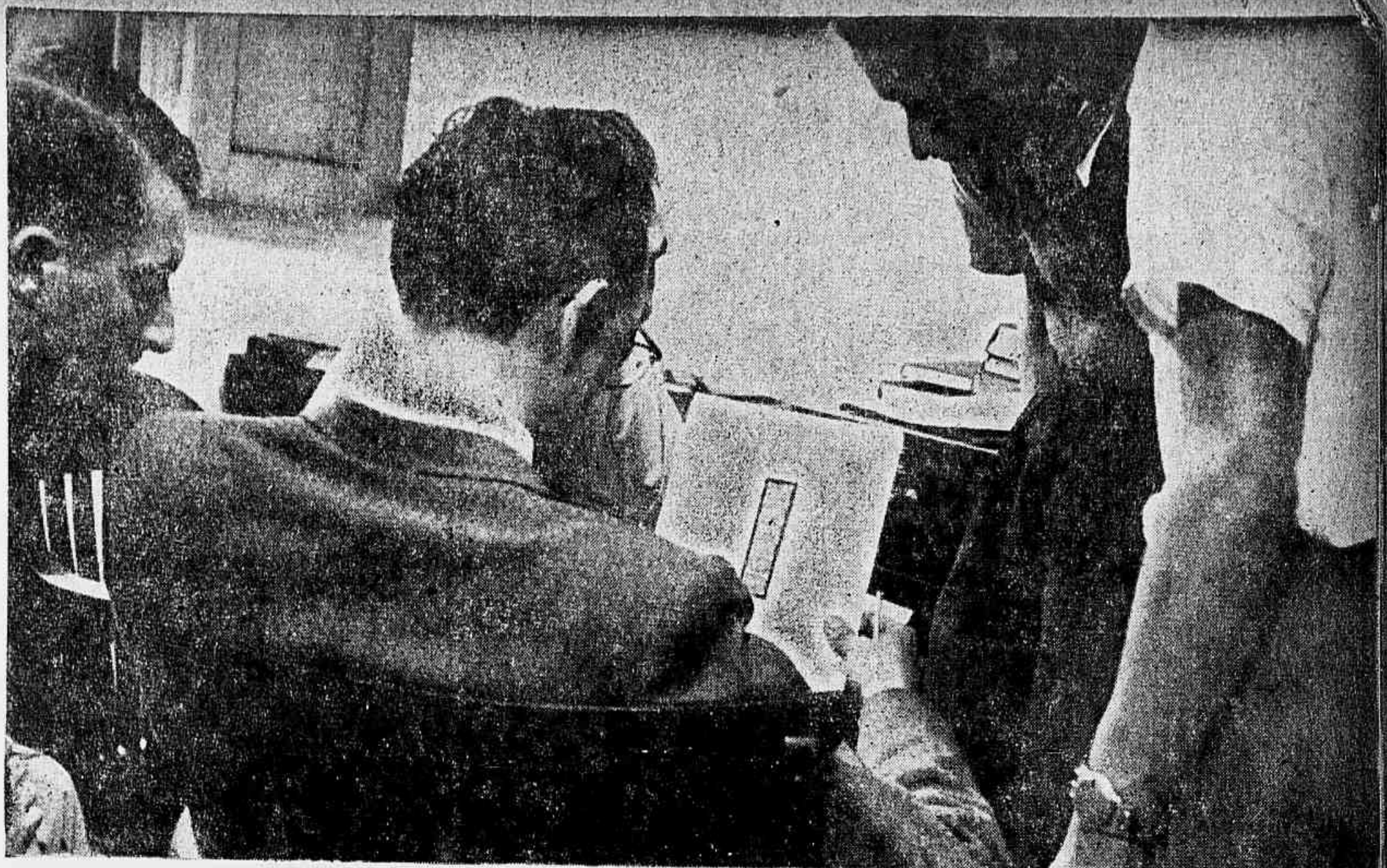
mais um século, por maior que seja o carinho com que os colecionadores os tratam. Os "olhos de boi" e os "inclinados" são os selos mais caros do Brasil. No mercado em crise o valor varia muito, mas um exemplar do "Inclinado", de valor facial de trezentos réis, chegou a valer dez mil cruzeiros em 1945. Hoje, embora os catálogos oficiais estabeleçam que o "olho de boi" emitido em 1843, com taxa facial de noventa réis, deve custar, quando carimbado, três mil cruzeiros, as próprias casas filatélicas o oferecem com uma diferença de quase mil cruzeiros abaixo do preço do catálogo. E' a deflação dentro da filatelia, que ainda mais se acentuará, nos próximos meses. O "olho de boi", preto, valor facial de sessenta réis, custava em 1938 oitenta cruzeiros; em 1945 esteve cotado em seiscentos e cinquenta cruzeiros. Atualmente caiu o preço em quarenta por cento. Voltará a ter o valor de oitenta cruzeiros? Alguns entendedores garantem que este último preço não demorará a entrar em vigor. Mesmo porque os preços alcançados pelas famosas primeiras selos do império, durante a inflação, foram fictícios, quando se sabe que ainda existe no mercado um milhão e meio de "olhos de boi", ou seja, a metade do que foi impresso pela Casa da Moeda até 31 de Dezembro de 1843.

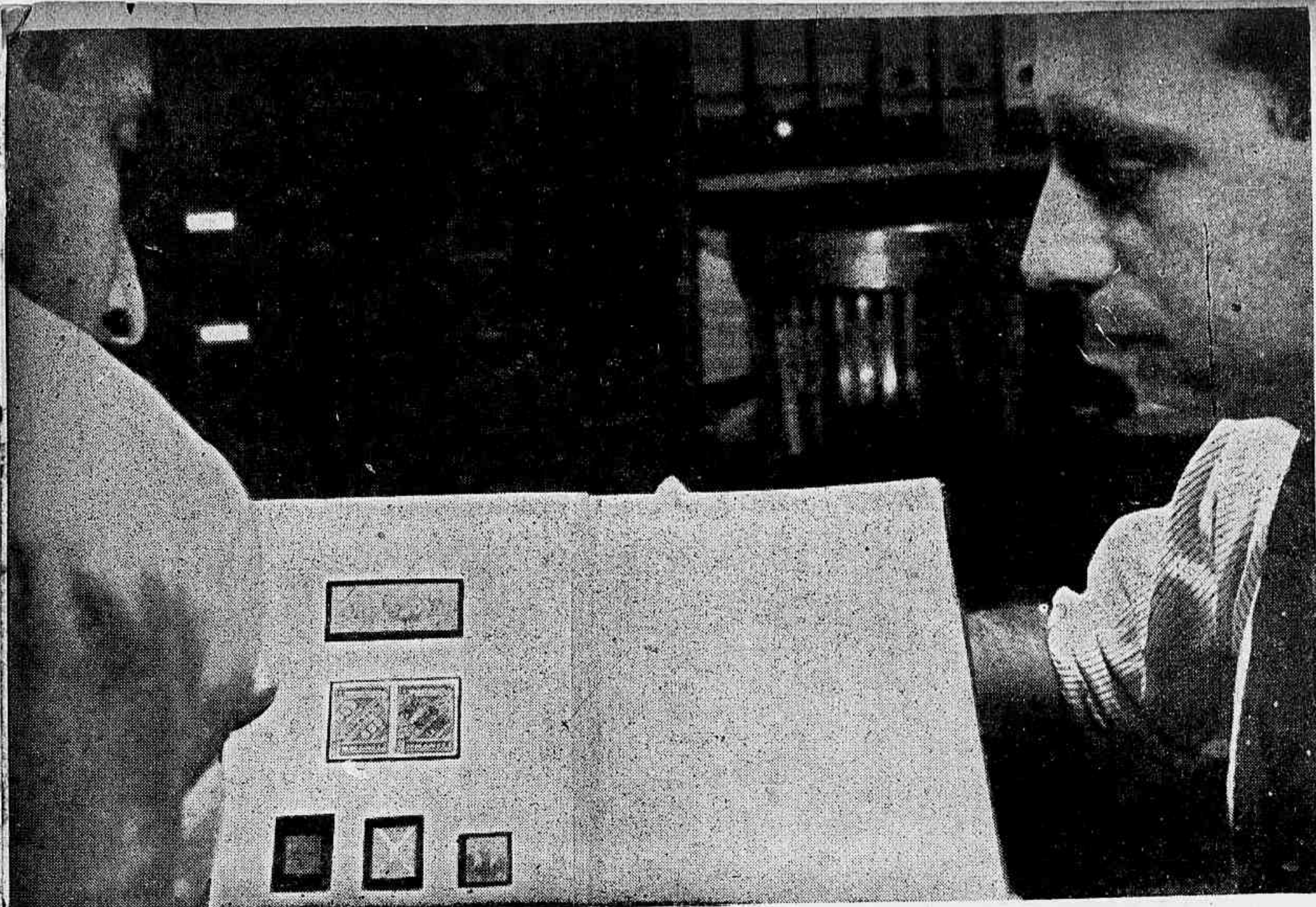
NOTAS SOBRE A NOSSA FILATELIA

O Brasil foi o segundo país a adotar o selo para a franquia postal. A Inglaterra iniciou esse sistema em 1840, e dois anos depois, em 29 de novembro de 1842, D. Pedro II assinava um decreto criando o selo postal brasileiro, que apareceu no ano seguinte, exatamente em 1.º de Agosto de 1843. No início do nosso serviço postal, cada agente do Correio fabricava o seu próprio carimbo inutilizador, escolhendo o desenho que imaginasse. Há-os os mais diversos possíveis. Um bastante original, representa um menino pulando, trabalho de paciência e perícia, quando se sabe que foi executado em matriz de rolha. Existem apenas dois selos inutilizados pelo "carimbo do boneco". Esses dois exemplares têm, por tal motivo, um valor extraordinário.

Fomos o primeiro país a emitir um selo comemorativo com desenho executado por uma criança. Este desenho, de autoria de um ginasiano de 13 anos, serviu para celebrar o "Dia da Criança", em 1935. Vitor José Lima, o pequeno desenhista de então, venceu um concurso no qual se inscreveram mais de dois mil crianças de todos os Estados do Brasil. Quanto aos nossos grandes colecionadores, estes estão, em grande número, abandonando a filatelia. O primeiro a desertar foi o ultra-milionário Guilherme Guinle, que se desfez de sua preciosa coleção em 1939, quando o mercado ainda não estava inflacionado. Vendeu-a ao milionário peruano Rachitof por dois milhões e cem mil cruzeiros. Preço excepcional para aquela época e que nunca mais foi ultrapassado por outra venda. O senhor Péricles da Silveira, grande colecionador, vendeu seus álbuns à Filatélica Ariró, há algum tempo, por novecentos e cinquenta mil cruzeiros.

Não sabemos se os senhores Viriato Fraga, de Juiz de Fora, Otávio de Carvalho, de Salvador, e Mário de Sousa, de Recife, pretendem desfazer-se de suas grandes coleções. O certo é que com a baixa o prejuízo delas já monta a algumas centenas de milhares de cruzeiros. O maior azar do páreo filatélico é o milionário E. G. Fontes. O dono do ex-Cassino Copacabana não é propriamente um colecionador, mas um "ajuntador" de selos, como o chamam os filatelistas. Compra peças raríssimas, enfileira-as no cofre e espera a alta. Especula em selos como outros especulam em diamantes.





Na foto de cima: As cinco pequeninas estampas coladas na página do album estão estimadas em sessenta e cinco mil cruzeiros. Há três anos seria facilímo vendê-las, hoje, é quase impossível. Não há compradores. Na foto do meio: os senhores Hugo Fraccaroli e Hidalgo, presidente e diretor de trocas do Clube Filatélico examinando um catálogo de selos impressos em 1869. Em baixo: aspecto da mesa de revistas especializadas daquele clube.

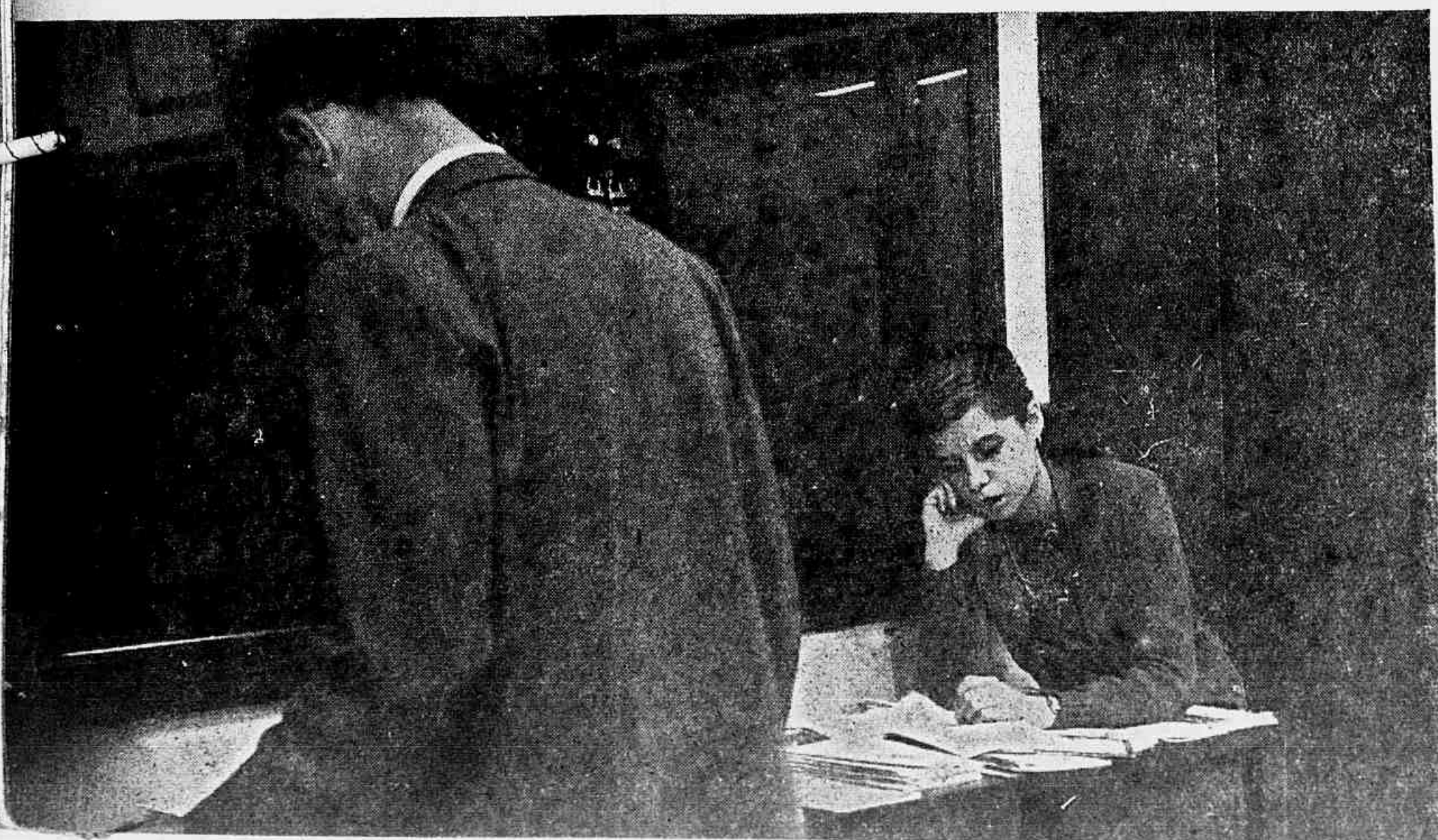
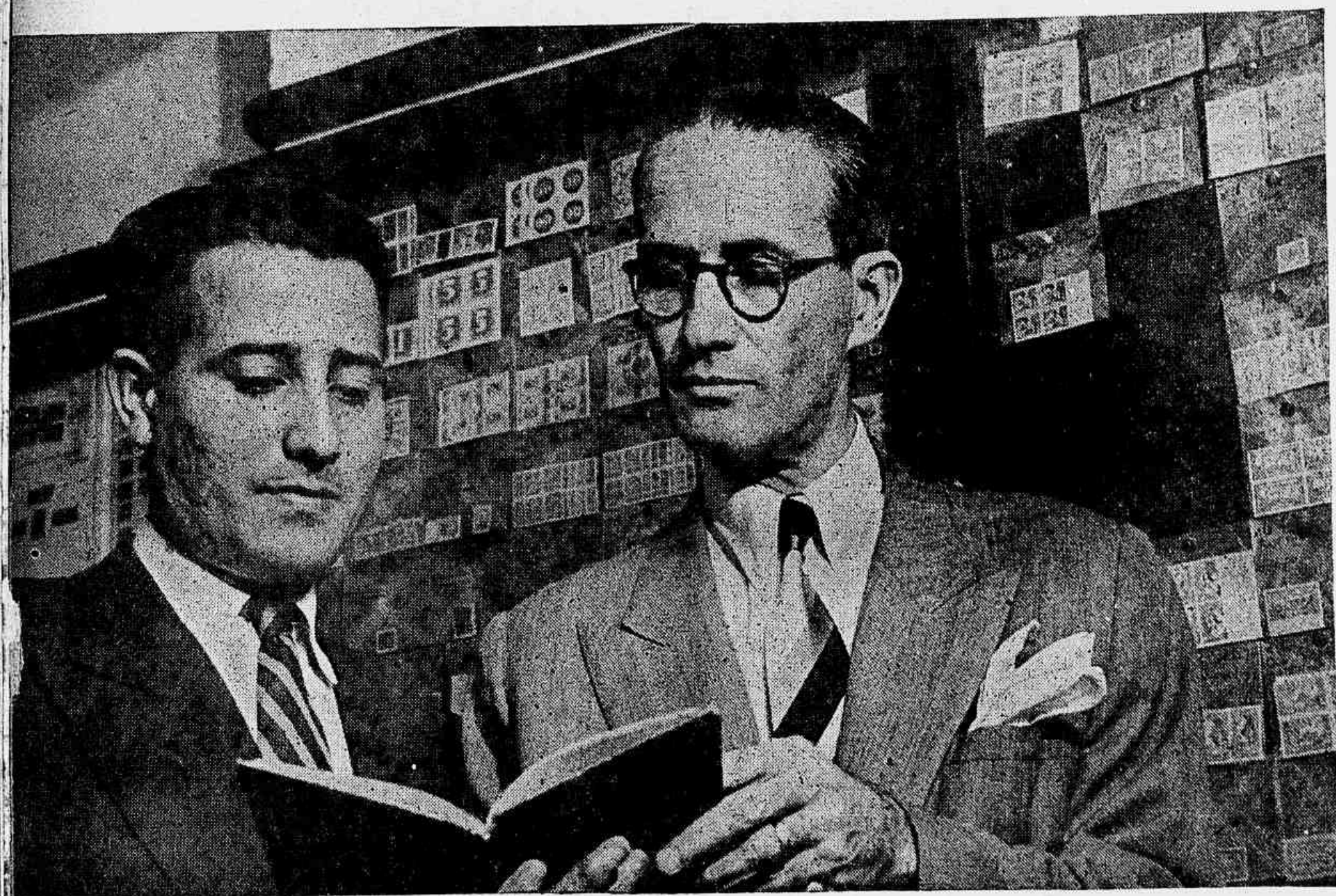
Embora não se saiba ao certo o que ele possui, seu prejuízo deve ser enorme. Azares de quem joga na bolsa...

PEQUENA HISTÓRIA DA FILATELIA

A arte de colecionar selos chamava-se, primitivamente, timbromania, timbrofilia e timbrologia. Começou a interessar como passatempo por volta de 1850, quase dez anos após a emissão do primeiro selo inglês. Dizem que seu início, como mania, foi accidental. Um professor parisiense, afim de estimular o gosto de seus alunos pela geografia, aconselhou-os a colar nas costas de cada página do atlas os selos referentes aos diversos países. Embora a franquia, por intermédio do selo, nascesse na Inglaterra, foram sempre a França e a Bélgica os países que mais se interessaram pela filatelia. Cabe, entretanto, aos ingleses a glória da publicação de uma revista exclusivamente dedicada a assuntos filatélicos, "The Stamp Collectors Review", que apareceu em Liverpool em 1862. A França editou o primeiro "Catalogue de Timbres", em 1861, e até hoje são os seus catálogos os de maior aceitação em todos os países do mundo. Embora fosse o Brasil o primeiro país a usar selos de correio, foi o Chile o que primeiro publicou na América do Sul uma revista filatélica, aparecida em Valparaíso, em 1878, sob a direção de Eberhardt, grande estudioso do assunto. Apareceu em São Paulo em 1882 o "Brasil Filatélico". Durou três meses, ressurgiu em 1885, teve uma existência mais longa, para desaparecer alguns anos depois. Na França surgiu a primeira sociedade filatélica que se chamou "Société Française de Timbrologie". No Brasil, atualmente possuímos perto de cinquenta sociedades e núcleos para o desenvolvimento da filatelia. A mais importante de todas é o Clube Filatélico do Brasil, com sede nesta cidade, à avenida Graça Aranha, 226, e que, apenas com dez anos de vida, já se tornou uma das maiores organizações mundiais na sua especialidade.

SEDE QUE VALE UM MILHÃO DE CRUZEIROS

O Clube Filatélico do Brasil, fundado em 1931, deve a sua pujança e prosperidade principalmente ao dinamismo do seu fundador, senhor Hugo Fraccaroli, a quem, também, muito deve a filatelia indígena. Suas salas, adquiridas por duzentos mil cruzeiros, têm ofertas de oitocentos mil, atualmente. Conta o Clube quatro mil associados, que contribuem com oito mil cruzeiros de mensalidades. Já realizou duas grandes exposições internacionais, às quais concorreram colecionadores dos quatro cantos da terra. Realiza troca de selos de seus associados com todos os países e possui em sua biblioteca revistas especializadas das principais nações da Europa, Ásia, e Américas. Somente três sociedades filatélicas em todo o mundo possuem sede própria e o Clube Filatélico do Brasil é uma delas. O Clube procura por todos os meios, incrementar e desenvolver o gosto pela filatelia, organizando exposições nacionais, mostras, auxiliando o governo na emissão de selos comemorativos etc. Uma das suas atividades interessantes é o leilão dos selos que faz realizar em sua sede todos os sábados. Nos leilões ordinários são arrematados exemplares, cujo valor vai desde um cruzeiro por estampa, até dois ou três mil cruzeiros. Os leilões vendem semanalmente de vinte e cinco a trinta mil cruzeiros. Observamos que hoje em dia os jovens predominam nas atividades filatélicas. Na Filatelia Internacional nos foi explicado porque se acentua esse fenômeno. Para que o mercado filatélico não se paralise completamente, os negociantes estão procurando interessar os adolescentes, dando-lhes





O Clube Filatélico possui em sua sede um posto oficial para a venda de selos, entregue à senhora Sylvia Silva, que se vê na foto. Ali têm grande procura as emissões comemorativas. Uma tiragem de quinhentos mil, emitida por ocasião do centenário da Princesa Isabel, no ano passado, foi devorada pelos especuladores filatélicos em sete dias. Daí para cá o mercado vem estando cada vez mais em baixa e os preços que os vendedores pretendiam alcançar são fantásticos e impossíveis.

mostra em suas vitrines pacotes com grande quantidade de selos por preços baixíssimos. O preço acessível incita o jovem a adquirir o pacote e, comprado este, ganha a filatelia mais um colecionador. A esperança das casas filatélicas são os jovens estudantes, que se iniciam comprando grande quantidade de selos baratos.

UMA NOVA PARA OS VELHOS ENTENDADORES

O verdadeiro inventor do selo postal está ficando cada vez mais esquecido. Mesmo entre os colecionadores, poucos saberão que não foi Rowland Hill o autor da idéia de se usar uma pequena estampa para a franquia prévia das cartas. A glória de ter pôsto em uso prático e contribuído para aceitação mundial do novo sistema de franquia, deve caber, indiscutivelmente, a Sir Rowland Hill. Graças aos seus esforços, o governo inglês em 27 de Abril de 1840 oficializava o emprego do selo postal. Vendo o vantajoso resultado obtido pela Inglaterra, os outros países começaram a adotar alguns anos depois. Acontece que a idéia original de Sir Rowland foi o uso das cartas seladas, pelas quais se batia a princípio. O verdadeiro inventor do selo, na forma de pequenina estampa sobreposta no envelope, foi o inglês inglês, natural da cidade de Londres, James Chalmers. James Chalmers, em 1938 uma amostra do selo, tal como ela a imaginou, a Sir Rowland. Este, em-

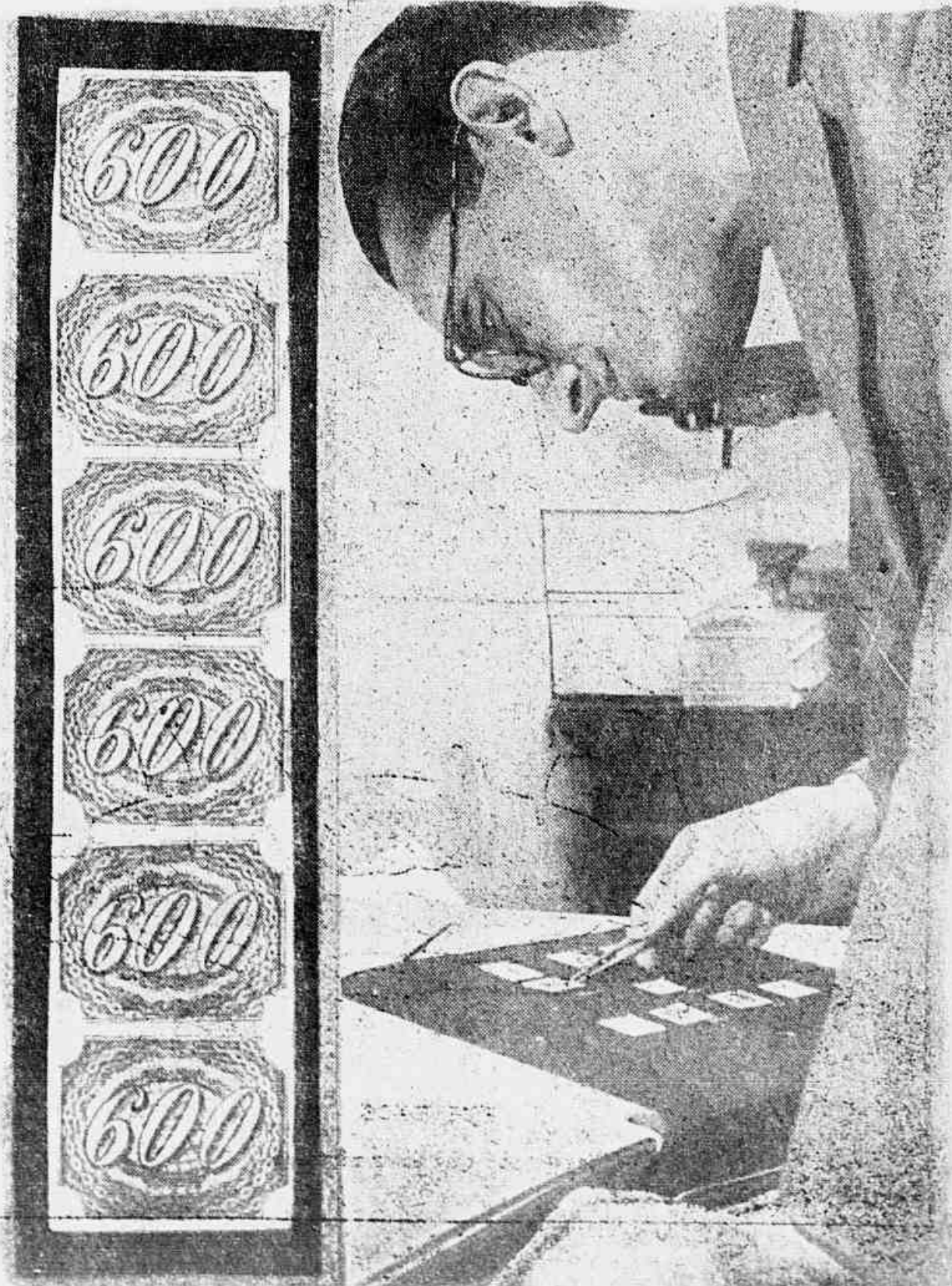
bora alguns anos mais tarde usasse a idéia de Chalmers, nunca trouxe à luz a contribuição do tipógrafo. Houve um processo movido por este contra Sir Rowland e isso bastou para que a verdade histórica desse a James Chalmers a paternidade da invenção. Isso poderá ser encontrado na "British Encyclopedia" e no "Dictionary of National Biography", ambos em edições do século passado. Não sabemos a que atribuir o esquecimento a que foi ficando relegado o nome de James Chalmers, sendo hoje quase que desconhecido pelos próprios filatelistas.

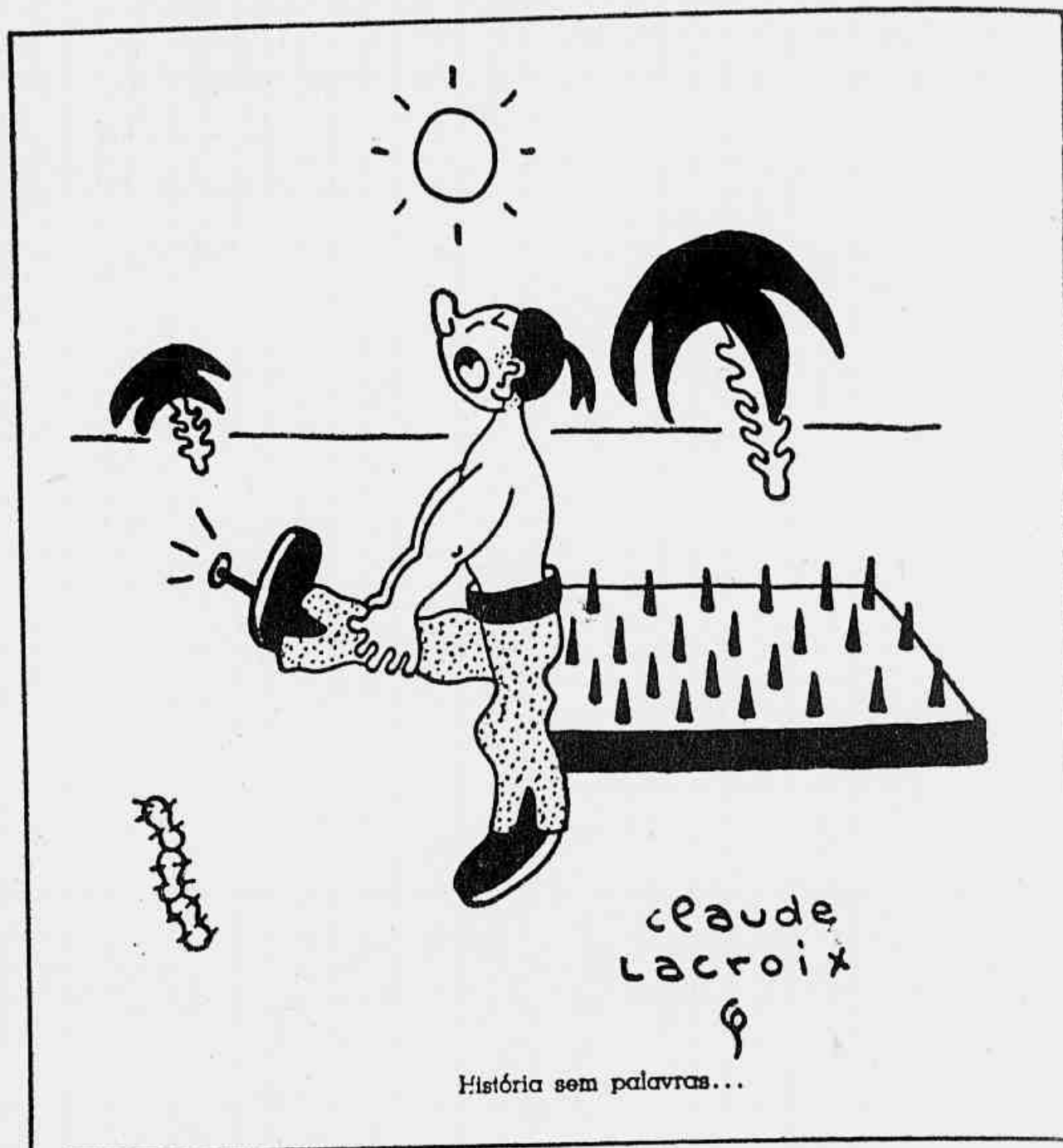
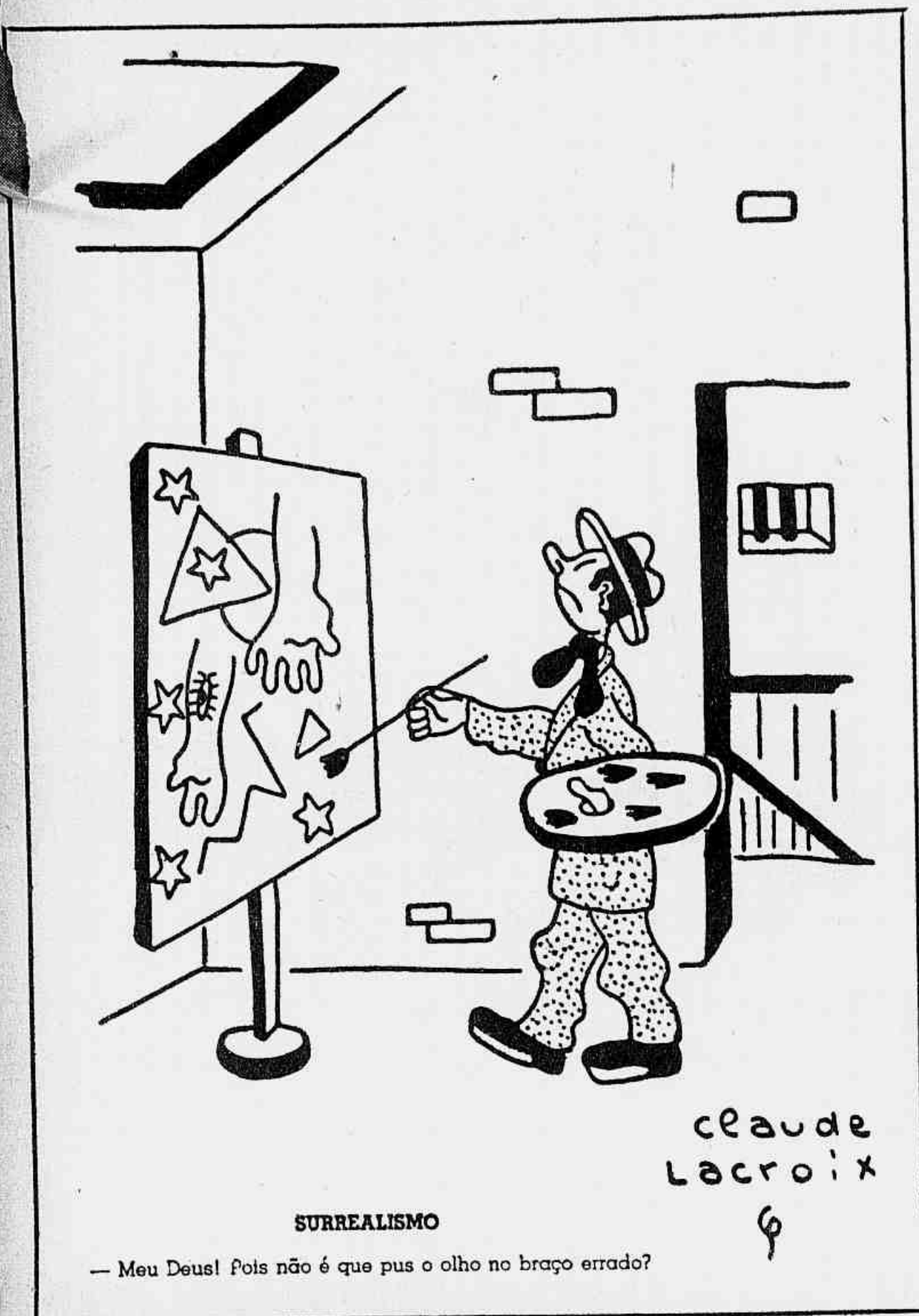
MERCADO EM BAIXA. BÓA HORA PARA AS COMPRAS

Se a hora é de prejuízo para os que se desfazem de suas coleções, é, por isso mesmo, propícia para os que desejam tornar-se filatelistas. Comprarão selos oitenta por cento mais baixo do que custavam no ano passado.

A coleção que o principiante começa a organizar valerá, é verdade, também pouco, se for estimada pela lei da oferta e da procura. Mas, será mais fácil formar uma boa coleção agora, com o mercado em crise, e aguardar que o tempo passe. Esperar dez, quinze ou, mesmo vinte anos. Nesse futuro, próximo ou distante, o lucro será certo. Mesmo porque uma das principais qualidades do filatelista é a paciência, o amor ao selo, a certeza de que haverá sempre filatelistas e de que, — quem sabe? — os preços subirão outra vez...

A Filatélica Ariró fez uma das maiores compras nos últimos anos, adquirindo os albums do senhor Péricles da Silveira por novecentos e cinquenta mil cruzeiros. Até hoje tem selos — e muitas — dessa coleção para vender.

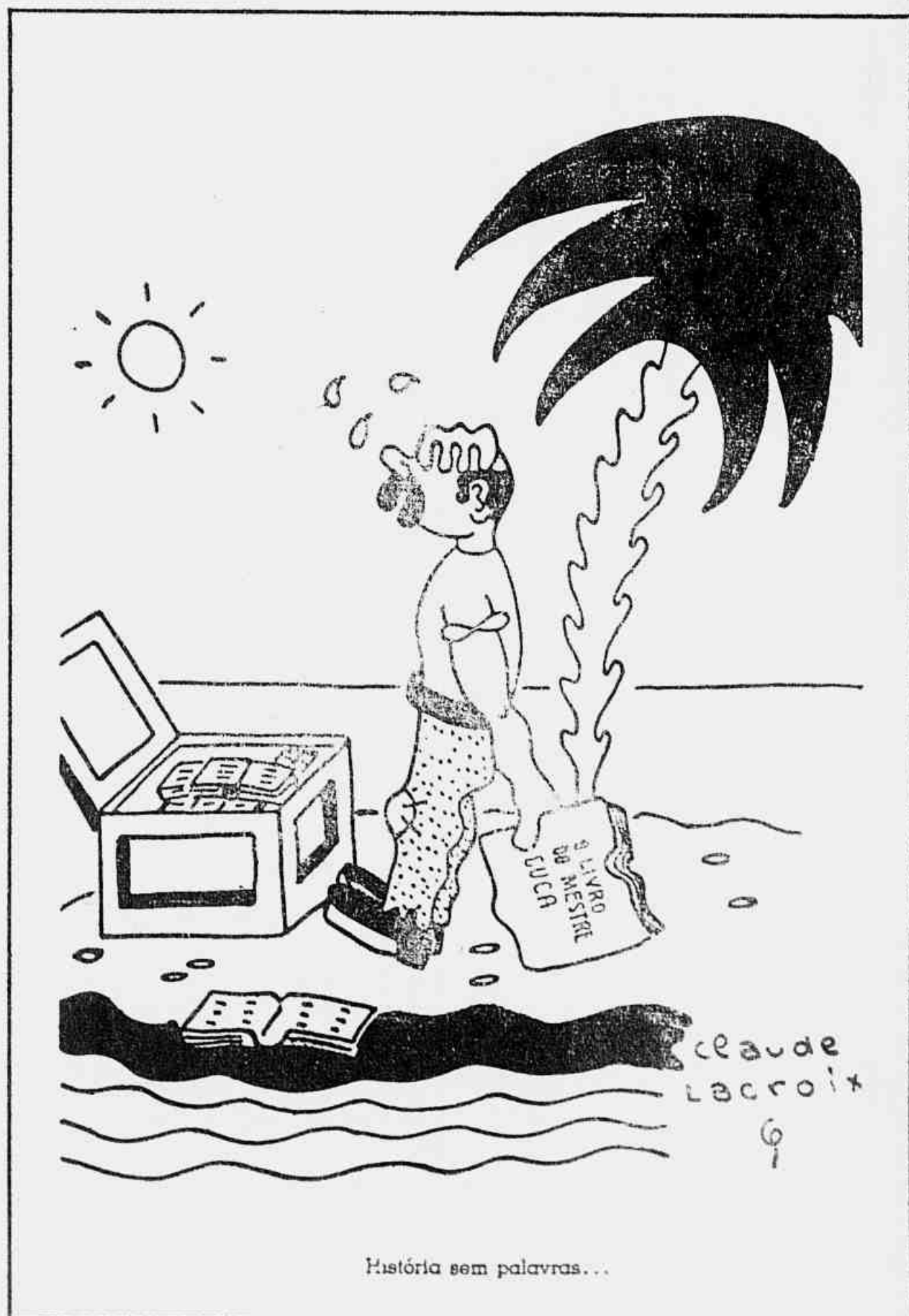
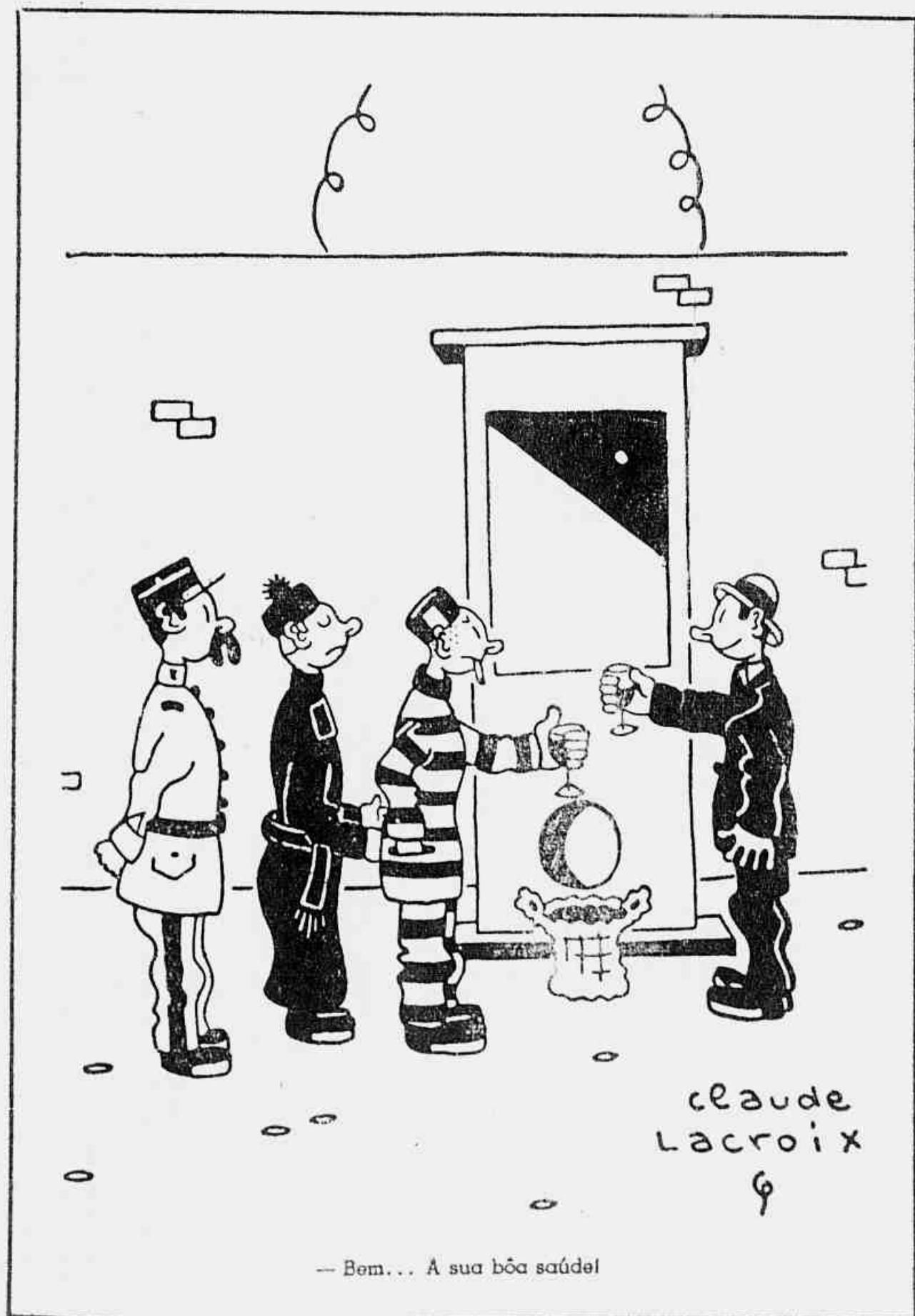
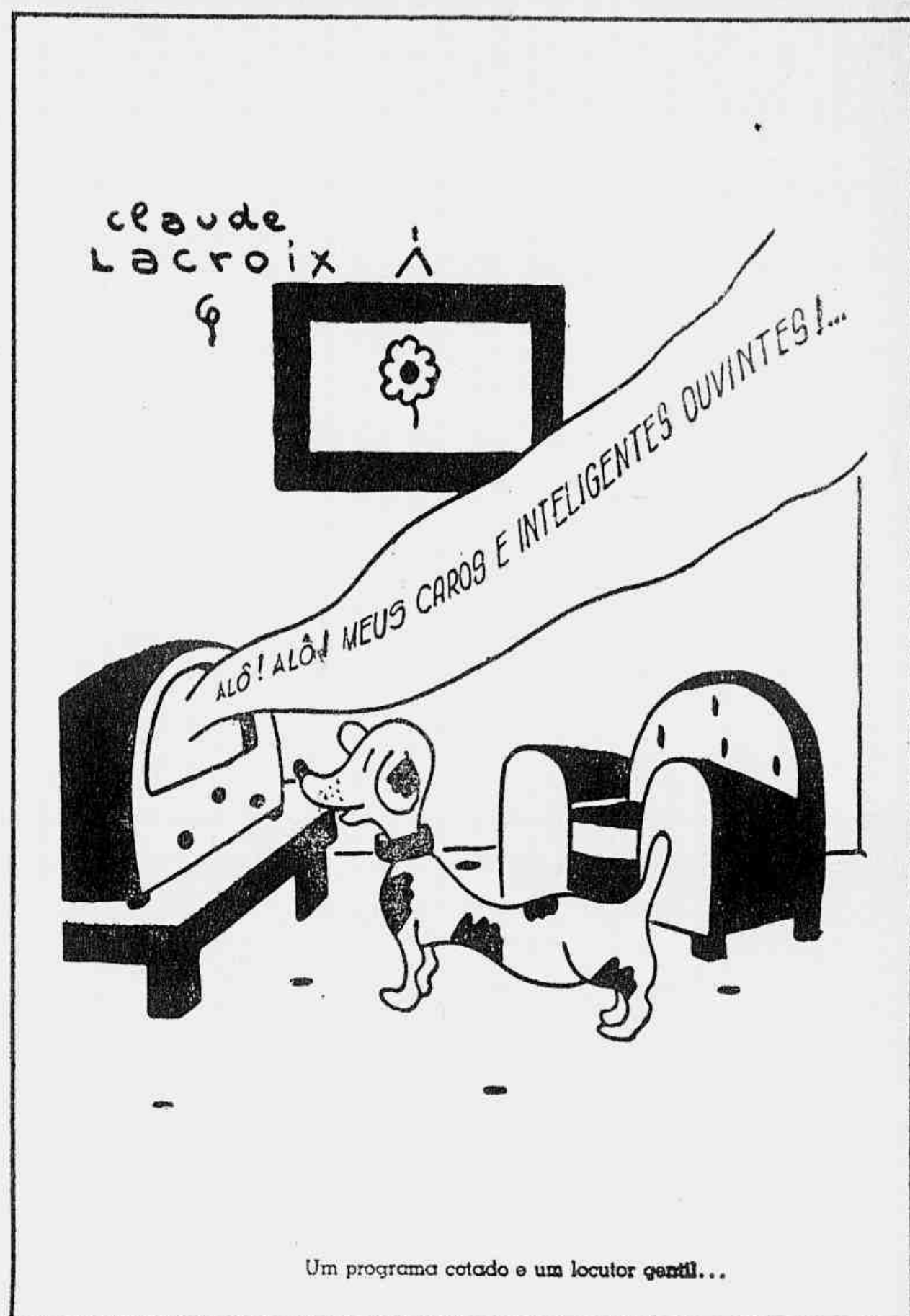
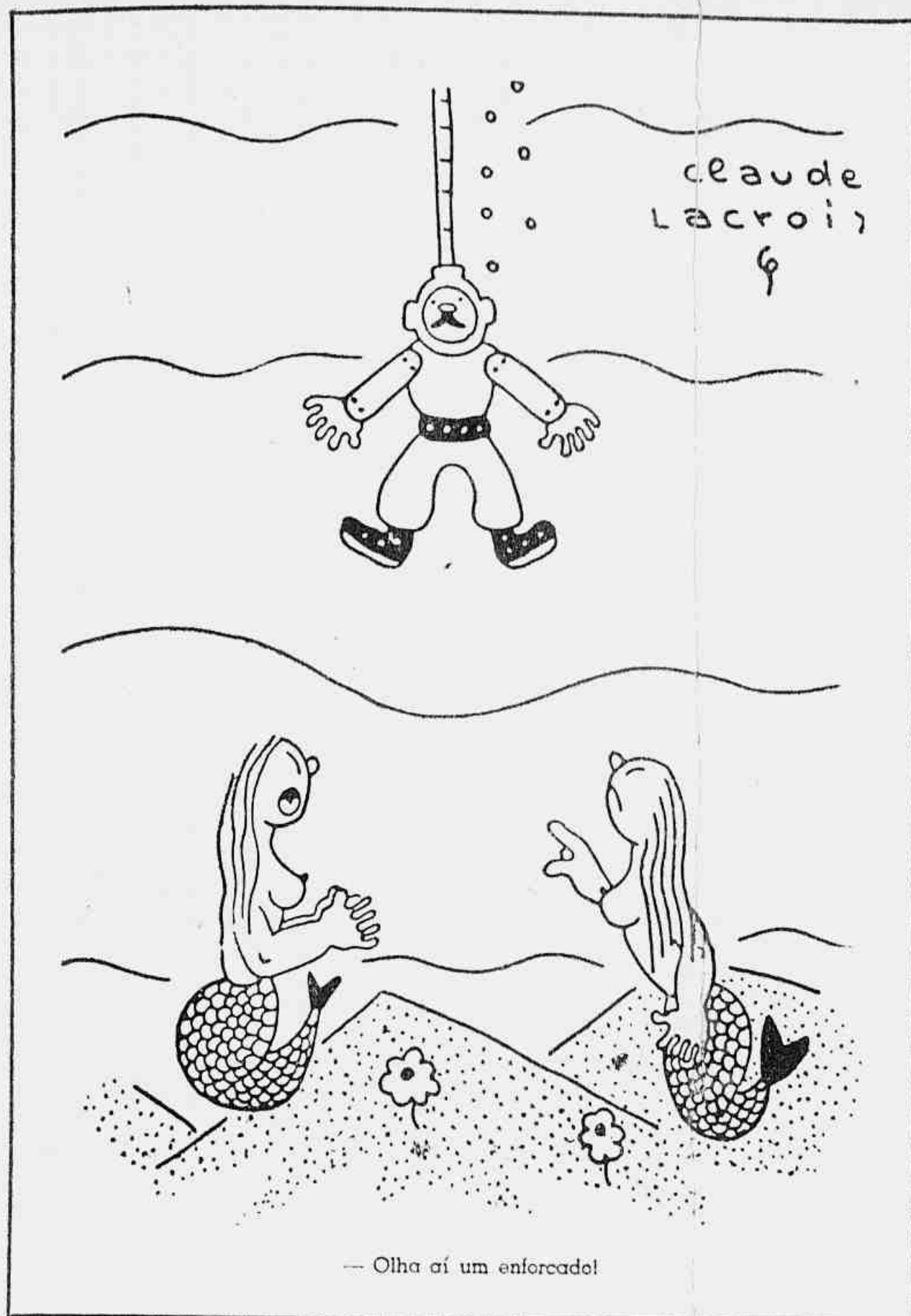




BOM HUMOR

C LAUDE Lacroix é um novo talento da caricatura francesa. E' um produto "d'après la guerre", revelado há pouco nas revistas humorísticas de Paris. Da capital francesa, Claude Lacroix enviou-nos estas duas páginas de caricaturas, através de Nelson Vainer, nosso enviado especial à Europa. Gostamos dos trabalhos do novo caricaturista e esperamos que os nossos leitores também apreciem o talento de Claude Lacroix.







ENLACE

MARIA DULCE AZEVEDO

SEVERINO SILVINO PEREIRA

Realizou-se em São Paulo, no dia 30 de Julho p. p., o enlace matrimonial da srta. Maria Dulce Azevedo, filha do sr. Ariston Azevedo, prestigioso industrial paulista, e da excelentíssima sra. d. Estela Kenworthy Azevedo, com o dr. Severino Silvino Pereira, filho do sr. Manoel Silvino Coelho, já falecido, e da excelentíssima sra. d. Minervina Silvino Pereira.

A cerimônia religiosa teve lugar às 18 horas, na Igreja Matriz da Consolação, contando com a presença de numerosas personalidades de destaque e dos elementos mais representativos da alta sociedade bandeirante.

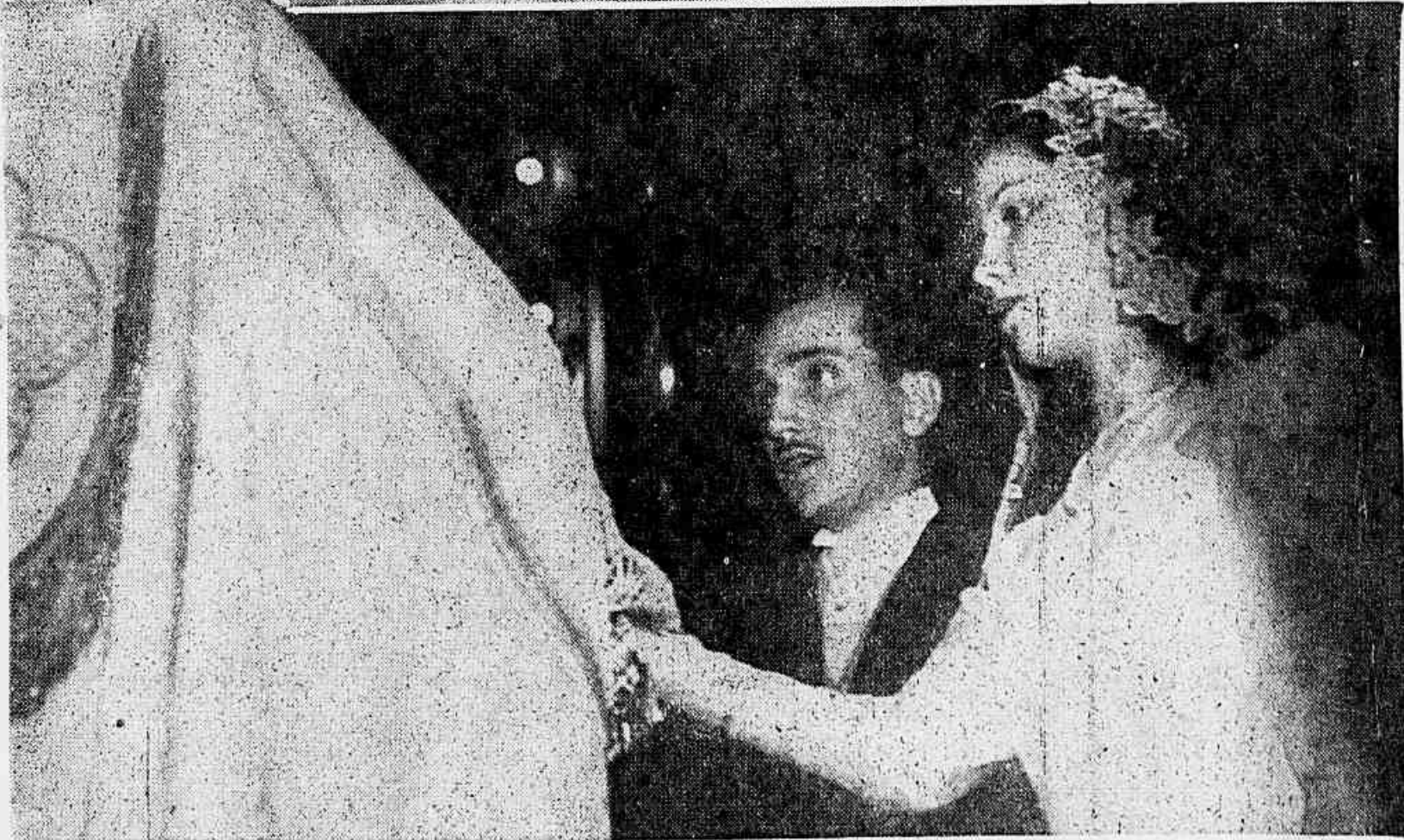
Foram padrinhos da noiva, no ato religioso, o sr. Severino Pereira da Silva, capitalista e dinâmico industrial paulista, e d. Francisca Moura Pereira da Silva; no civil, o sr. Amaro Silvino Pereira e d. Maria Helena Moura Silvino Pereira.

Testemunharam os atos, por parte do noivo, o sr. Ariston Azevedo e d. Estella Kenworthy Azevedo, no religioso; no civil, o sr. Eduardo Martins Passos e d. Helena Barros Martins Passos.

Dado o vasto círculo de relações das duas tradicionais famílias, o enlace **Maria Dulce Azevedo-Severino Silvino Pereira**, constituiu nota marcante e motivo de grande regozijo nos meios sociais da capital paulista.

★

Ao alto — Flagrante dos noivos, tomado no "Harmonia", vendo-se o sr. Ariston Azevedo, pai da noiva e padrinho do noivo. No centro — Aspecto da cerimônia nupcial. Em baixo — Os casais João Silvino Pereira e Herenciano dos Santos, presentes ao casamento. À direita — A chuva de arroz surpreende os noivos, à entrada do "Harmonia".



FESTA REAL EM DUQUE DE CAXIAS

COM brilhantismo invulgar, realizou-se recentemente o baile de coroação da "Rainha de Duque de Caxias", nos salões do "Monte Castelo", naquela vizinha cidade, para onde acorreram os elementos mais representativos da sociedade local.

O PLEITO

A idéia da eleição da "Rainha de Duque de Caxias" partiu de um grupo de comerciantes, sendo patrocinada pelo Serviço de Alto-falantes da cidade, que dirigiu o grande pleito, no qual se empenharam, em busca da cobiçada coroa, as mais lindas e prendas jovens do Município.

Na apuração final, levada a efeito no auditorium do S. A. F. D. C., saiu vitoriosa a srta. Maria Teixeira de Aguiar, sagrando-se princesas as srtas. Almerinda de Oliveira e Neuza Barros.



Nesta página, três flagrantes que bem atestam o brilhantismo de que se revestiu o grande baile de coroação da "Rainha de Duque de Caxias": Ao alto, S. M. Maria Teixeira de Aguiar, ladeada pelas princesas Almerinda de Oliveira e Neuza Barros. À esquerda: Em cima, o deputado Dr. Natalício Tenório Cavalcanti coroando a rainha proclamada, enquanto o capitão Rocha Maia, Prefeito Municipal, coloca na jovem eleita a faixa simbólica; finalmente, um aspecto do elegante baile.



A COROAÇÃO

Fôra um memorável espetáculo social a eleição da "Rainha de Duque de Caxias". Conhecida a vencedora do renhido pleito, seria, pois, mistér, para coroa-la, uma festa que não desmerecesse o entusiasmo e o brilhantismo do concurso.

E assim se fez. O salão do "Monte Castelo", durante a realização do baile real, viveu uma de suas noites mais bonitas.

Tôda a sociedade de Duque de Caxias ali se encontrava para render um preito de admiração a S. M.

Culminou o sarau com a proclamação e coroação da srta. Maria Teixeira de Aguiar, feita pelo Dr. Natalício Tenório Cavalcanti, deputado da U. D. N. à Assembléia Legislativa do Estado do Rio e líder popular de grande prestígio em Duque de Caxias.

Quando o conhecido político colocou a coroa real sobre a cerviz da jovem eleita, a assistência prorrompeu em entusiástica salva de palmas.

Em seguida, foi colocada nos ombros de S. M. a faixa simbólica pelo capitão Rocha Maia, prefeito da cidade.

Animada por excelentes orquestras, teve início então o grande baile que, num ambiente de elegância e distinção, prolongou-se até alta madrugada.



ENLACE

MARIA DULCE AZEVEDO

SEVERINO SILVINO PEREIRA

Realizou-se em São Paulo, no dia 30 de Julho p. p., o enlace matrimonial da srta. Maria Dulce Azevedo, filha do sr. Ariston Azevedo, prestigioso industrial paulista, e da excelentíssima sra. d. Estela Kenworthy Azevedo, com o dr. Severino Silvino Pereira, filho do sr. Manoel Silvino Coelho, já falecido, e da excelentíssima sra. d. Minervina Silvino Pereira.

A cerimônia religiosa teve lugar às 18 horas, na Igreja Matriz da Consolação, contando com a presença de numerosas personalidades de destaque e dos elementos mais representativos da alta sociedade bandeirante.

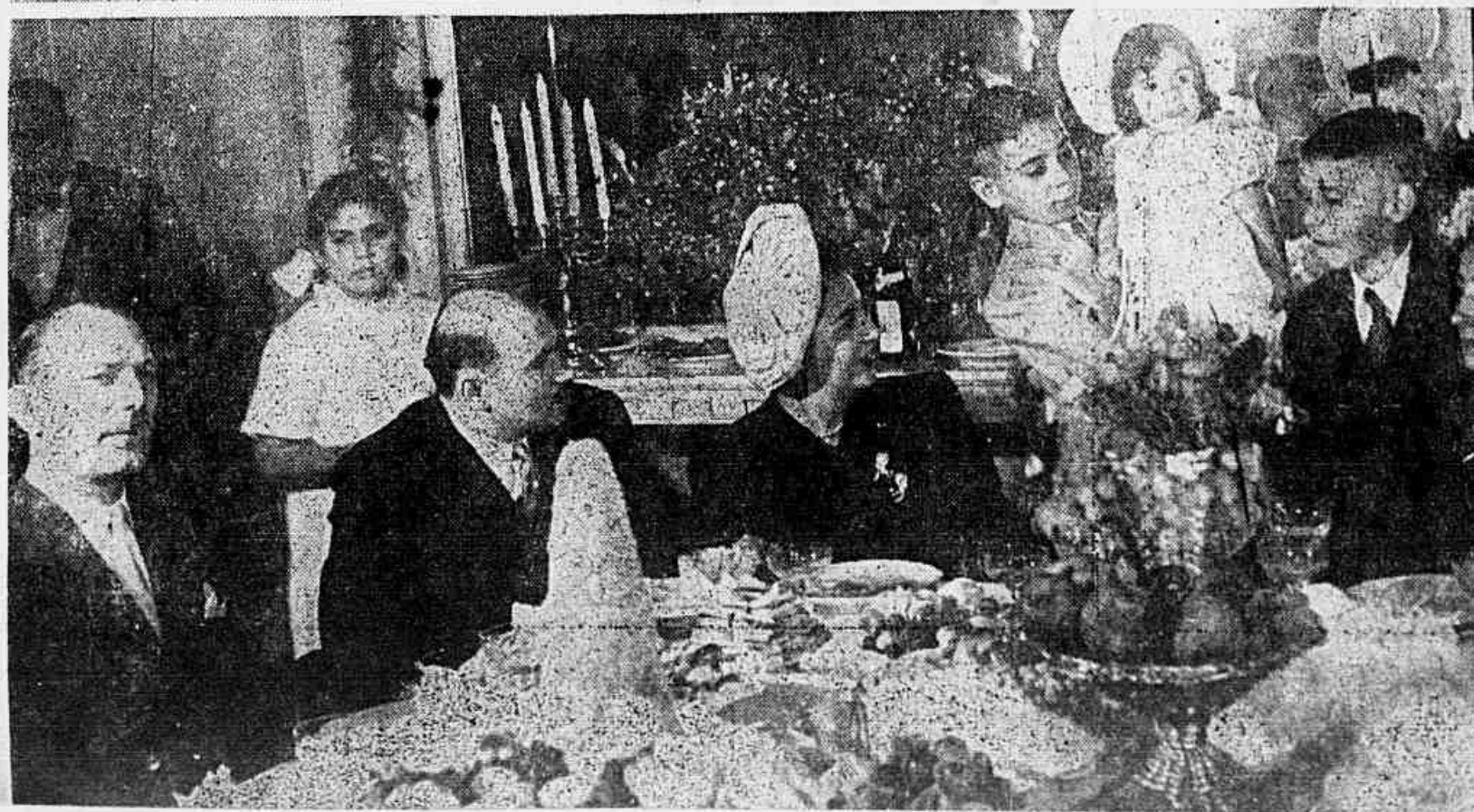
Foram padrinhos da noiva, no ato religioso, o sr. Severino Pereira da Silva, capitalista e dinâmico industrial paulista, e d. Francisca Moura Pereira da Silva; no civil, o sr. Amaro Silvino Pereira e d. Maria Helena Moura Silvino Pereira.

Testemunharam os atos, por parte do noivo, o sr. Ariston Azevedo e d. Estela Kenworthy Azevedo, no religioso; no civil, o sr. Eduardo Martins Passos e d. Helena Barros Martins Passos.

Dado o vasto círculo de relações das duas tradicionais famílias, o enlace **Maria Dulce Azevedo-Severino Silvino Pereira**, constituiu nota marcante e motivo de grande regozijo nos meios sociais da capital paulista.

★

Ao alto — Flagrante dos noivos, tomado no "Harmonia", vendo-se o sr. Ariston Azevedo, pai da noiva e padrinho do noivo. No centro — Aspecto da cerimônia nupcial. Em baixo — Os casais João Silvino Pereira e Herenciano dos Santos, presentes ao casamento. À direita — A chuva de arroz surpreende os noivos, à entrada do "Harmonia".



FESTA REAL EM DUQUE DE CAXIAS

COM brilhantismo invulgar, realizou-se recentemente o baile de coroação da "Rainha de Duque de Caxias", nos salões do "Monte Castelo", naquela vizinha cidade, para onde acorreram os elementos mais representativos da sociedade local.

O PLEITO

A idéia da eleição da "Rainha de Duque de Caxias" partiu de um grupo de comerciantes, sendo patrocinada pelo Serviço de Alto-falantes da cidade, que dirigiu o grande pleito, no qual se empenharam, em busca da cobiçada coroa, as mais lindas e prendas jovens do Município.

Na apuração final, levada a efeito no auditorium do S. A. F. D. C., saiu vitoriosa a srta. Maria Teixeira de Aguiar, sagrando-se princesas as srts. Almerinda de Oliveira e Neuza Barros.



Nesta página, três flagrantes que bem atestam o brilhantismo de que se revestiu o grande baile de coroação da "Rainha de Duque de Caxias": Ao alto, S. M. Maria Teixeira de Aguiar, ladeada pelas princesas Almerinda de Oliveira e Neuza Barros. A esquerda: Em cima, o deputado Dr. Natalício Tenório Cavalcanti coroando a rainha proclamada, enquanto o capitão Rocha Maia, Prefeito Municipal, coloca na jovem eleita a faixa simbólica; finalmente, um aspecto do elegante baile.



A COROAÇÃO

Fôra um memorável espetáculo social a eleição da "Rainha de Duque de Caxias". Conhecida a vencedora do renhido pleito, seria, pois, mistér, para corô-la, uma festa que não desmerecesse o entusiasmo e o brilhantismo do concurso.

E assim se fez. O salão do "Monte Castelo", durante a realização do baile real, viveu uma de suas noites mais bonitas.

Tôda a sociedade de Duque de Caxias ali se encontrava para render um preito de admiração a S. M.

Culminou o sarau com a proclamação e coroação da srta. Maria Teixeira de Aguiar, feita pelo Dr. Natalício Tenório Cavalcanti, deputado da U. D. N. à Assembléia Legislativa do Estado do Rio e líder popular de grande prestígio em Duque de Caxias.

Quando o conhecido político colocou a corôa real sôbre a cerviz da jóvem eleita, a assistência prorrompeu em entusiástica salva de palmas.

Em seguida, foi colocada nos ombros de S. M. a faixa simbólica pelo capitão Rocha Maia, prefeito da cidade.

Animada por excelentes orquestras, teve início então o grande baile que, num ambiente de elegância e distinção, prolongou-se até alta madrugada.





O Rio que não mudou: vista tomada da rua do Propósito, com o seu primitivo calçamento de pedras irregulares.

O RIO DE JANEIRO HÁ CINQUENTA ANOS

A VIDA ESPORTIVA — O MEIO LITERÁRIO — OS CARICATURISTAS

Por LUÍS EDMUNDO (Da Academia Brasileira de Letras)

(CONCLUSÃO)

AS alegrias do sport, por esse tempo, são bem menores que as de hoje. Há clubes de corridas, a pé, corridas de cavalos, de bicicleta, regatas, jogos de pelota (introduzidos pelos espanhóis) e boliche. O football ainda não se conhece, como agora. Apenas, pode-se adiantar, como uma nota interessante, com pretensões históricas, o seguinte: por essa mesma época, Oscar Cox que organizou o nosso primeiro conjunto de football, no Paisandú, Cricket Club, ainda menino, jogava, com o autor destas linhas, no Colégio Abílio, então à rua Marquês de Abrantes, o conhecido jogo inglês, muito embora de forma incipiente, jogo no qual não se observam, ainda com rigor, as normas estabelecidas agora.

Há uma aléia de mangueiras que vai do portão do Colégio a uma espécie de outeiro onde se encontra a escadaria que nos conduz ao internato. Traça-se, entre uma árvore e outra, uma linha no chão que simboliza a entrada de um goal. A uns 20 ou 30 metros de distância, entre outras duas mangueiras, um outro sulco indica o goal adverso. Cox e um certo Fonseca, chefes do jogo, escolhem os jogadores que hão de formar os teams. Um por um são escolhidos, alternadamente, pelos improvisados chefes. Prontos os quadros que vão jogar, compostos, em geral, por 20 ou trinta jogadores, começa-se a partida. Os que jogam não têm posição determinada na hora da partida esportiva. Nem goal-keeper determinado existe. A batalha trava-se, assim, desordenadamente, em meio a um alarido enorme que culmina quando se faz um goal. Se a bola prende-se a um dos galhos das mangueiras, o trabalho aí, é arrancá-la do lugar em que está a golpes de bambú. Vezes, faz-se necessário um dos jogadores subir pelo tronco da árvore, afim de libertar o precioso balão de borracha, trazido pelo Cox, da Inglaterra. E o jogo continua. A ausência de juizes provoca, como é natural, discussões e lutas corporais. A intervenção, porém, do bedel, que toma conta do recreio, restabelece, no momento, a tranquilidade dos ânimos e a partida não se interrompe, continua.

Assim jogam os pioneiros do football carioca, no Colégio Abílio, quatro anos antes de terminar o século.

Em 1897 o parnasianismo e o naturalismo aqui chegados de Paris, bem como as cartolas Delion e as saías de sungar, dominam e inflamam os próceres da nossa literatura. Intelectualmente, como se vê, continuamos discípulos obedientes e disciplinados da velha e sempre amada França, bem como nossos amigos portugueses.

De olhos postos em Leconte de Lisle, em Banville, em Dierx, em Heredia e em Coppé, são parnasianos grandes poetas como Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Bilac, Luís Murat e Guimarães Passos.

À esquerda: Alcindo Guanabara, um talento que brilhava na nossa imprensa, há cinquenta anos, em pleno apogeu. À direita: Coelho Netto, uma das figuras mais populares das letras e do jornalismo de há cinquenta anos.



Seguindo as normas literárias dos naturalistas, Zola, Mirabeau, e Maupassant, escreveu fortes romancistas como Aluizio de Azevedo, Coelho Neto e Machado de Assis.

Ainda não apareceu, a todos deslumbrando, o autor dos *Sertões*, mestre Euclides da Cunha. Ninguém suspeita, mesmo, que ele exista.

E o que se passa, nesse tempo, entre a gente nova que começa e que compõe o quadro dos que nas letras nossas representam a nova geração? Essa, aceita o recém-nascido simbolismo que, nas montanhas das livrarias de Paris surge, então, como um fantasma, disposto a deverar todas as escolas literárias até então aparecidas e consagradas. Há um órgão oficial que explica e que propaga essa revolução nas letras — *O Mercure de France*, velha revista que na capital da França se transforma em porta voz da nova idéia, periódico mensal, que a Livraria Garnier, à rua do Ouvidor, recebe e vende a uns pálidos rapazes de ar romântico, cabeleiras talhadas à moda ninivita, gravatas a Lavallere e pence-nez de cordão com aros de tartaruga, quando não trazem a arregañar-lhes o olho bambo e genial, monóculos de vidro, presos, por uma fita larga e negra, à gola estreita do casaco.

Geralmente, esses jovens mostram um aspecto tranquilo de homens bem comportados. Contudo, trazem a alma nascida para melhores sonhos, em alvoreço e combustão. Lêem autores vermelhos como Bakounine, Karl Marx, Kropotkin, Brousse, Dejean e Plecard. Têm Ravachol e Vaillant, (o assassino de Carnot), como ídolos. Sonham revoluções sangrentas e espetaculares. Não é de admirar que apóiem, assim, posto, os cérebros novos de uma literatura disposta a destruir, de *fond en comble*, o pensamento literário aceito e consagrado até então. Um deles, que vai acabar, dentro de pouco tempo, membro da nossa Academia, burguês, conservador, lendo Camões e o Padre Antonio Vieira, havia de escrever esta frase que fez, entre os seus comparsas literários da época, um notável sucesso: Esse mulato pretencioso e besta que se chamou Gonçalves Dias...

Ao autor da *"Legenda dos Séculos"* chamava-se-o Dr. Vitor Hugo. Shakespeare era um jumento inglês e, o velho Dante, um pobre débil mental que vivia a sonhar com os círculos do Inferno.

E os nomes desses iconoclastas que eram, em política, anarquistas, e, em literatura, simbolistas, devotos dos cânones literários dos Mallarmé, dos Viellie, Griffin, Paul Fort, Rimbaud, Saint George de Bouhelier, Samain, Francis James, Gustav Kan e Rachilde? E-los: Gustavo Santiago, An-

O Rio de Janeiro que não mudou... Uma das nossas ruas da zona central da cidade, guardando a mesma fisionomia de há cinquenta anos.

como Austregésilo, (convertido, depois, à religião literária dos seus avós, hoje sósido membro da nossa Academia de Letras), Carlos Dias Fernandes, Nestor Vitor, Guerra Duval, Oliveira Gomes, Castro Menezes, Orlando Teixeira, Figueiredo Pimentel, Neto Machado e Azevedo Cruz.

Fazem ponto, em geral, esses senhores, no Café Paris, no Café Papagaio ou na Livraria do Quaresma.

Os velhos encontram-se na Confeitaria do Paschoal (a Colombo ainda não abriu as suas portas) e na Livraria Garnier.

Ainda não se vive de literatura. As tiragens dos livros são pequenas. Os poetas de nome tiram, de suas obras, edições de 500, 600 e 1.000 exemplares. Só os romancistas logram edições um pouco maiores.

Os escritores, para viver, fazem-se funcionários públicos. Machado de Assis trabalha no Ministério da Viação e Obras Públicas, Bilac é inspetor escolar, Raimundo Correia é juiz, Luís Murat, tabelião. Para melhorar, um pouco, a existência modesta que desfrutam, escrevem para os jornais que pagam mal, quando pagam. Bilac, Coelho Neto, Arthur de Azevedo e Guimarães Passos, publicam crônicas, ensaios e outros gêneros de artigos para esse jornalismo explorador e pobre.

Contudo, essa imprensa modesta possui um grupo forte de jornalistas, gente de alto valor, como José do Patrocínio, Alcindo Guanabara, Quintino Bocayuva, Ferreira de Araújo, Oliveira Rocha, Henrique Cancio, Bilac, Medeiros e Albuquerque, Blater, Guimarães Passos, Américo dos Santos, Tobias Monteiro, Oscar Guanabara, Henrique Chaves, Ernesto Sena e Joaquim Leitão.

Paula Ney, êmulos de Emílio de Menezes, incorrigíveis boêmios, cuja vida anedótica, engraçada, ainda hoje recordamos com amor, é uma figura à parte, destacável, nesse núcleo de consagrados. Morre em Outubro de 97. A maior perda do ano!

Arthur Azevedo, que escreve no *O País*, glosando o desaparecimento do saudoso boêmio, publica um célebre soneto que assim termina:

"Neste dia fatal, no dia em que morreste,
Pela primeira vez o espírito perdeste
E fizeste chorar pela primeira vez".

E já que discorremos sobre os ases do livro e do jornal, bom será não esquecer de registrarmos os que eleva-



ram, no Brasil, a glória de outras artes. Os mais famosos pintores que possuíamos por esse tempo, (considerados, até então, os maiores na história da pintura nacional) Vitor Meireles e Pedro Américo, ainda vivem. Rodolfo Amoedo, Henrique Bernadelli, Flusa, Belmiro de Almeida e Parreiras, já têm nome e são tidos como belos pintores. Na escultura possuímos Rodolfo Bernadelli, autor de vários monumentos que ainda hoje lhe recordam o nome, por praças e jardins desta cidade. Dirige, então, a Escola Nacional de Belas Artes.

A arte brejeira da caricatura apresenta Angelo Agostini, velho diretor da Revista Ilustrada e Julião Machado, Catanheda e Belmiro, os maiores artistas que, então, no gênero, possuíamos, Calixto, Raul, Lucas, Luís I. Carlos e Amaro Amaral, são jovens estreantes que se fazem, depois, gloriosos continuadores dos primeiros.

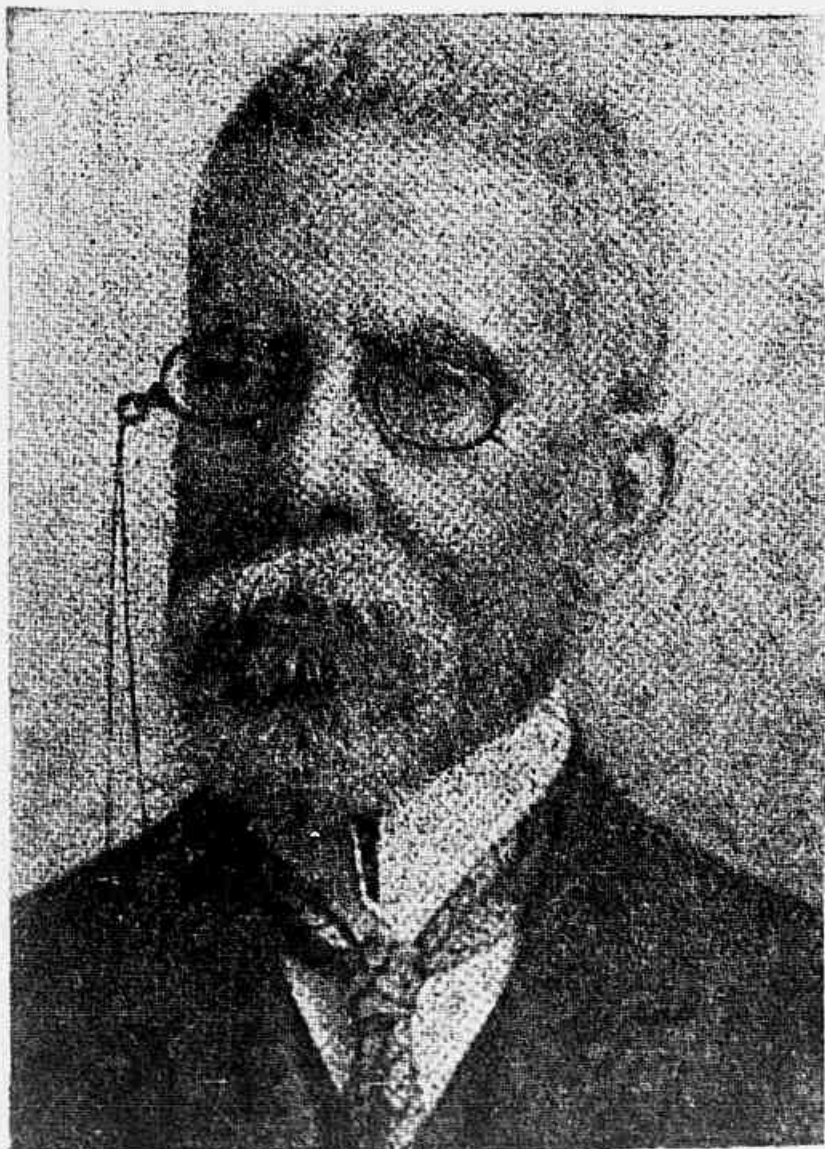
Não posso deixar de evocar, entre esses, o grande Julião Machado. Julião é português de nascimento. Como tal, no entanto, adapta-se de tal forma ao am-

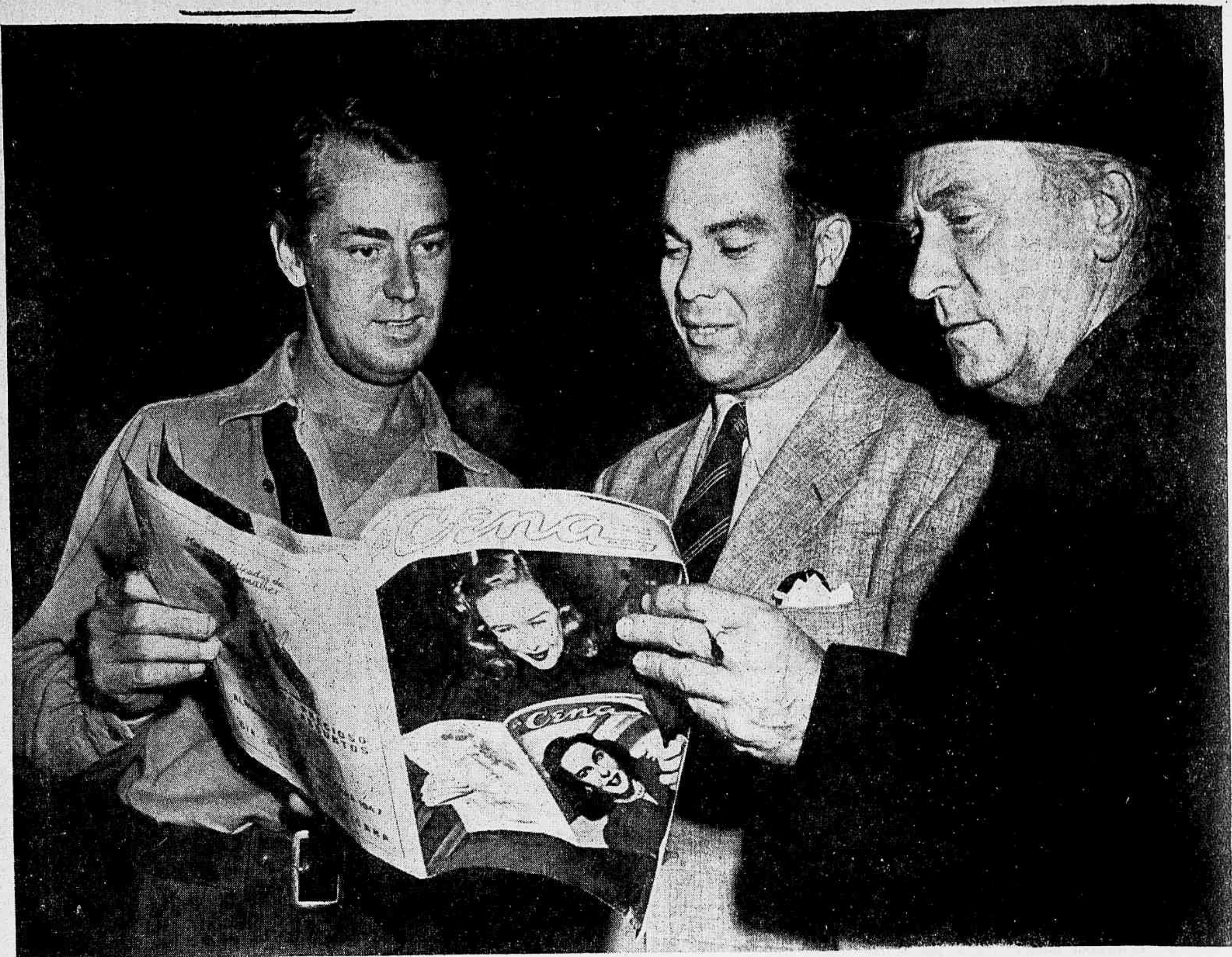
biente em que vive, que só quando diz: "O' preta, ninguém, mulhere, preguntare," é que percebemos que ele não é dos nossos. Com pena, porque tem muito talento, um coração de ouro e um caráter sem jaca. Vive entre brasileiros, na mais estreita comunhão, irmão de verdade, grande irmão, em meio até aos mais rubros e extremados nacionalistas, por ele queridos e admirados. Nas críticas de acontecimentos, e costumes (nossos costumes), e pessoas (nossas pessoas), com chiste, com graça, mas, sem ofender ninguém.

Conto a propósito de Julião um fato extraordinário, referido por José Malhos, pouco antes de morrer, ao autor destas linhas, quando desejava pôr em relevo a interessante figura moral do caricaturista. Julião trabalhava no *"O País"*, numa época em que João Lage era soado e confundido por Edmundo Bittencourt, que lhe vigiava de perto as marceiras e o topete. Lage, para vingar-se de Edmundo, maquina uma caricatura ignóbil, para fazer acompanhar de uma legenda infame, em artigo que escreve. Chama Julião, seu empregado, ilustrador da tolha e dá-lhe a encomenda, orientando o desenho, não sem acrescentar: — Por causa das dúvidas, não assinarás o trabalho, podendo até, para melhor despistamento, mudar o traço do mesmo. Pede para as sete horas da noite a charge viperina. São duas da tarde, ou três. Julião arrega-se ante a ordem de seu patrão e sai. Vai para casa fazer o que se lhe pede. Às sete da noite entra pelo *"O País"* a dentro, muito pálido, a mão direita envolvida num grande pano. E assim fala a João Lage: — Ao apontar o lápis, estupidamente, com a mão esquerda escape-me o canivete, e, zás!, quase decepto o dedo. Não fiz o desenho nem poderei desenhar tão cedo, veja! — E tira os panos que lhe envolvem a mão e mostra-lhe no indicador da mão direita, um enormíssimo talho.

Julião, para se conservar neutro num sério caso que já alirava brasileiros contra portugueses, e, ao mesmo tempo, não desejando desobedecer às ordens de quem lhe dava aquilo com que pagava a casa e com que comprava o pão, havia propositalmente se ferido. E durante o tempo em que se manteve a polémica entre os dois jornalistas, Julião permaneceu impossibilitado de trabalhar para João Lage. Bilac chamava-o com muito espírito, "Amanca jacobinos", porque os exaltados nacionalistas que dele se aproximavam refreavam seus entusiasmos patrióticos, só para não magoá-lo.

À esquerda: Machado de Assis, há cinquenta anos, lutava para manter a Academia Brasileira de Letras, que acabara de criar e que, pobrezinha, não tinha onde morar... À direita: José do Patrocínio, um dos líderes da nossa imprensa, há cinquenta anos.





Alan Ladd, que atualmente filma "Whispering Smith", ao ser entrevistado por Luís Serrano, correspondente especial desta revista em Hollywood. Na foto também aparece o ator William Demarest. Todos estão interessados em folhear "A CENA", que é não só a decana das nossas revistas de cinema, mas, ainda, a única publicação semanal do gênero no Brasil.

ALAN LADD FOI RÁDIO-ATOR, ANTES DE VENCER NO CINEMA!

A HISTÓRIA DA VIDA DO INTÉRPRETE DE "ALMA TORTURADA", NARRADA POR ÉLE MESMO, DURANTE UMA ENTREVISTA NO ESTÚDIO DA PARAMOUNT

Por LUÍS SERRANO (Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e de "A CENA", em Hollywood)



HOLLYWOOD — Agosto — O meu entrevistado de hoje é Alan Ladd, jovem e brilhante ator da Paramount, que tantos sucessos tem alcançado ultimamente. A história de sua carreira cinematográfica é a de um rapaz que se tornou "astro" da tela por mero acaso e que desde então tem batilhado para manter o seu nome em evidência. E tem conseguido isso, graças ao seu talento e personalidade. Começou a impor-se à admiração dos "fans" quando apareceu em "Alma torturada" (This gun for hire), ao lado de Veronica Lake. Entrevistei-a no estúdio da Paramount e o artista começou por me dizer que era um grande prazer para ele ser procurado por um jornalista do Brasil, pois muito admirava o nosso país.

— A julgar pela infinidade de cartas que de lá me chegam às mãos — disse-me Alan Ladd — devo ter muitos "fans" entre os seus patrícios. Transmista a todos os brasileiros a minha mensagem de simpatia pelo seu país e os meus agradecimentos pelos termos cativantes e elogiosos de muitos "fans" que de lá me escrevem.

A seguir, o brilhante "astro", enquanto

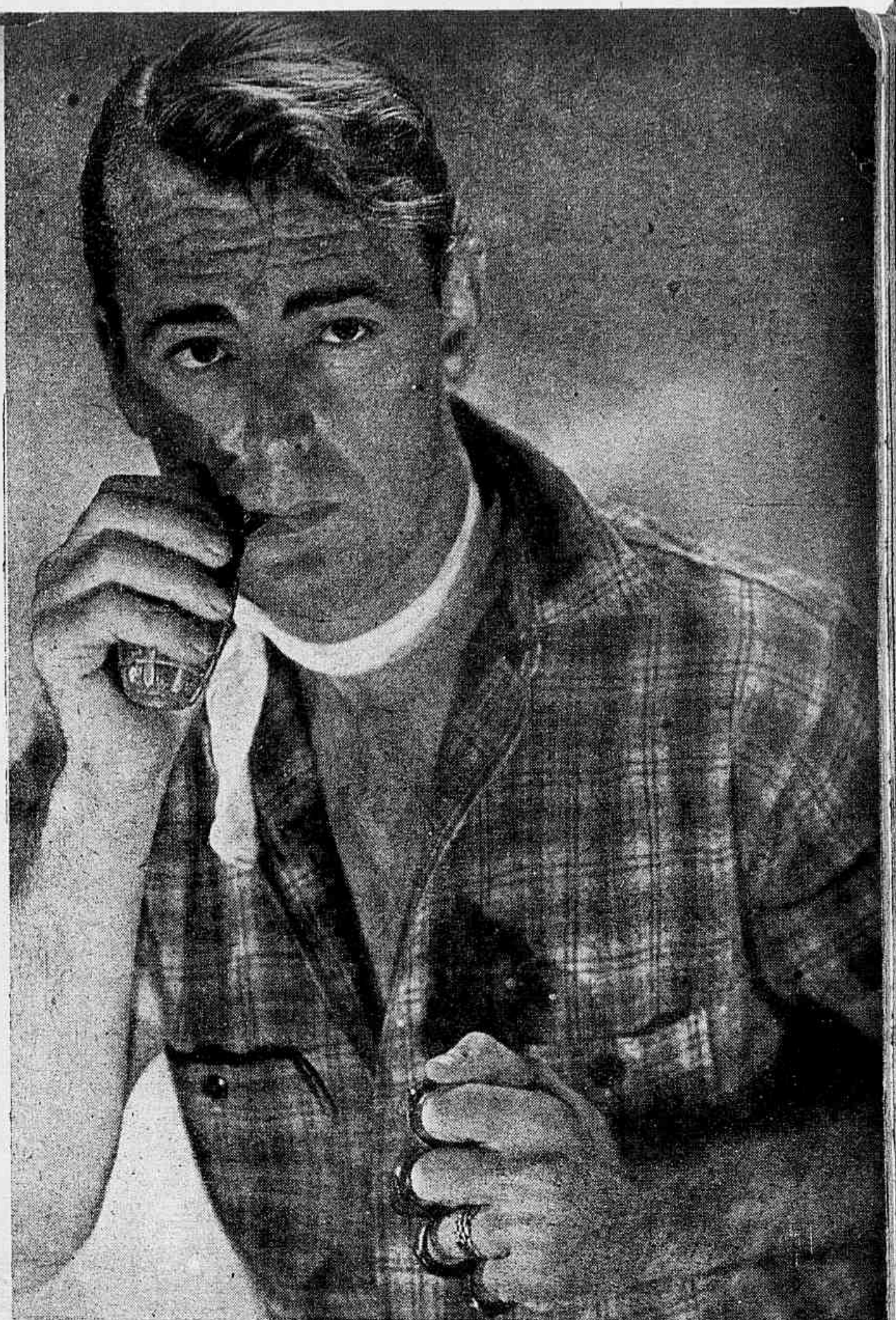
folheava um exemplar de "A CENA", que lhe apresentei, passou a relatar muitos episódios de sua vida particular e profissional.

Alan Ladd nasceu em Hot Springs, no Estado de Arkansas, num dia 3 de Setembro. Seu pai atendia pelo mesmo nome. Quando Alan tinha sete anos de idade, seus progenitores se mudaram para Alhambra, na Califórnia, e mais tarde para Hollywood. Ele me disse que, sem pensar em cinema, começou a frequentar um colégio e dirigiu logo as suas atenções para as diversas espécies de esportes que se praticavam no referido educandário. Distinguiu-se principalmente em tiro ao alvo e natação. Tornou-se, então, membro do Hollywood Athletic Club e em 1932 foi detentor do título de campeão de mergulhos. Desde esse tempo, que ele vem conquistando admiradores...

Nos últimos anos do curso secundário tomou parte na representação da peça "The Mikado" e desempenhou o papel de "Koda", tendo, por essa ocasião cantado uma canção. Acontece que a Universal andava empenhada em recrutar um grupo de colegas para trabalhar no

(Continúa na pág. 58)

A esquerda: Alan Ladd, o popular ator da Paramount, em uma "pôse" recente. À esquerda, em cima: Alan Ladd e sua filhinha Alana; à direita e em baixo: Alan Ladd em três cenas de filmes recentes: "Sob o manto tenebroso", "A hiena dos mares" e "A Dália Azul".



QUANDO Marco Aurélio principiou o seu reinado (161) o poderoso império romano já perdera, o vigor de sua mocidade. Aproximava-se rapidamente, o declínio da velhice. Sob os Césares deliciara-se o império com suas conquistas; agora, sob os Antoninos, amadurecera para a filosofia.

Porque a filosofia medra na enfermidade da civilização. Quando os homens recebem algum rude golpe em suas fortunas materiais, voltam-se para os tratos do espírito. E' apenas através de enfermidades periódicas que o mundo reflete, e é apenas através da reflexão que se torna digna de sobreviver. Quando cai o império a filosofia começa. No caso da filosofia grega, um grande desastre, a destruição do império ateniense, aparelhou a cena para Platão, Aristóteles os Epicuristas e os Estóicos. Esses mestres tentaram descobrir uma saída de conduta moral ao longo da qual o indivíduo pudesse caminhar com segurança ao passo que se esborrachassem os pilares de sua civilização nacional.

Sonhara, Platão, um novo Estado ideal, que se erguesse sobre as ruínas do velho. Esse estado ideal havia de ser governado por um filósofo-rei. Só um dirigente desses poderia ter o destino de refazer o mundo e elevar os seus cidadãos à altura de semi-deuses. Com grandes recursos materiais e espirituais à disposição, com os exércitos dos homens para acompanhá-lo e com a sabedoria de Deus para conduzi-lo, um tal filósofo-rei poderia transformar, em realidade prática, o sonho utópico de Platão. Era preciso, contudo, que dispusesse de bom material para a construção de um grande império para um grande imperador, um corpo sã para o espírito sã.

Tal foi o sonho de Platão. E parecia que Roma, ao tempo de Marco Aurélio, poderia realizar esse sonho. Estendendo-se da extremidade norte da Inglaterra à África equatorial e do Oceano Atlântico ao Eufrates, recebera o império romano, finalmente o seu filósofo-rei, em Marco Aurélio. Jamais, porém o sonho de Platão estivera tão longe de realizar-se. Porque Roma, sob o governo de Marco Aurélio, apresentava o espetáculo de um corpo enfermo com um espírito sã. Roma era poderosa, mas não estava sã. Em sua longa e agressiva luta pela vitória, este super-ambicioso império perdera todo o seu sangue.

II

Aos onze anos de idade decidiu Marco Aurélio ser filósofo. Adotou o andrajoso manto dos cínicos, passou a comer comida simples e a dormir sobre dura enxerga. Abrasavom-lhe a imaginação as personalidades dos velhos patriarcas nodosos de Atenas que haviam trazido a Roma as suas escolas de filosofia e a sua vermina. Caminhavam com as cabeças inclinadas e as mãos nas costas e prelecionavam acerca da grandeza do universo e da pequenez do homem. Esses cínicos que escarneciam do prazer e esses estóicos que ignoravam a dor, punham em prática o que pregavam. Afastavam-se do mundo dos homens e tornavam-se voluntários prisioneiros de seus princípios. Mas esses homens não eram imperadores. Renunciando o mundo nada tinham que perder senão o seu sofrimento. Ser convertido era algo novo para um príncipe do mais poderoso império do mundo antigo.

Quando Marco Aurélio cumprira dezoito anos, seu tio, o imperador Antonino Pio, adotou-o como filho e herdeiro do vasto império. Entremetidos, contudo, descobrira o precoce rapaz, um império ainda mais vasto — o do espírito. Aborrecia-o não poder dedicar à filosofia o resto de sua vida, mas resignou-se ao destino. Já demonstrava possuir a estrutura de um estóico.

Seu tio não poupou esforço de natureza alguma afim de educá-lo para o trono. Deu-lhe os melhores professores de retórica e história. Calejou-o na sela do cavalo de batalha. Fê-lo iniciar-se na carreira de estadista. Concedeu-lhe o título de César. No palácio, o jovem príncipe recebia a lisonja dos cortesãos; nas casernas, ensinavam-lhe as manobras militares; em cima do seu escritório especulava sobre a razão de ser do império, a procedência da ambição e o destino da vida. A nobreza conservadora e prática ter-se-ia gravemente impulsionado se compreendesse o que se passava na mente do futuro imperador. Eram, os romanos, nação que primeiro agia e depois especulava. E, ironia das ironias, lá estava um filósofo real no meio deles!

Depois da morte de seu pai adotivo, Marco Aurélio subiu ao trono dos Césares, aquele trono assentado na traição, consagrado à tirania e vivendo à custa de sangue. Ao envergar a púrpura impôs a si mesmo uma condição: "Toma cuidado para não te cesariar." Outros idealistas haviam renunciado à opulência pela nobreza, Aurélio fora obrigado a renunciar à pobreza pela opulência. Era difícil para um filósofo contentar-se com uma coroa. Era desagradável para um estudante mergulhar numa carreira de política e batalhas. Herdara um império de feras rosnadoras. Competia-lhe dedicar a vida à solução de contendas que não provocara; estava ligado aos crimes e loucuras de seus antecessores. As hordas bárbaras em todo o império torturadas pelo chicote de cinco séculos de agressão romana, preparavam-se para a rebelião. E quando o filósofo Marco Aurélio assumiu o trono, desencadeou-se a tempestade. Não tinham, os bárbaros, respeito pelas meditações de um imperador; respeitavam-lhe somente os exércitos.

Marco Aurélio enviou um exército para sufocar a rebelião dos Partos, que habitavam a região oriental de Tigre. A guerra foi terminada com êxito por Lúcio Vero, seu irmão adotivo, que Aurélio fizera co-dirigente do império quando de sua ascensão. Esperara que Lúcio atendesse aos negócios práticos do Estado enquanto ele atendesse à sua filosofia. Mas Lúcio Vero morreu, e ficou Marco Aurélio só com o seu reino — perigoso brinquedo pelo qual não sentia inclinação alguma. Tinha a cabeça cheia de filosofia mas as mãos cheias de aflições. Ardiam os bárbaros em nova revolta. Os Quados e Marcomanos assolavam as províncias do Danúbio. As raças que viviam ao norte dos Alpes olhavam cobiçosas para a Itália e alimentavam em seus corações o desejo de saque. Aludia a

A VIDA DE MARCO AURÉLIO

(121 - 180)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

à luz bruxoante de uma lâmpada de óleo, enquanto o vento assobiava contra as paredes de lona de sua tenda, e ululavam os lobos a distâncias, pôs-se a considerar a tristeza do destino e a selvageria da guerra. A maior parte de sua vida passou-a em sua tenda de guerreiro na frente da batalha, afim de salvaguardar o império que lhe fora confiado. Todo o momento, todavia, que lograva furtar à espada, dedicava-o à pena. Outro guerreiro, antes dele, já dividira o seu tempo entre a pena e a espada. Explorava, porém, Nélio César o seu talento literário para aumentar a glória de sua vaidade. Marco Aurélio empreendeu tarefa mais modesta, porém mais nobre — demonstrar a vaidade de sua glória.

III

As legiões romanas desbarataram os Quados. Alguns dos soldados acreditaram que tivesse sido o triunfo da doutrina da fraternidade, a causa da vitória. Porque havia estranhos recrutas entre as legiões do imperador — homens que professavam os ensinamentos de um certo Nazareno. E eles tinham pedido ao seu chefe, no céu, que detivesse os bárbaros. Numericamente superiores, haviam os Quados cercado os romanos, cortando-lhes os suprimentos de água. Subitamente, grandes nuvens no céu se romperam e a chuva despenhou. Os apressados guerreiros do imperador estenderam os capacetes e beberam à vontade. Depois, outro milagre se realizou. Os relâmpagos desceram com célere vingança, engolfando os Quados numa centena de incêndios. Mas — assim reza a história — nenhum romano foi sequer tocado. Era uma grande vitória de Marco Aurélio. Todavia, o pequeno grupo de cristãos espalhou a nova desse milagre pelo mundo inteiro e saudou a batalha como uma vitória do Cristianismo.

Vejamos as relações entre Marco Aurélio e o Cristianismo. Apesar de educado no paganismo, o imperador-filósofo era cristão em seu íntimo. Rejeitou o milagre da conquista porque não acreditava no Deus da Batalha; acreditava, contudo, no Deus do Amor. Acreditava na paternidade de Deus e na fraternidade dos homens. Simpatizava com os seus semelhantes, seus colaboradores na universal fraternidade da tristeza. "Não posso zangar com meus irmãos", escreveu, "nem deles apartar-me. Porque somos, por natureza, feitos para ajudarmos uns aos outros, como os pés, as mãos, as pálpebras, as fileiras superior e inferior dos dentes."

No entanto, os irmãos cristãos de Marco Aurélio eram proscritos no Estado romano. O Cristianismo era a religião dos desapossados. Desceia "como doce chuva do céu", sobre o coração dos escravos, dos trabalhadores sobrecarregados, dos desalentados camponeses despojados de suas propriedades alodiais e reunidos por uma classe de ricos exploradores em grupos de operários agrícolas. A sociedade falhara em relação ao homem comum. E o homem comum, perdida a sua fé no mundo, buscava, apaixonadamente uma esperança para o mundo próximo. O Cristianismo proporcionava-lhe essa esperança.

Os pensadores do mundo romano tinham também perdido a fé. Porque viam à sua roda um monstro agressivo e vitorioso império romano — força que sabia dividir e impôr sua vontade, mas não sabia unir e governar. Viam um sistema político social e militar que não implantava no coração do povo a lealdade, mas ódio, cinismo e medo. Ao contrário dos cristãos, não queriam aceitar um culto de propaganda emocional que colocava a revelação acima da razão. Ao invés disso concorriam às escolas de filosofia para encontrar uma saída e permaneceram indiferentemente fiéis aos velhos deuses, que por seu turno pareciam mostrar-se igualmente indiferentes.

Preocupava-os sobretudo o sofrimento certo deste mundo em detrimento das alegrias incertas do outro. Não esperavam controlar o curso da história, mas desejavam, ao menos, controlar os próprios pensamentos e assim, motejavam dos reformados cristãos que procuravam transformar a sociedade terrena em algo mais consoante com o seu sonho do céu. Os filósofos romanos não eram comunistas que acreditavam na igualdade dos homens, mas anarquistas desprovidos de toda e qualquer crença social. Dividiam-se em dois grupos principais: os epicuristas e os estóicos. O primeiro proclamava: "Gozai a vida enquanto puderdes, que amanhã talvez estejais mortos"; o outro, "Suportai a vida enquanto puderdes, que amanhã ainda podereis estar vivos para sofrer".

O Suave Carpinteiro, contudo, dera um passo além dos estóicos. "Não aceitai o sofrimento", dissera Ele; "procurai-o. Ajudai-vos uns aos outros a suportar a cruz da vida, porque, fazendo-o, mutuamente aligeirais a vossa carga".

IV

Era Marco Aurélio, meio cristão e meio estóico. E ele necessitava tanto de sua paciência cristã como de sua indiferença estóica. Porque as inquietações se lhe acumulavam sobre a cabeça. Chegaram-lhe aos ouvidos boatos de que um dos generais em quem mais confiava, Avidio Cássio, levantava, na Síria, a bandeira da revolta. "Avidio", troçavam alguns cortesãos, "está ávido por ser imperador". Esse ambicioso soldado lograra nomear-se através da sua vigorosa repressão das revoltas na Arábia e no Egito. Sonhava murmurar, ser um novo Bruto destinado a libertar Roma do ditatorial imperador. Era um soldado irrequieto que se enraivecira em sua relativa inatividade debaixo do mando militar de um filósofo. Nascido sob o quente sol oriental, era um homem de tez e espírito obs-

(Continúa na pág. 54)



MARCO AURÉLIO



O momento solene da "investidura", quando o escoteiro passa à categoria de "pioneiro". Na foto, o escoteiro Roberto Ricardo, da Associação Gaviões do Mar, repete o juramento perante a bandeira Nacional.

A leste de Niterói, no cume de uma colina que se ergue abrupta do mar, há uma igreja branca e pequenina. É a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. A colina está ligada a um arrabalde de Niterói por um estreito istmo de areia, quase sempre submerso pelo mar. Por isso chamam ao monte de "ilha" da Boa Viagem, embora durante algumas horas por dia fique ligada ao continente. A pequena igreja da ilha é uma das mais antigas do Rio. Foi construída há duzentos e dez anos, quando na face do penedo que olha para o Rio funcionava o velho Forte da Barra, hoje já em ruínas. Essa igreja, vovó humilde e pobre dos templos cariocas niteroienses, recebeu, há dias, a visita honrosa do cardeal arcebispo, D. Jaime de Barros Câmara. O motivo dessa visita prendeu-se a uma solenidade escoteira. Em sinal de apreço aos Escoteiros do Mar, o cardeal subiu os duzentos e tantos degraus que vão da praia ao templo.

OS ESCOTEIROS DO MAR

A ilha da Boa Viagem pertenceu até há alguns anos, ao Ministério da Marinha. Embora as bocas dos velhos canhões do Forte da Barra se tivessem convertido em ninhos de gaivotas, o Ministério continuava de posse do lugar. Acontece, porém, que os Escoteiros do Mar, como qualquer outra associação escoteira, não têm largueza de fundos para comprar uma ilha, mesmo que essa ilha pertencesse ao governo e pudesse ser vendida a preço de "salvados do incêndio". Mas acharam que essa ilha seria o lugar ideal para a instalação do seu quartel-general e tanto insistiram junto ao governo que a obtiveram. O governo doou-a à Federação dos Escoteiros do Mar. Para obtenção da ilha contaram com o entusiasmo do maior abnegado do movimento escotista no Brasil, capitão de fragata Benjamin Sodré, outrora famoso no nosso esporte como o "Mimi do Batafoga". O "Velho Lobo", como é conhecido entre os escoteiros, vem batalhando há mais de trinta anos

OS ESCOTEIROS DO MAR

DIA DE FESTA NA ILHA DE BOA VIAGEM

O CARDEAL-ARCEBISPO, D. JAIME CAMARA, VISITA PELA PRIMEIRA VEZ UMA IGREJA QUE CONTA DUZENTOS ANOS DE VIDA — A CERIMÔNIA DA "INVESTIDURA" DOS "PIONEIROS"

em prol do escotismo do mar, em nossa terra. Foi, pois, na ilha dos escoteiros, que se realizou a singela e expressiva cerimônia de "investidura" de oito novos pioneiros.

A "VIGILIA" E A "INVESTIDURA"

Para se compreender a beleza cívica e moral do ato que se realizou naquela clara manhã de julho, é mister que se conheça, ainda que superficialmente, o que é o movimento escoteiro. O movimento de renovação, aprimoramento moral e físico iniciado em 1908 por Lord Baden Powell, encontrou eco imediato em todas as consciências sadias, voltadas para o bem e para a confraternização. Aqui mesmo no Brasil, apenas um ano depois do falecido Baden Powell ter iniciado oficialmente o movimento na Inglaterra, tivemos os primeiros escoteiros, organizados e iniciados por suboficiais do encouraçado "Minas Gerais", que fun-

daram em 1910 o "Centro dos Boy Scouts do Brasil". Desde então, com maior ou menor intensidade, o escotismo vem recrutando e formando mentalidades sadias entre os nossos jovens. Atualmente, a União dos Escoteiros do Brasil conta cinco mil associados, distribuídos pelas categorias de lobinhos, escoteiros e pioneiros. Essa União congrega, a partir de 1924, várias federações escotistas, e vem sendo presidida desde a sua fundação pelo dinamismo do comandante Benjamin Sodré.

O Distrito Federal e Niterói reúnem o maior contingente de escoteiros do país. Aproximadamente mil sessões, entre garotos, rapazes e adultos participaram ativamente de todas as reuniões e concentrações escoteiras. A ilha de Boa Viagem está entregue à Comissão Regional dos Escoteiros do Mar do Estado do Rio, que zela permanentemente pela sua propriedade. A conservação e a guarda da igreja foi confiada à guarda das Ban-

deirantes do Brasil, ramo paralelo do escotismo, idêntico, quanto aos seus ideais e finalidades, e também criado por Lord Baden Powell.

Mensalmente, nesse local, os escoteiros, que atingem a idade de dezessete anos e que tenham demonstrado perfeito espírito escotista, são investidos como pioneiros, posto em que se conservarão pelo resto da vida, desde que continuem com os mesmos propósitos puros e obedientes ao seu dilema, que é a sua palavra de ordem: "SERVIR".

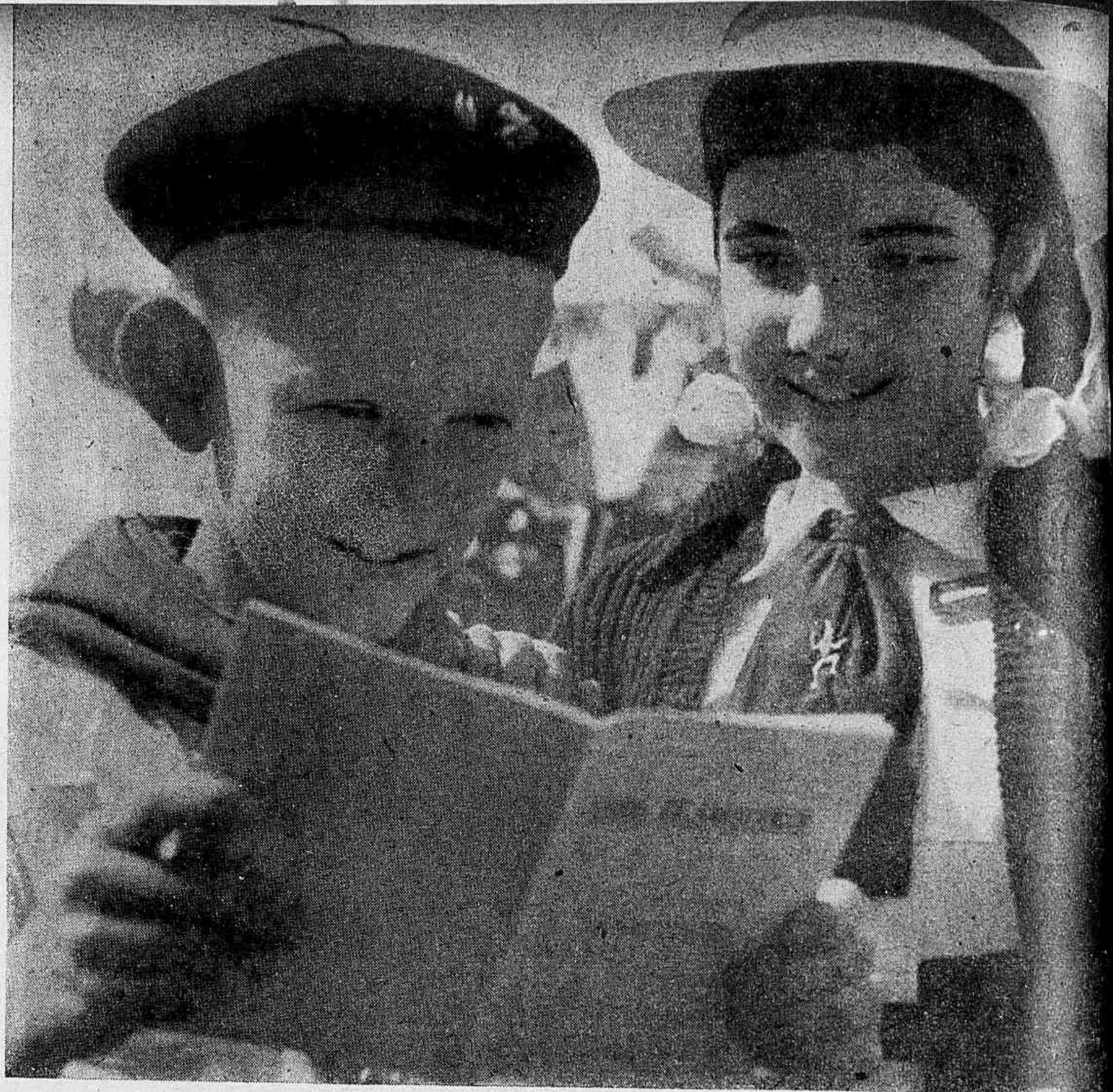
A CERIMÔNIA

Foi a uma dessas reuniões mensais que assistimos. Duzentos jovens, entre escoteiros de terra, mar e bandeirantes encontravam-se no local para presenciarem a cerimônia. Esta, é baseada no antigo rito da iniciação dos Cavaleiros da Idade Média. Precede-a, geralmente, desde uma semana antes, um período de "vigília", durante o qual o escoteiro faz, calma e sensatamente, um exame de consciência e refaz o compromisso espiritual de cumprir cada um dos itens de honra que compõem o código de escotismo.

Após essa reafirmação íntima dos propósitos cristãos humanitários e idealísticos que o norteiam, o escoteiro está apto para a cerimônia da "investidura". No pequeno platô, sobre o cume da colina, os diferentes uniformes dos escoteiros de terra e mar, dos lobinhos, das fadas e bandeirantes coloriam ainda mais a luminosa manhã.

O cardeal paraminava o ato. O candidato era trazido à frente e permanecia de pé, ladeado pelos dois padrinhos, diante de uma mesa sobre a qual estavam colocados um jarro com água, uma bacia, uma toalha branca e dois castiçais com velas acesas. Depois da palavra do "mestre", que lhe recordava o significado simbólico do ato, fazia o escoteiro um solene juramento perante a Bandeira Nacional. Seguiu-se, após, a cerimônia do batismo. Um dos padrinhos derramava um pouco da água sobre as mãos do iniciado enquanto o outro as enxugava. Finalmente vinha o "toque" no ombro do pioneiro, dado pelo "mestre", evocando o mesmo gesto com o qual outrora eram sagrados os cavaleiros. Essa cerimônia, contada em letra de forma, nunca poderá transmitir a milésima parte da vibração que se apodera de todos que a presenciavam. Essa vibração sadia entusiasma os que ingressam no escotismo.

(Continua na pág. 58)



Ao alto: O "lobinho" Otto Vay mostra à "fadinha" Nelly Capeto, uma parte interessante do "Manual do Escoteiro". "Fada" é o título dado pelas "Bandeirantes" — ramo idêntico ao escotismo — às associadas que ainda não completaram 10 anos de idade. Em baixo, à esquerda: O chefe da União dos Escoteiros do Brasil, capitão de Fragata Benjamin Sodré, que serviu de "mestre" da cerimônia, renete no ombro do "pioneiro" o toque simbólico, evocando com esse gesto, a armação dos Cavaleiros na Idade Média. À direita: Enquanto aguardavam o momento da solenidade da "investidura" os escoteiros do mar se distraem com exibições de ginástica acrobática.





Em cima: Pela primeira vez, um cardeal visitou a igrejinha de Nossa Senhora da Boa Viagem, construída na ilha de igual nome. Essa igreja foi levantada há duzentos e dez anos, quando ali funcionava o velho Forte da Barra. Em baixo: Aspectos fotográficos colhidos durante a festa escoteira que reuniu na Ilha da Boa Viagem quase duzentos jovens, entre escoteiros e "bandeirantes".



Conto de GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de ORLANDO MATTOS

MINHA querida Geneviève, tu me pedes que te conte a minha viagem de nupcias. Como queres que me anime a isso? Ah! sonsinha, que nada me havias dito, nem nada me deixado adivinhar... Como! Tu que estás casada há dezoito meses e que te dizes a minha melhor amiga, tu, que não me acultavas nada outrora, como é que não tiveste a caridade de me prevenir? Se ao menos me tivesses deixado entrar uma simples suspeita em minh'alma, tu me terias impedido de cometer uma grande tolice, que ainda me faz enrubescer, de que meu marido rirá até a sua morte, e da qual tu és a única culpada!

Tornei-me horrivelmente ridícula para sempre; cometi um desses erros cuja lembrança nunca se apaga, por tua culpa, malvada!... Oh! se eu soubesse!

Vou tomando coragem, à medida que escrevo, e estou resolvida a dizer tudo. Mas prometo-me, não rires muito.

Não esperes uma comédia. É um drama.

Lembra-te do meu casamento. Eu devia partir na mesma noite para a viagem de nupcias. E eu não me parecia nada com Paulette, cuja história Gyp tão encantadoramente nos contou em um espirituoso romance: **Em torno do casamento**. E se minha mãe me houvesse dito, como Mme. d'Hautretan à sua filha: — "Teu marido te tomará nos seus braços e..." eu de-certo não teria respondido como Paulette, rebentando numa gargalhada: não vás mais longe, mamãe... eu sei tudo isso tão bem como tu..."

Quanto a mim, eu não sabia absolutamente nada, e mamãe, minha pobre mamãe, que se assusta de tudo, não ousou abordar esse delicado assunto.

As cinco da tarde, pois, em seguida aos festejos, fomos prevenidos de que o carro nos esperava. Os convidados tinham partido, eu estava pronta. Recordo ainda o ruído das malas na escada e a voz nasalada de papai, que não queria parecer choramingas. Ao abraçar-me, o pobre homem me disse: "Coragem!" como se eu fosse arrancar um dente. Quanto a mamãe, era uma verdadeira fonte. O meu marido me apressava para evitar essas penosas despedidas. Eu própria estava banhada em lágrimas e no entanto era muito feliz. Isto não se explica, mas é verdade. De repente, senti que me puxavam pelo vestido. Era Bijou, completamente esquecido desde a manhã. O pobre animalzinho me dizia adeus à sua maneira. Isso me apertou o coração e me deu um grande desejo de beijar o meu cãozi-

nho. Agarrei-o (tu sabes como ele é pequenino) e pus-me a devorá-lo de beijos. Adoro acariciar os animais. Isso me causa um doce prazer, me dá uma espécie de arrepios, é delicioso.

Quanto a ele, estava louco; agitava as patas, lambia-me, mordiscava-me, como faz quando está muito contente. De súbito, abocanhou-me o nariz entre as presas e eu senti que ele me machucava. Lancei um grito e pousei o cachorro em terra. Ele me mordera de verdade, querendo brincar. Eu sangrava. Todos ficaram desolados. Trouxeram água, vinagre, panos, e o meu próprio marido, quis fazer os curativos. Não era nada, aliás; dois pequeninos buracos que dir-se-iam feitos com agulhas. Ao cabo de cinco minutos, o sangue estancara e eu parti.

Ficara resolvido que faríamos uma viagem pela Normandia, de cerca de seis semanas.

A noite, chegávamos a Dieppe. Quando digo "noite" quero dizer meia-noite.

Tu sabes como gosto de mar. Declarei a meu marido que não me deitaria antes de ter visto o mar: "Será que estás com sono?"

Respondeu-me: "Não, querida; mas deverias compreender que tenho pressa de estar sozinha contigo."

Fiquei espantada: "Sozinho comigo? Mas desde Paris que estamos sozinhos, no vagão."

Ele sorriu: "Sim... mas... no vagão não é a mesma coisa como se estivéssemos no nosso quarto."

Eu não cedi. "Pois bem, senhor, estamos sozinhos na praia. Não basta?"

Decididamente isso não lhe agradava. No entanto, disse: "Seja, já que assim o queres."

A noite estava magnífica, uma dessas noites que nos fazem passar na alma idéias grandes e vagas, antes sensações que pensamentos, com desejos de obrir os braços, de abrir as asas, que sei eu? A gente acredita sempre que vai compreender coisas desconhecidas.

No espaço há Sonho, Poesia, infável felicidade de além da Terra, uma espécie de embriaguez infinita que vem das estrelas, da lua, da água argentada e trêmula. São esses os melhores instantes da vida. Fazem ver a existência diferente, embelezada, deliciosa; são como a revelação do que poderia ser... ou do que será.

Mas meu marido, parecia impaciente por se recolher. Eu lhe dizia: — "Estás com frio?" — Não. — Então olha aquele barquinho, além, que parece adormecido sobre a água. Onde se pode estar melhor do que aqui? Eu era ca-

paz de ficar até o romper do dia. Dize, queres que esperemos pela aurora?

Ele supôs que eu me divertia à sua custa, e arrastou-me quase a força para o hotel! Se eu soubesse... Oh! o miserável!

Quando ficamos a sós, senti-me envergonhada, constrangida, sem saber por que, juro-te. Afinal, fi-lo passar para o gabinete de toilette e deitei-me.

Oh! minha querida, como contar-te isso? Enfim, lá vai! Ele tomou sem dúvida a minha extrema inocência por malícia, a minha extrema simplicidade por astúcia, o meu abandono confiante e ingênuo por uma tática, e não teve as delicadas precauções que é preciso para explicar e fazer compreender e aceitar tais mistérios a uma alma sem desconfiança e sem preparo algum.

E, de súbito, eu supus que ele tivesse perdido o juízo. Depois como o medo aumentasse, suspeitei que ele queria matar-me. Quando o terror nos invade, não se raciocina, não se pensa mais, a gente fica louca. Num segundo imaginei coisas medonhas. Pensei nas notícias dos jornais, nos crimes misteriosos, em todas as histórias que se contam, de pobres moças casadas com celebrados! Será que eu o conhecia, aquele homem? Eu me debatia, repelindo-o, desvairada de terror. Cheguei até arrancar-lhe um punhado de cabelos e um lado do bigode, e libertada por esse esforço, levantei-me, gritando por socorro! Corri à porta, puxei os ferrolhos e lancei-me, quase nua, no corredor.

Outras portas se abriram. Homens em camisa apareceram com velas na mão. Cai nos braços de um deles, implorando a sua proteção. Ele lançou-se contra o meu marido.

Não sei mais o resto. Batiam-se, gritavam. Depois puseram-se a rir, mas a rir como tu nem podes imaginar. Toda a casa ria, do porão ao sótão. Eu ouvia, nos corredores, grandes barrigadas de risos, e outras nos quartos de cima. Os lavadores de pratos riam nas águas-furtadas e o porteiro estorcia-se sobre o seu colchão, no vestibulo!

Imagina só: num hotel!

Vi-me em seguida a sós com meu marido, que me deu algumas explicações sumárias, como se explica uma experiência de química, antes de a pôr em prática. Ele não estava nada contente. Eu chorei até o romper do dia, e nós partimos logo que abriram as portas.

E não é tudo:

No dia seguinte chegávamos a Pourville, que não passa ainda de um embrião de estação balneária. Meu marido me enchia de pequenos cuidados, de

carinhos. Após o primeiro agastamento, ele parecia encantado. Envergonhada e desolada com a minha aventura da véspera, fui o mais amável possível, e bastante dócil. Mas tu não sabes o horror, o desgosto, quase ódio que Henry me inspirou quando eu soube esse infame segredo que ocultam tão cuidadosamente às moças. Eu sentia-me desesperada, triste até a morte, e com um imperioso desejo de voltar para junto de meus pobres pais. No outro dia chegávamos a Étretat. Todos os banhistas estavam em alvoroço: uma jovem senhora, mordida por um cão-sinho, acabava de morrer raivosa. Um grande arrepio me percorreu a espinha quando ouvi contar isso à mesa. Pareceu-me em seguida que o nariz me doía e senti coisas singulares ao longo dos membros.

Não dormi toda a noite; tinha completamente esquecido o meu espôso. E se eu morresse raivosa?! No dia seguinte, pedi pormenores ao mordomo. Ele mos deu, e horrorosos. Passei o dia a andar pela praia. Eu não falava mais; pensava. A raiva! Que morte horrível! Henry me perguntava: "Que tens? Pareces triste." Eu respondia: "Nada, nada." O meu olhar desvairado se fixava no mar sem o ver, nas granjas, nos campos, sem que eu pudesse dizer o que tinha diante dos olhos. Por nenhuma coisa deste mundo eu confessaria o pensamento que me torturava. Algumas dores, verdadeiras dores, me atacaram o nariz. Resolvi recolher-me.

Fechada em meu quarto, examinei o ferimento. E, no entanto, eu não podia duvidar, ele doía.

Escrevi em seguida à minha mãe uma breve carta, que deve ter-lhe parecido estranha. Eu pedia resposta imediata e perguntas insignificantes. Escrevi, depois da assinatura: "E principalmente não te esqueças de me dar notícias de Bijou."

No dia seguinte não pude comer, mas recusei-me a receber um médico. Permaneci sentada toda a manhã sobre a areia, a olhar os banhistas dentro d'água. Eles chegavam, gordos ou magros, todos feios na sua ridícula indumentária mas eu não pensava absolutamente em rir. Eu cismava: "Como são felizes! Não foram mordidos. Oh! eles viverão! Não temem nada. Podem divertir-se à vontade. Como estão tranquilos!"

A todo instante eu levava a mão ao nariz para apalpá-lo. Não estaria inchado? E, mal chegada ao hotel encerrei-me a sete chaves para examiná-lo ao espelho. Oh! se ele houvesse mudado de cor eu teria morrido imediatamente.

(Cont. na pág. 52)

OR MATTOO!



Raiivosa?

CASAS NATAIS MARCANTES

ESCRA GNOLLE DORIA

local de antigo chafariz. O largo desapareceu para que a estátua de Teixeira de Freitas aparecesse na antiga praça da Lapa.

Agora, agora chega da Bahia notícia de nova forma de honrar Teixeira de Freitas e seu labor de operário intelectual.

Nesta quadra de redemocratização e de reconstituição de um Brasil fora de eixos, reúne-se na cidade do Salvador uma assembléia constituinte estadual a votar Constituição.

Em tal congresso, o deputado Augusto Publico Pereira ao artigo das Disposições Transitórias da Constituição Baiana acrescentou emenda autorizando o poder executivo do Estado a abrir crédito para desapropriação e adaptação a Forum da casa natal de Teixeira de Freitas em Cachoeira, imóvel ora ocupado pela Sociedade Montepio dos Artistas Cachoeiranos.

A justificação de sua meritória emenda foi feita pelo deputado Augusto Pereira, sob o fundamento da própria glória de Teixeira de Freitas sancionando a idéia do constituinte tão bem compreendedor de seu conterrâneo.

Não há apenas a lembrar a casa natal de Teixeira de Freitas em Cachoeira. Outra digna existe baianamente antes de brasileiromente merecedora de atenção.

Tal a casa onde em Valença nasceu Zacarias de Góes e Vasconcelos, a 5 de Novembro de 1815, dia, mês e ano assinaladores do nascimento carioca de Martins Pena, este como Zacarias cede a conhecer orfandade.

Aos cinco anos de idade, Zacarias perdia pai, o capitão Antonio Bernardo de Vasconcelos. A mãe, viúva, ao órfão acudiu filho e irmão mais velho, João Antonio de Vasconcelos. Tudo fez para acudir aos seus desamparados de natural protetor e guia.

Treze anos mais velho que o irmão, João Antonio de Vasconcelos formou-se na Academia Jurídica de Olinda na qual, bacharelado e doutorado em Direito, Zacarias teria catedra conquistada em concurso.

Cada irmão seguiria o seu destino honrando carreiras. Zacarias exercia magistério superior havia quatro anos quando a Política, que também conhecia minúscula, arreudou o jovem lente do ensino superior.

Na vida administrativa, na governamental e parlamentar do Brasil foi Zacarias figura da maior evidência por méritos e serviços.

João Antônio de Vasconcelos encarreirou-se na magistratura, de exercício na Bahia, juiz de direito certa vez na

cidade natal de Valença. Só numa feita a política o distraiu de funções de judicatura para presidir a Paralisação do Norte. Desembargador na Relação da Bahia, em 1864, três vezes reconduzido à presidência do tribunal, o desembargador Vasconcelos, em 1875, subiu a Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, quando Zacarias alcançara as mais altas posições no país, e se contentava em ser um dos mais prestigiosos membros do Senado do Império.

Os dois filhos do capitão Bernardo Antonio de Vasconcelos e D. Maria Benedita de Assumpção tinham desempenhado papel de relêvo na vida ao chegarem ao seu termo, lembrado o irmão mais moço de quanto lhe valera o irmão mais velho quando da perda comum do amor e da autoridade paterna.

Zacarias sempre manifestou por João Antonio sentimentos de amizade e gratidão, aquela fraternamente retribuída.

A 28 de Dezembro de 1877, ainda vigoroso, Zacarias expirava. Um grande cortejo fúnebre levava-lhe os restos mortais à necrópole de Catumbi, ao funeral comparecendo em peso a irmandade da Santa Casa de Misericórdia instituída desde 1887 presidida por Zacarias.

Não muito depois, em meados de 1880, às portas do cemitério de Catumbi parava o enterro do conselheiro João Antonio de Vasconcelos. Iam reunir-se os dois irmãos já mais em vida separados, a sepultura de João Antonio reaberta para trasladação de despojos levados a nova sepultura na Bahia.

O túmulo de Zacarias permaneceu em Catumbi, sendo alvo de homenagens em 1915, por ocasião do primeiro centenário natalício do estadista do Império.

Outra lembrança material dele permanecia em Valença, no melhor ponto da cidade, na esquina da Praça Nova, fronteira ao nascente. E' a casa natal de Zacarias até há pouco habitada por duas primas dele. Ao que consta na intenção municipal de localizar Forum onde nasceu um servidor do Direito.

Da casa natal de Teixeira de Freitas, em 1922, conservou-nos imagem fotográfica um jurista, Vicente de Paula Vicente de Azevedo, de visita a Cachoeira. O mesmo, há pouco, fez Herman Lima de passagens por Valença.

Aos zelosos do passado seja agradecido o serviço relembrador de duas grandes memórias de um século no qual o Brasil hegemonizou no continente sul-americano, afirmando sua força moral ante as nações mais civilizadas do mundo, grangeando-lhes credito e respeito.

Casa natal de Teixeira de Freitas, em Cachoeira, Bahia. Foto de Vicente de Azevedo em 1922.



SOB RAM significações vernáculas à pequenina palavra berço tão cara a todas as mães, conforme circunstâncias inclinadas de rosto em sorriso ou em lágrimas sobre o primeiro leito de seus filhos.

A arquitetura, a arte militar, a arte náutica, a construção naval também empregam a palavra berço.

Mas a significação sobreexcelente do termo se refere ao leito infantil, no qual, no poético dizer das mães, as crianças sonham com os anjos.

Nem escapa a palavra berço à significação de origem, terra ou casa natal. Nesta tríplice significação aplique-se a palavra berço a dois brasileiros ilustres e coevos, Augusto Teixeira de Freitas e Zacarias de Góes e Vasconcelos. Ambos de origem baiana, o primeiro nascido em Cachoeira, o segundo em Valença, nome de cidade esta lembrada por uma cidade do Piauí e outra do Estado do Rio.

Não consentiu a política que Zacarias jurista subisse tanto como Teixeira de Freitas aos cumes do Direito, embora Zacarias houvesse o magistério jurídico em Olinda e no fóro no Rio de Janeiro, a devoção às letras jurídicas tanto em Teixeira de Freitas que lhe alterou profundamente a saúde de seus últimos dias no afã de dotar a Pátria com um Código Civil.

Cada qual a seu tempo, Zacarias e Teixeira de Freitas fixaram residência no Rio de Janeiro, imãs de tanta gente provinciana.

No bairro das Laranjeiras, meio silvestre no seu Cosme Velho, uma casa modificada lembra antigo domicílio de Teixeira de Freitas. Situa-se na rua do Ipiranga, é hoje o **Asilo Alves Affonso** pertencente a uma das mais velhas e filantrópicas instituições de beneficência particular no Rio de Janeiro. Está nomeada a **Sociedade Amante da Instrução**, tão cara a Evaristo da Veiga.

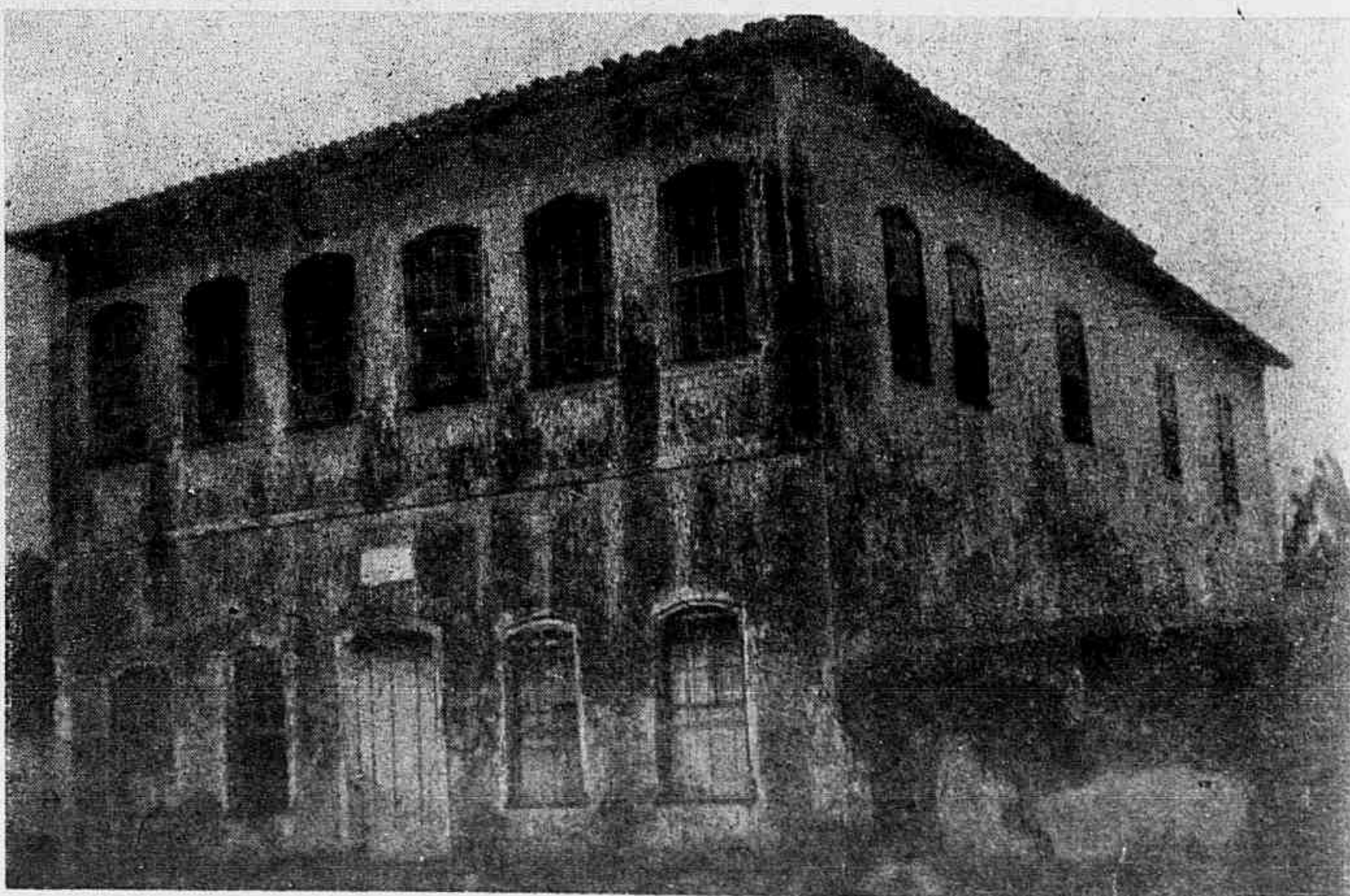
Niterói também mereceu atenção de Teixeira de Freitas ligando nome ao abastecimento d'água da outrora imperial Cidade fluminense à beira da Guanabara mirada.

Em Niterói, a 12 de Dezembro de 1883, deixava de existir Teixeira de Freitas. O som da terra sobre quem desce ao túmulo é de primeiro anúncio ao provável olvido humano, felizes aqueles aos quais restam alguns corações fiéis à lembrança por laços de sangue, amizade ou admiração.

Por muitos anos Teixeira de Freitas viveu em alguns cultores do Direito, entre os quais Sá Viana, seu biógrafo; tudo compreendendo para que a sua classe o coadjuvasse a dar a Teixeira de Freitas testemunho público de gratidão nacional ao jurisconsulto criador.

Já seus livros lhe haviam construído monumento cetro por obra de Rodolfo Bernardelli o representando de toga, com aspecto consular à romana, em estátua de bronze solenemente inaugurada no então largo carioca de S. Domingos, parte bem ponto urbano da cidade carioca, no

Casa Natal de Zacarias de Góes e Vasconcelos em Valença, Bahia. Foto Herman Lima em 1947.





A história do rádio brasileiro, não pode ficar à margem o nome de Henrique Batista, esse companheiro de lutas de Noel Rosa, Luís Barbosa, Nono e tantos outros maiores da música popular. Foi ele quem, há onze anos atrás, lançou "Samba e outras coisas" programa ainda hoje apresentado no microfone da PRA 3, todos os domingos, a partir das 10 horas. Nascido e criado em Vila Isabel, cedo contaminou-se pelo vírus musical, tornando-se autor de vários sambas de sucesso, como "A mulher tem razão", "Samba de quarenta e dois" e muitos outros. Alguns, por sinal, em parceria com sua irmã Marília, hoje afastada das lides radiofônicas, depois de ter sido aclamada "Princesa do samba", Henrique Batista, que é casado e pai de um esperto garoto, já atuou em quase todas as estações cariocas, sempre no comando de seu popular programa. Também já prestou sua colaboração ao cinema nacional, fazendo o "Profeta Xavier", do filme "Maria Bonita", extralido do romance de Afrânio Peixoto. Fora do rádio, além de exercer importante cargo burocrático, praticou o box, cruzando luvas com alguns bons pugilistas e chegando a ser "manager" de Antonio Sebastião e Alvaro Medina. Integrou ainda a equipe futebolística do Vila Isabel, jogando na posição de "keeper". No rádio, além de Marília, possui dois irmãos cantores: Renato e Gil Batista, ambos intérpretes de sambas e marchas. Henrique Batista possui um precioso arquivo sobre Noel Rosa e, por várias vezes, já organizou programas sobre esse saudoso "ás" de nossa música popular.

MARIA de Lourdes Alves, cuja voz pode ser ouvida através do microfone da Rádio Globo, há muito empresta sua colaboração ao "broadcasting" carioca, quer comandando programas de estudo, quer atuando em peças e novelas radiofônicas. Iniciando sua atividade no decorrer de 1944, como integrante do elenco da Tupi, sob a direção de Olavo de Barros, com o pseudônimo de Cristina Rubens, logo firmou-se na constelação PRG-3, tomando parte destacada em "O caminho da dor", no papel de "Perpétua". Esse tipo bastou para demonstrar os dotes artísticos da jovem artista e colocá-la como elemento de primeiro plano do "Teatro do Estudante", ora apresentado pela Rádio Globo. Contadora diplomada e com o curso de bacharel em letras neo-latinas, cursa, no momento, a Faculdade Nacional de Filosofia, além de pertencer ao quadro redatorial da Rádio Roquete Pinto. Nessa emissora já exerceu o posto de locutora, apresentando entre outros, "Obras primas da literatura: fonte de inspiração musical". Maria de Lourdes Alves atua na PRE-3 com o pseudônimo de Cristina Maria, trabalhando ao lado de Raul Brunini, Urbano Loes, Sérgio de Oliveira em programa como "No mundo da carochinha", "Páginas inesquecíveis da música" e nas histórias seriadas de Amaral Gurgel. Natural de Pernambuco, criou-se e educou-se no Rio, para onde veio muito criança. É possuidora de alentada cultura e conhece cinco idiomas, o que a levou a traduzir várias obras literárias. Já gravou vários textos comerciais e integrou o elenco do "Teatro Universitário", abandonando-o depois em razão de seus múltiplos afazeres. Cristina Maria é, assim, um elemento de valor no "broadcasting" carioca.



O teatro-cego tem roubado ao palco seus melhores elementos, como no caso de Caue Filho, lançado por Paschoal Carlos Magno, através do Teatro do Estudante, quando este ensaiava seus primeiros passos. Coube-lhe tomar parte no espetáculo inaugural, vivendo um dos papéis de "Romeu e Julieta", de Shakespeare. Dois anos mais tarde, Luís Iglesias foi buscá-lo para seu elenco, de que se desligou para trabalhar com Procópio Ferreira, quando de sua temporada no Regina, em 1944. Suas caracterizações na Companhia Procópio Ferreira foram bastante felizes, como as de comendador em "Um noivo do outro mundo" e Cosme, em "Zéca Diabo". Nessa fase vitoriosa foi que o rádio requisitou seu concurso, ingressando no elenco da PRE-8, onde tem vivido grandes papéis, nas diversas novelas levadas ao ar por essa estação. Também colaborou com eficiência na radiofonização de peças para o microfone, muitas das quais irradiadas pela Guanabara. Entre as adaptações que fez, incluem-se "O retrato de Dorian Gray", "Inocência", "O leque de Lady Windermere" e "Fogo de vista", esta última de Coelho Netto. Caue Filho, independente do teatro e do rádio, é um pintor de apreciáveis recursos, desenhando com rara facilidade. Também conhece os segredos da química industrial, curso que realizou com proveitoso sucesso, apesar de seu fraco pela arte. Sua atuação no elenco do teatro-cego da Guanabara, teve a consagração pelo mérito artístico uma série de peças de primeira grandeza, todas assinadas pelas figuras mais representativas da literatura mundial, como Wilde, Anatole France, José de Alencar e outros. É ele um dos valores na arte de dizer, com que conta a radiofonia nacional.

O trabalho de Sílvia Regina no "broadcasting" carioca é daqueles que merecem registro especial, tão elevada é a finalidade cultural de que se reveste. Escrevendo e dirigindo programas para a infância, há muito empresta sua colaboração no quadro redatorial da Cruzeiro do Sul, onde mantém o "Programa do garoto", além de outros "broadcasts" para o pessoal miúdo, como o movimentado e interessante teatro. Conhecendo os segredos da pedagogia moderna, uma vez que é professora diplomada, Sílvia Regina iniciou sua carreira radiofônica no Rio Grande do Sul, redigindo textos comerciais e escrevendo um programa infantil, com o pseudônimo de "Branca de Neve", para a Rádio Difusora de Porto Alegre. Mais tarde, com o cognome de "Ialá Alegria", iniciou ao microfone da Rádio Sociedade Gaúcha, movimentado cartaz infantil, através do qual teve oportunidade de revelar valores novos para o rádio gaúcho. Dessa emissora, veio para a Cidade Maravilhosa, ingressando na PRD-2, aí criando vários programas e atuando como rádio-atriz nos espetáculos de teatro-cego da Cruzeiro do Sul. Casada com o "rádio-Writer" Jorge Marinho, teve oportunidade de trabalhar em diversas peças do seu espócio, inclusive nas que foram irradiadas pelo "Teatro Policial", da Transmissora. Nascida e criada no Rio Grande do Sul, lecionou no "Colégio Treze de Maio", nascendo aí seu amor pelas crianças, as quais considera "amigos sinceros que jamais causam desilusões". Além do "Programa do garoto", Sílvia Regina redige para a PRD-2, "Histórias que a vida escreve" e "Serenata azul".

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

O Armador de CAIXÕES

Conto de SALVADOR ROSA DE CARVALHO ★ Ilustração de ARMANDO PACHECO

Premiado no Concurso Permanente da "REVISTA DA SEMANA"

Poucos sabiam quem era aquele homem. Dizia-se que chegara a Salvador misteriosamente. Não parecia ter um plano em sua vida. Empregara-se como jardineiro, no solar de uma família rica de Vitória. Seus gestos deixavam transparecer certa energia... teria sido, talvez, um homem de possibilidades. Era polido, mas, habitualmente, não conversava; e, nas raras ocasiões em que isto acontecia, nada revelava de si, de seu passado.

Atraído por seu indecifrável mistério, busquei inquiri-lo. Nada consegui de apreciável; convenci-me de que era um desiludido, um cético...

— "Zé Ninguém", sem ambições" dissera-me uma estudante;

— "Um parvo, nada mais", alguém me repetia.

Fascinou-me todo esse mistério. Investiguei, para descobrir alguma coisa. E apreendi toda a história do desconhecido.

★

Sabia, apenas, negociar. Mesmo porque negociando é que passara a maior parte de sua vida. Empregado de balcão, naquela época em que caixeiro não tinha horário sequer, conseguira estabelecer-se, depois de alguns bafejos da sorte. Desde então, realizados seus sonhos de independência de patrões, livre de obedecer à vontade de outrem, dedicou-se, corpo e alma, ao lucro. Ia ficando rico... era u'a gana. A casa de artigos mortuários de sua propriedade não cerrava as portas. Mesmo em horas mortas, o transeunte que passasse na rua da Agonia haveria de dar com uma réstoa de luz, a escoar-se, como sinal da presença de alguém, da loja entreaberta de José Trigueiros.

Gabava-se, esquecido da lição de seus primeiros dias: empregado com ele não brincava — "é preciso energia para tratar com essa gente...", dizia sempre.

Manhã cedinho, mal esbatidos sobre o casário irregular da cidade os primeiros clarões do dia, o negociante descerrava as portas da loja. Dispunha, ostensivamente, pelas portas, prateleiras e balcões,

palmas, capelas, coroas, todos os adêmanes com que a sentimentalidade dos homens enfeita, melancolicamente, a triste eloquência dos funerais.

Lucrar, lucrar era o seu afã. Mas, para lucrar mais e mais, era necessário vender, vender muito. Anunciava, então. E dava, semanalmente, nova disposição às prateleiras. No íntimo dos demais repercutia dolorosamente tal preocupação do armador. Dos elétricos que circulavam, apinhados, pela rua da Agonia, os cidadãos espivavam, tristemente, para o interior da loja, de onde o olhar acêso de José Trigueiros perquiria nos semblantes alarmados a possibilidade de uma visita à sua exposição... se não haveria algum entêrro a contratar... Frequentemente, os que passavam por aquele estabelecimento mudavam o curso de suas idéias. Entristeciam; e a máscara humana, plástica e sensível, riscava, no semblante risonho ainda há pouco, um laivo de melancolia.

A ostensividade com que exhibia à mostra seus artigos e os desejava vender, era um atentado à alegria dos demais. Escuecia-se de que, toda sua exultação tão expressa, por mais um negócio realizado, correspondia à tristeza de muitas almas, a lares — chelos de luto e pesar. Seu desejo mais secreto se denunciava na gana de vender: "diante de tantos vivos, bem quizera tê-los por freguezes, encomendando-lhe funerais para outros tantos mortos..." pensava o barbeiro da esquina.

★

José Trigueiro tem um caso de amor. Rosinha, a morena de relêvos simétricos, olhos quebrados e voz harmoniosa, rendeu-lhe o coração.

José Trigueiro ama. Ama e deseja aquela morena "diferente" das outras mulheres...

Foi assim: — um dia a moça entrara na loja, apressadamente, para comprar uma palma. Vinha triste — perdera um irmãozinho, há pouco tempo; e agora quem morrera fora a Anísia, sua amiga

dileta. Impressionou-se o armador com a figura simpática e os modos discretos da moça, seu porte distinto. Refletiu, primeiramente. E, passados alguns dias, declarou-lhe amor.

Correu o tempo. José Trigueiros quer casar-se. Levaram-no a esse desejo a solidade de sua vida de hóspede de pensão barata, sem conforto, sem alguém que cuidasse dele; se viesse a contrair enfermidades... Ademais, o comportamento da moça, suas maneiras dóceis, a graça que lhe emoldura o semblante, o comedimento de atitudes, tudo impressionou favoravelmente ao caráter interesseiro de José. A par de suas velhas preocupações de comércio, andam agora sonhos amorosos. Para sua alma, não é apenas a vida uma evidência material — reveste-se de espiritualidade, tem uma auréola de poesia... Sonha um lar. Entre seus desejos, tem lugar predominante a lembrança da bem-amada.

★

— Sr. José! O' sr. José!

— Pode dizer...

— Venho lembrar ao senhor que hoje à tarde devemos fazer a faxinha da loja...

— É verdade. Eu marquei para hoje... mas... hoje, eu não posso... Vocês ficam aí arrumando, que eu preciso de sair...

Assim começava o armador a dispersar suas atividades. Já agora, não se dedicava inteiramente ao trato de seus interesses comerciais. As tardes de "semana inglesa", antes consagradas à melhor disposição da casa, quando não à escrituração dos livros e verificação de contas, ele agora as passava, invariavelmente, em companhia da noiva. Contrairá hábitos novos. Frequentava "matinées"; ia a passeios no subúrbio; examinava as vitrinas dos "magazines" elegantes da cidade. Por fim, contratara os serviços de um guarda-livros; desobrigava-se, assim, dos trabalhos de escrita, que até então fizera, ele mesmo...

Sonhava. O amor, à sua alma, que, antes, vivera somente em função de um

objetivo, fora uma como revelação. Compreendeu, de relance, seu espírito prático quanto pode o sentimento edificar para engrandecimento de uma vida. Bem analisados, os impulsos afetivos de Trigueiros denotariam, no fundo, os mesmos traços gerais que presidiam a formação de seu caráter: amava; contudo, não excluía da intensidade do sentimento a mescla do interesse. Aquilo, para ele, não passava de um negócio, como os outros — câmbio de sentimento por estabilidade; troca de carinhos por segurança; permuta de afeto por dedicação... um negócio em que empenhava toda sua alma. — Poderia dizer-se, aliás, ausente esse escrúpulo comercialista, à primeira vista, da alma do armador. Entretanto, não seria difícil, em se observando, verificar-se que suas demonstrações de afeto equivaleriam a "inversões" de capital...

Egoísta e amante, nele, não se contrapunham — completavam-se. Radicara-se, inconscientemente, às suas preocupações de comércio, os ansêos de seu amor. Seu pensamento bipartia-se, entre comércio e mulher; e unificava-se, na mescla de interesse e sentimento!

★

— Sabes, José, recebi carta do tio Anselmo...

— O de Pedrão?

— Sim. Manda contar que a tia Lourença morreu...

— Velha rica, ein! Deve ter deixado uma fortuna!

— Pobre da tia Lourença... queria tanto...

— E a herança? Certamente o marido ficou com tudo!

Lágrimas sentidas molhavam as faces de Rosinha:

— Pobre da tia Lourença...

— Deve ter sido um "enterrão", ein...

— E o tio Anselmo, coitado, anda tão doente...

Essa notícia não contristou o negociante. De há muito se habituara a esses relatos de mortes e tristuras. Aborrecia, isto sim, que o luto da noiva forçasse a uma protelação nos esponsais. Por outro lado, anteviu uma boa oportunidade no caso. O tio da Rosinha nunca tivera filhos... era ela a sua única herdeira. Começou a pensar. E achou que não poderia perder esse "golpe".

★

Voltou à loja de manhã cedo, como de costume. Seus pensamentos se enfileiravam, em sequência interminável; as idéias se elaboravam e se sucediam rapidamente, naquele cérebro maníaco de interesseiro. Refletia. Estava arquitetando um plano.

— São quase doze milhões... Tem a fazenda e a fábrica... e a loja... ah!... sim, e as apólices. Como é que pude esquecer-me das apólices... uma renda certa, sem trabalho. Uma hora dessas a Rosinha está é rica... Se esse velho morrer...

Dormira mal, um sono agitado. Estava excitado. Começou a sentir calor. O escritório abafado espiava por uma janel



la pequena, cortada no vão da parede, para o compartimento ocupado pela loja: através da abertura, o olhar de José Trigueiros se perdia, despercebido, entre as flores metálicas das capelas e passava, alhelado, sobre as fileiras de cravos prateados dos caixões mortuários. Impaciente, de súbito, agitando as mãos, levantou-se. Caminhava apressadamente para a porta da rua. O fio de sua imaginação descambava a urdir uma trama complicada.

★

Os jornais publicavam, em "manchete" enorme — "Fechamento do Partido Comunista" — "Aumenta o número de intoxicados" — "Plano do Governo para combater os exploradores"... Mas, alhelado, mergulhado no mundo íntimo de seus pensamentos, José Trigueiros ignorava tudo. Comprimido no estribo de um elétrico, nem percebeu que um malandro empalmara sua carteira...

— Diabol — exclamou ao dar pelo furto. — O mundo está cheio de ladrões. Eu preciso fazer alguma coisa...

★

A filial de sua loja, em Pedrão, começou a funcionar pouco tempo depois.

Inaugurou-se discretamente, como convinha a um estabelecimento daquele gênero.

A "Casa Armador Trigueiros" fora uma realização ousada do negociante. Efetivamente, suas possibilidades não correspondiam ao vulto de suas ambições. Para estabelecer a filial, pedira emprestada ao "tio" Anselmo uma grande quantia. Montou o estabelecimento, comprou uma fazendola e iniciou os preparativos para o casamento. Casar-se-ia e depois era somente aguardar a morte do velho, para safar-se da dívida...

★

Um cavalheiro alto e corpulento entrou na "Casa Armador Trigueiros". Seu aspecto espelhava máguia. No balcão, o comerciante prontificou-se a atender seu primeiro freguês, naquela localidade. Sentiu um contentamento íntimo indescritível. Alguém lhe falara de uma estatística, que demonstrava subir a mortalidade entre as famílias abastadas da zona. E ali estava um seguro indício da verdade... aquele homem, decerto, encomendaria um féretro de luxo...

Efêtuivamente. Sem reclamar o preço, o desconhecido contratou um entêrro de primeira e fez logo o pagamento. Depois, deu-lhe um cartão com seu nome e endereço:

"Alvaro Nascimento Nunes
R. Bela-Vista, 14".

Um pressentimento encheu-o, uma onda de surpresa e constrangimento dominou-o... Estava alterada a sua voz, quando falou:

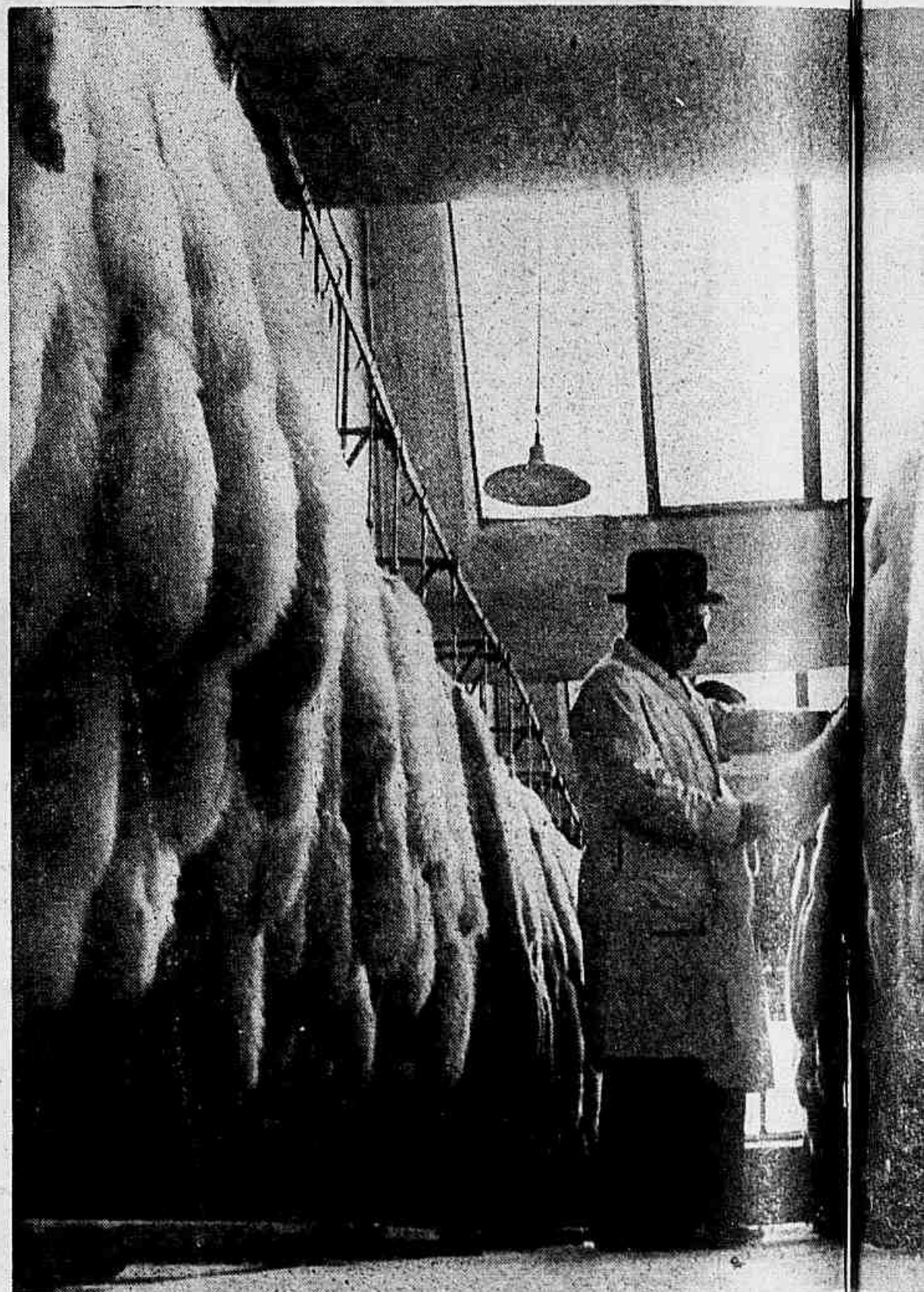
— Cavalheiro, o sr. deve conhecer-me, através de referências. Eu sou o José Trigueiros, o noivo de sua prima, Ana Rosa Nunes de Souza... Faleceu alguém de sua família?

— O senhor é o José Trigueiros? Então, coragem, amigo! Uma fatalidade... minha prima já não existe... Vinha visitá-lo, de surpresa, mas o automóvel capotou, na estrada e não escapou ninguém... O cadáver chegou em caminhão, aliás, muito desfigurado...

★

Desde então, êle não soube mais vender caixões. Abandonou o comércio. Sua ambição, esta também morreu... talvez por isso viva melancolicamente a tratar das flores, que simbolizam tanta coisa, para tantos estados d'alma.

José Trigueiros... Pobre José Trigueiros! nunca mais foi ninguém!... "João Sem Nada, sem ambições..." dissera-me uma estudante.



AS peles dos animais foram as primeiras roupas usadas pelos homens, na Idade da Pedra. Mas, embora tenham sido constituídas por outros materiais, as peles continuaram a ser usadas, especialmente pelas mulheres, nos climas frios, mantendo uma posição destacada nos guarda-roupas modernos. Na Idade Média representava crime qualquer pessoa que não fosse de sangue real usar certos tipos de peles. As leis hoje não são tão drásticas... mas em alguns países, como a Grã-Bretanha, as peles que constituem artigo de luxo pagam 100% do seu valor de imposto. Assim, muitas dessas peles estão fora do alcance da bolsa do cidadão ou da cidadã vulgar. Na Inglaterra, o comércio de peles é dominado pela Hudson's Bay Company, que mantém um formidável depósito, — o Great Trinity Lane Ware House, onde existe a maior fortuna em peles no mundo inteiro. Esse depósito, o maior do mundo, ocupando uma área de quinhentos mil pés quadrados, com quinze salas enormes frigorificadas, providas de quatro compressores capazes de fazer sessenta toneladas de gelo por dia, contém trinta e cinco diferentes espécies de peles, numa variedade de estonteante qualquer dama elegante... Por ali já passaram, este ano, sete milhões de libras de peles importadas para uso das inglesas. A Hudson's Bay Company mantém 2330 postos de comércio, dos quais 30 estão dentro do círculo ártico, cerca de 700 milhas distante do Polo Norte. A vida do caçador de peles é rude e solitária. Muitas vezes ele tem que trabalhar a vários graus abaixo de zero, para agarrar os animais que vão adornar o pescoço e o regaço das milionárias, a um custo fabuloso. Essas peles, entretanto, em geral são negociadas pelos caçadores por algumas latas de feijão e de outros alimentos em conserva, por um pouco de tabaco, de bebida e outras coisas essenciais à vida, naquelas regiões glaciais. As gravuras destas páginas mostram aspectos colhidos no grande depósito da Hudson's Bay Company, de Londres, pelo fotógrafo George Konig, da Keystone Press Agency. — D. M. Dobson.

AS elegantes que vestem seus luxuosos casacos de pele, nos dias de baixa temperatura, para deslumbrar as rivais em beleza e chique nos bailes das embaixadas e nas temporadas do Municipal, mal sabem os trabalhos e canseiras dados a muita gente, para que pudessem se apresentar de maneira tão sedutora e, ao mesmo tempo, tão resguardada do frio. Muitas não procuram saber de onde vieram as peles, se da China ou do Egito, — e talvez ficassem surpreendidas se lhes dissessem que é do Canadá...

O valor que representa para o Canadá o comércio de peles não poderia ser calculado numa base de dólares ou de centimos. Como o ouro, as especiarias e outros produtos ardentemente desejados, as peles constituíram importante estímulo às viagens de exploração desde as Ilhas Britânicas até a Europa Continental, durante os primeiros dias de colonização do Hemisfério Ocidental.

Desde as eras remotas que operavam em peles, os mais ousados aventureiros para essas espécies construíram Tadóu, Índios de Saguenay, comerciantes mais prósperos de Québec no franco-concedido por sob condição de determinar a natureza e o comércio — a colonização por cinco, de animais mais dispendiosos, les. Justamente com

UMA FORTUNA COLOSSAL EM PELES...

O MAIOR DEPÓSITO EXISTENTE NO MUNDO: O DA HUDSON'S BAY COMPANY, EM LONDRES — COMO COMEÇOU A INDÚSTRIA DAS PELES NO CANADA' — DAS ARMADILHAS NAS TERRAS ÁRTICAS PARA O REGAÇO DAS MILIONÁRIAS ELEGANTES — APENAS 35% DAS PELES EM USO PROCEDEM DE ANIMAIS CRIADOS NO CATIVEIRO

Fotos de GEORGE KONIG

Direitos adquiridos pela "REVISTA DA SEMANA", com exclusividade para o Brasil, à Keystone Press Agency, de Londres.



Em cima, à esquerda: peles de leopardo, de belo aspecto, expostas à venda, em Londres. O comerciante F. Harris está examinando-as. À direita: Vemos um ilustre visitante da Hudson's Bay Company, de Londres, o Ministro do Afeganistão, Sr. Sardar Mohamed Maim (à esquerda), examinando uma linda pele de linco, ao lado do Presidente da Companhia Sir Patrick Ashley Cooper. Em baixo, à esquerda: Vemos parte das 20.000 peles de raposa oferecidas a leilão nos estabelecimentos da Hudson's Bay Company. À direita: Eis aqui um comerciante estrangeiro examinando algumas das 12.500 peles de raposa oferecidas em leilão. A Beaver House facilita aos compradores o exame prévio de suas peles. Finalmente, na última foto: Os lotes arrematados em leilão são expostos. Vemos aqui, Mr. V. Collihole, um técnico em peles com um lote de peles nos ombros. Os compradores que não residem em Londres recebem as peles em qualquer outro lugar, enviadas pela companhia. Estranho, embora não pareça, não foi ao célebre baile da Embaixada do Chile.



Desde as eras mais remotas, os pescadores bascos e os que operavam em águas canadenses já negociavam peles. Como a Corte Francesa exigia mais e mais peles, aventureiros começaram a chegar unicamente para esse espécie de comércio. Pont-Grave e Chauvin trouxeram Tadooussac em 1599 para negociações com os índios da Saguenay, e quando foram descobertas rotas comerciais para o interior do país, seguiu-se a fundação de Québec e de Montréal. Logo de início, o Governador concedeu monopólios à indústria de peles, sob condição de que a companhia trouxesse ao Canadá determinado número de colonizadores. Mas a colonização e o comércio de peles jamais se puderam harmonizar por meio do transporte, para regiões longínquas, de animais de peles, tornou o negócio cada vez mais dispendioso, e os grandes lucros do comércio de peles tornaram-se com a liberdade e poesia a ele inerentes.



À esquerda: Vemos aqui milhares de quilos de peles, algumas em fardos, outras soltas, mas tôdas trazendo a etiqueta da Hudson's Bay Company, de Londres. À direita: A etiqueta indica a qualidade das peles. A classificação realizada nos armazens da Hudson's Bay desde há muitos anos, é afamada em todo o mundo, e as peles com sua etiqueta não têm rival. Vemos, aqui, peles de raposa branca.



arrancou à banalidade aqueles de mentalidade mais arrogada. O comércio expandiu-se então para o oeste e para o sul, pelas estradas fluviais, enquanto comboios faziam anualmente o transporte de peles para Montréal e Québec. A Companhia de Caen, no século dezessete, enviou anualmente à França enormes quantidades de couros de animais. A pele de castor passou a constituir uma forma de pagamento, tal como se se tratasse de dinheiro canadense, e assim foi empregada durante muitas décadas.

NASCE A HUDSON'S BAY COMPANY

Entretanto, os navegadores ingleses vinham procurando uma Passagem Noroeste para o Oriente. Aproximadamente em 1632, seus esforços chegaram a um termo com pequeno resultado prático. A Baía de Hudson, entretanto, havia sido navegada, de maneira que quando os primeiros navios ingleses de transporte de peles vieram alguns anos mais tarde, puderam singrar rotas já conhecidas, em direção a um porto seguro. A primeira expedição (1668) veio por instigação de Radisson e Groseilliers, dois "coureurs de bois" franceses que haviam viajado pela região situada ao norte do Lago Superior, região conhecida pela sua riqueza em peles. Após lhes haver sido recusado auxílio na França, os dois exploradores voltaram-se para a Inglaterra. Em 1670 a carta da "Company of Adventurers of England Trading Into Hudson Bay" foi obtida pelo Príncipe Rupert, que se tornou primeiro Diretor da companhia atualmente conhecida pelo nome de "Hudson's Bay Company". Uma vez concedida a carta, uma segunda expedição pôs-se a caminho, com os navios bem carregados de mercadorias a serem empregadas num comércio de intercâmbio com os Índios, assim como de aprovisionamentos para novas operações comerciais.

CHEGAM AS PELES À INGLATERRA

Construíram-se fortalezas nas Baías de Hudson e James, nas embocaduras dos rios, e ali a Companhia estabeleceu trocas com os nativos. As relações com os Índios foram, desde o começo, cordiais, e a Companhia em breve conquistou-lhes a confiança pelo espírito equitativo com

Na foto um exemplar da popular pele de castor. No leilão foram vendidas cerca de 10.000 destas peles. Um comerciante examina uma delas.



À esquerda: Um fardo de peles pesa centenas de quilos. O que vemos acima é de peles de lontra. O preço destas peles varia de Cr\$ \$1.000,00 a Cr\$ 1.600,00, cada. Para se fazer um casaco são necessárias mais de uma centena delas. À direita: Vemos parte das 2.000 peles de lontra oferecidas à venda. Estão sendo classificadas e separadas na casa Hudson's Bay Company, de Londres. O preço das peles varia entre Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 1.600,00 cada.

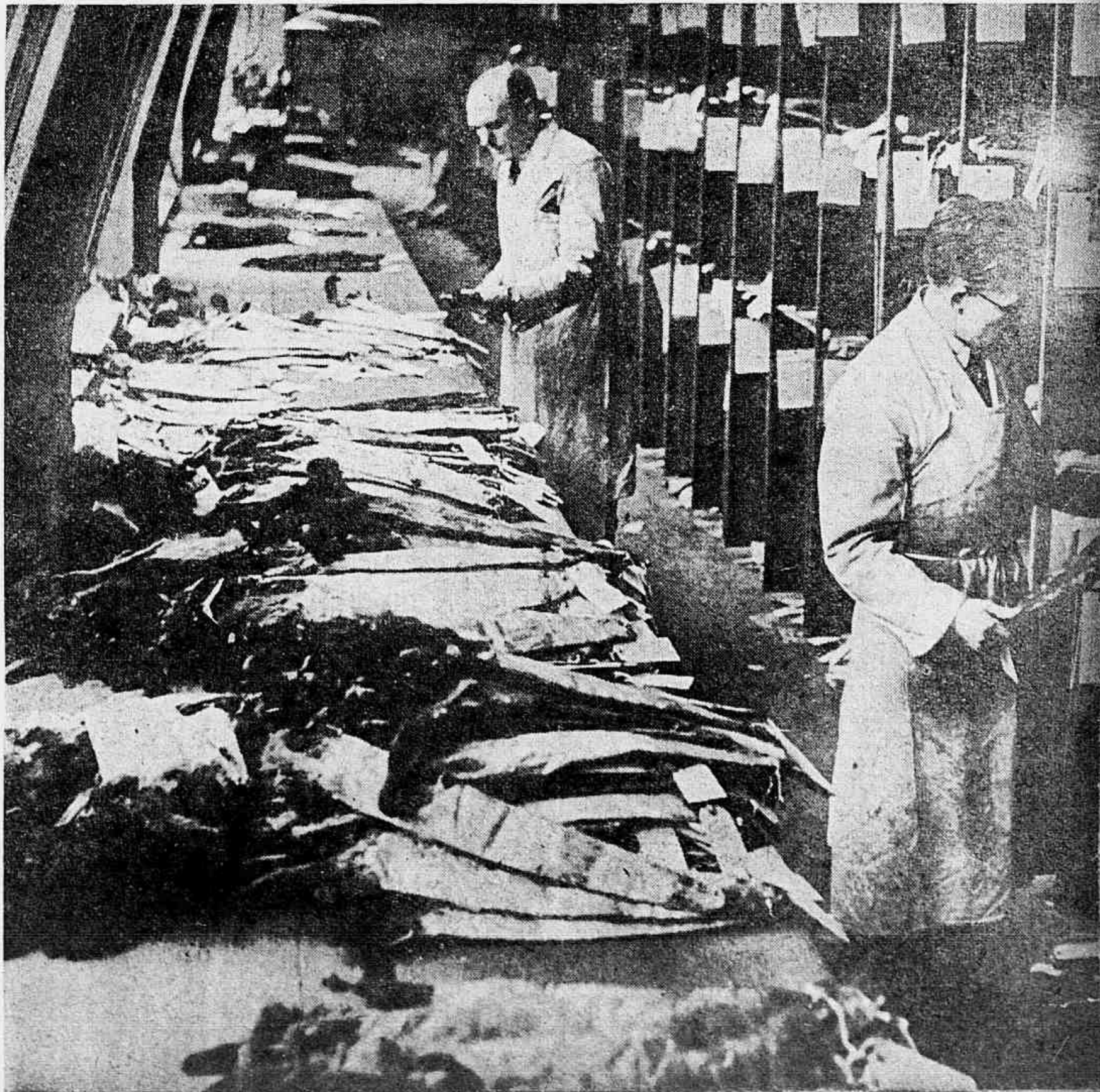
que negociavam e pelo auxílio que prestavam em caso de necessidade. Daí resultou que os Índios começaram a levar para os postos da Companhia os couros por eles obtidos, e os navios regressavam todos os anos à Inglaterra com um bom carregamento de peles, cujos lucros davam aos "Gentlemen Adventurers" generosas recompensas pelo seu golpe de vista e o emprêgo de capital que tornara possível a utilização daquele rico domínio. Durante a luta entre Ingleses e Franceses, que começou aproximadamente em 1685, a Companhia teve de enfrentar perdas consideráveis; não se pagaram dividendos, mas com a vitória inglesa surgiu uma nova era de prosperidade. Postos adicionais foram construídos, Índios foram chegando cada vez em maior número, para negociar, grandes carregamentos de peles foram remetidos à Inglaterra, e os acionistas voltaram a receber dividendos substanciais.

Após a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), durante a qual os franceses foram expulsos do Canadá, o comércio de peles da parte sul deixou de pertencer aos franceses e, até o ano de 1771, os Ingleses se mantiveram ocupados em tentar redescobrir as velhas rotas francesas para o oeste. Ao descobridor de uma nova zona de peles seguiram-se competidores e, em virtude da competição que então teve lugar, muitos se viram arruinados e partiram para outras regiões.

COMEÇA A CONCORRÊNCIA

A própria "Hudson's Bay Company" sofreu intensamente com a concorrência de um grupo de comerciantes em peles conhecido pelo nome de "Northwest Company", que, no decorrer do meio século, compreendido entre os anos de 1770 e 1820, desenvolveu um sistema de transporte que se estendia de Montréal até o Oceano Pacífico. A base desse notável sistema de transporte era a canoa feita de casca de vidoeiro, manejada por mestiços franco-índios. Os agentes da "Hudson's Bay Company", devendo agir de acordo com ordens de Londres, procuraram competir com os negociantes da "Northwest Company" que tinham a possibilidade de agir de iniciativa própria. Finalmente, a competição tornou-se tão séria, que as duas companhias se fundiram e conservaram o nome único de

Para o leigo só há uma lontra. Entretanto para os técnicos e para os empregados experimentados da Hudson's Bay, a pele de lontra se distingue por vários tipos e graus. Vemos aqui os empregados classificando e separando as peles nos compartimentos à direita.





Um caçador, índio da tribo Cree, chega a uma pequena casa de madeira onde se acha o posto de compra da Hudson's Bay Company, em Yrout Lake, ao Norte de Alberta. Depois as peles serão enviadas para os grandes armazéns da companhia em Londres.

"Hudson's Bay Company". É esta companhia que hoje mais se ocupa da indústria de peles do norte do Canadá. Na carta original da "Hudson's Bay Company", emitida por Sua Majestade Carlos II, em 1670, estava previsto que a Companhia deveria pagar "dois alces e dois castores pretos sempre e todas as vezes em que nós, nossos herdeiros e sucessores, tenhamos de entrar nos referidos países". Essa cláusula foi cumprida pela primeira vez em 1939, quando o Rei Georges VI visitou o Canadá.

O COMÉRCIO DE PELES, HOJE EM DIA

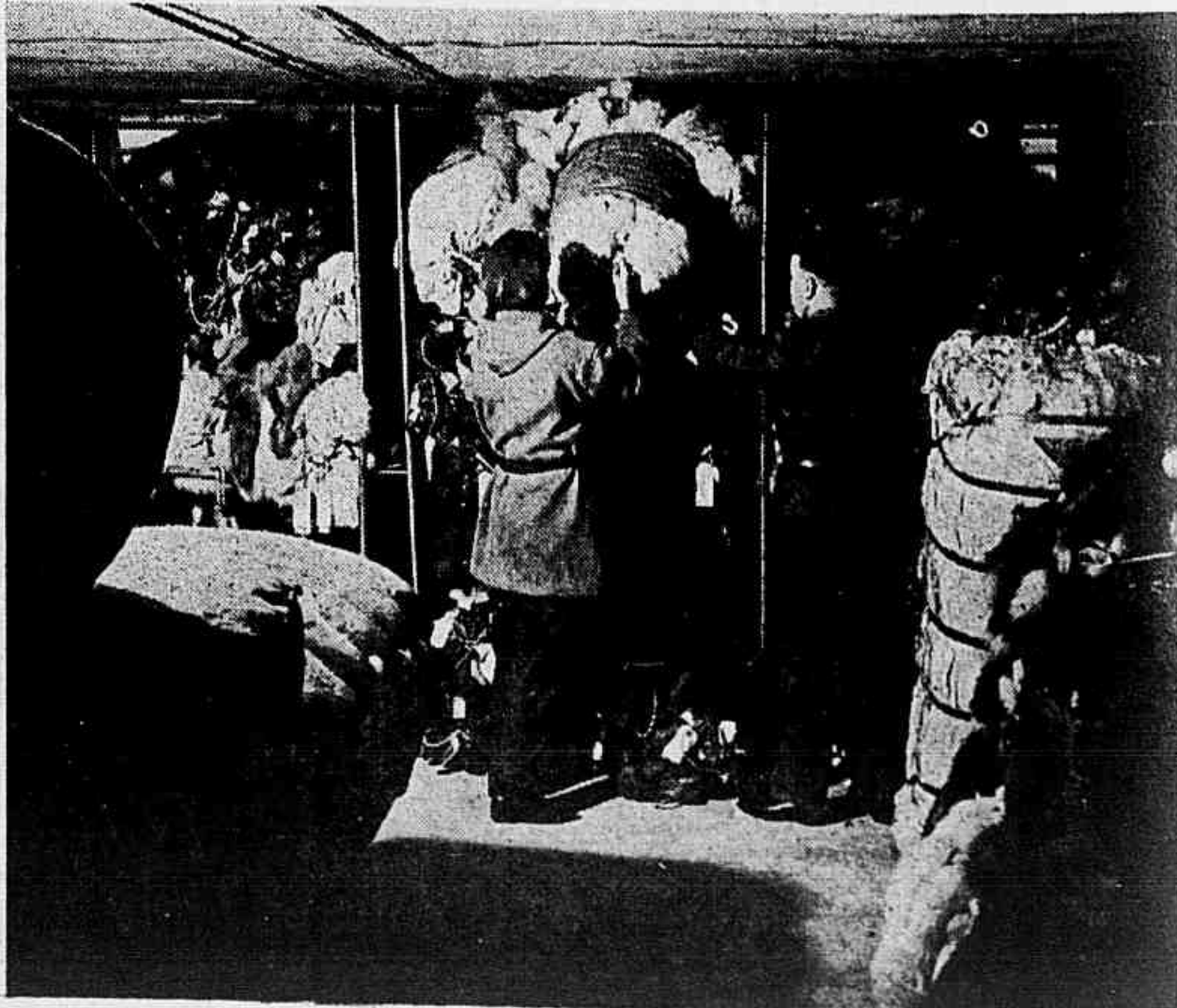
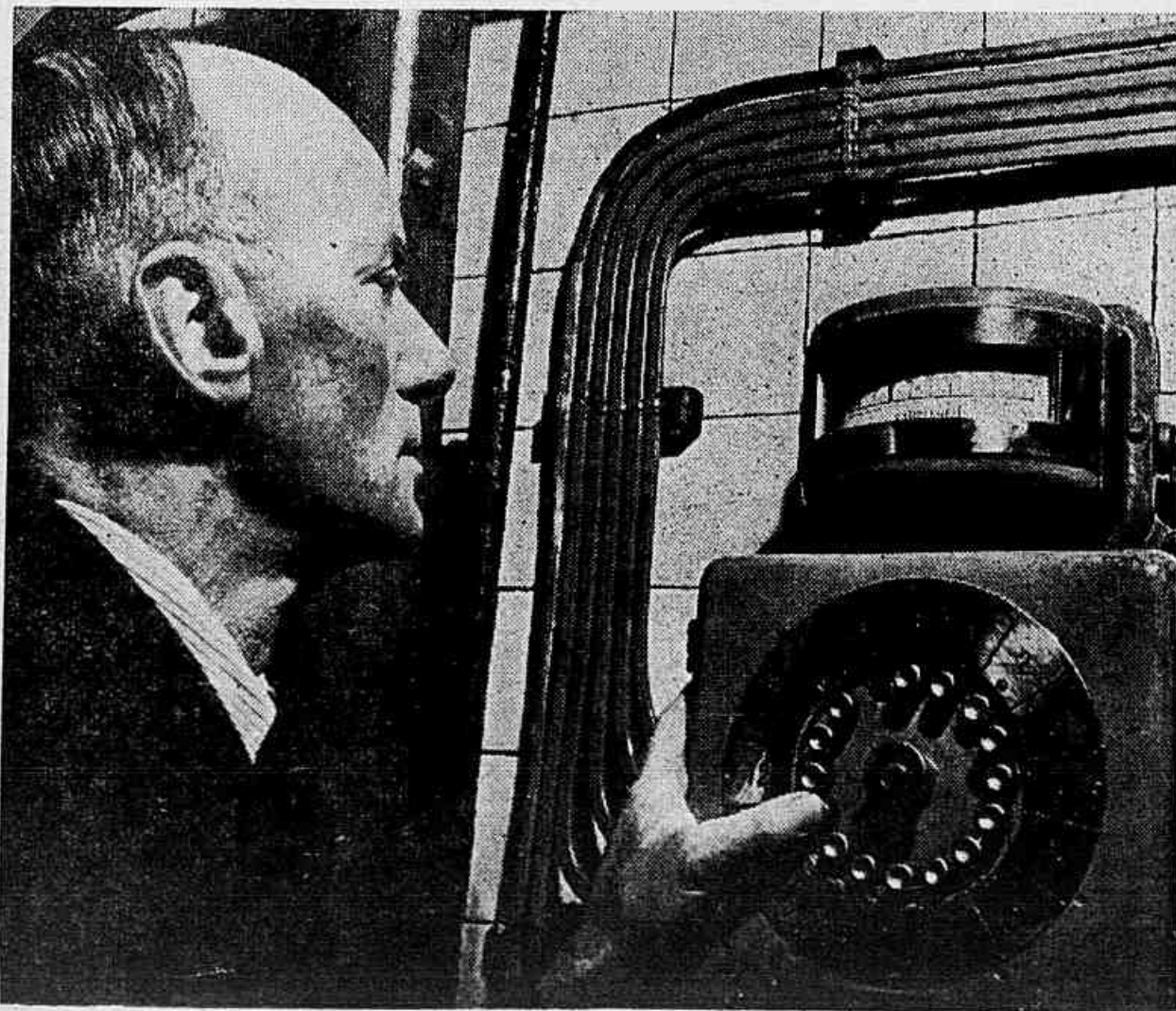
Verificaram-se grandes modificações no comércio de

peles. Primeiramente, a estrada de ferro revolucionou a situação em todo o país; e depois, mais recentemente, o advento dos veículos a motor influenciou a extensão das estradas até os limites e além da colonização. Navios percorrem lagos e rios, e o aeroplano tem de transportar peles das zonas mais inacessíveis. A intensidade de colonização mineira e agrícola, juntamente com o progresso verificado nos métodos de captura, afastaram os animais de peles para distâncias cada vez maiores, reduzindo-lhes consideravelmente o número. Com o fim de ser evitada uma redução total e de ser assegurada a prosperidade dessa herança natural do Canadá, os Governos Federal e Provin-

cial adotaram, em cooperação, uma enérgica política de conservação.

Hoje em dia, o comércio de peles foi parcialmente industrializado. Entre trinta e quarenta por cento (numa base de valor) das peles produzidas no Canadá provêm de animais criados em cativeiro. Dêstes, os mais importantes são a raposa prateada e o vison. O resto, porém, procede de animais caçados ou capturados em armadilhas. Em 1944, o valor das peles produzidas atingiu a cifra de 34 milhões de dólares, havendo sido as peles provenientes de animais criados em cativeiro avaliadas em 10 milhões de dólares.

A esquerda: A Hudson's Bay Company, de Londres, dispõe de quinze salas providas de ar condicionado para a armazenagem de peles. A temperatura de cada sala é controlada por um dos botões que vemos no instrumento. O Engenheiro da Companhia, que ali trabalha há mais de 20 anos, verifica a temperatura da sala 11. Por este termômetro, à distância, ele sabe qual a temperatura das 15 salas a qualquer momento. A da sala 11 está a 30 graus F. À direita: Comerciantes inspecionam na Hudson's Bay, a classificação das peles de raposa branca.



NOS BASTIDORES FEMININOS

EXISTEM mulheres que se esquecem de que o mundo não está absolutamente interessado nos seus problemas e daí fazerem deles o motivo central de toda a conversação.

Si estão numa reunião, começam logo a falar sobre a trabalhadeira imensa que lhes dão os filhos. Não existem crianças mais irrequietas e mais travessas, nem que tenham sofrido de tantas moléstias como as suas crianças. E quando o tema parece ter sido esgotado, entra em cena o marido, cujo temperamento terrível o torna diferente de todos os outros homens e, além do mais é nervoso e de humor instável: ela, a coitada, é forçada a suportar tudo.

Porém, não termina aí as amarguras da "vítima". Para o cúmulo, ainda sofre dos rins, o fígado está em mau estado e o coração parece não andar bem.

Poderíamos ter a esperança de que essa boa senhora dormisse bem a noite e que na manhã seguinte acordasse bem disposta e alegre. Mas não; a infeliz "Não pregou um olho" à noite toda!

Poderíamos aconselhá-la a que se dedicasse mais à sua casa, mas surgem novas lamentações: "o apartamento é horrível! Húmido no inverno e quentíssimo no verão! Além disso não há espaço suficiente e as crianças não deixam as coisas nos seus lugares!".

Enfim, ela é uma grande infeliz. Uma mulher a quem nem os próprios filhos conseguem alegrar. Só lhe resta uma grande consolação: a de poder se lamentar com todos e a cada instante, tentando convencer aos outros e a si mesma de que não existe no mundo mulher alguma tão desgraçada.

O pior é que ela se revoltará si lhe dissermos que tudo isso não passa de egoísmo, um egoísmo crônico que faz com que ela se desinteresse totalmente dos males alheios para impingir os seus. Essa forma de impôr sempre a sua desgraça e a sua infelicidade, não passa de egoísmo, egoísmo de quem quer chamar para si todas as atenções, egoísmo de quem quer ter todos os privilégios, até mesmo sobre moléstias e outras infelicidades.

São criaturas assim que depois de "envenenarem" o ambiente em que vivem, queixam-se de abandono; abandono do esposo abandono dos filhos, abandono das amigas...

Mas é lógico que isto aconteça porque não há ninguém, por muito tolerante que seja, que possa suportar por muito tempo essas eternas "vítimas". O próprio receto de se contaminar com todo esse pessimismo e todo esse desânimo contribuirá para afastar a própria família.

Imaginem ainda o quanto será desagradável viver com uma pessoa que nunca poderá participar inteiramente de uma alegria.

E' infalível que acabem isoladas e infelizes, mas esse isolamento e essa infelicidade foram construídos por suas próprias mãos e, a menos que o compreendam a tempo e procurem reagir, nada mais lhes restará fazer senão se contaminarem a confiar suas máguas a uma amiga incauta ou às suas cozinheiras...

KITTY

Shirley Temple se fez moça e dita a moda. Aqui a temos vestindo um conjunto alegre. Consiste numa saia preta, bolero vermelho e blusa de seda listrada.





DE vez em quando, a moda vem tirar do esquecimento um detalhe qualquer, transformando-o logo na "última sensação". E' o caso agora dos botões, que "parece, voltando-o logo na "última sensação". E' o caso agora dos botões, que parece, volta-foi dito, com os seus modelos bastante originais. Da esquerda para a direita: Neste conjunto, os botões são aplicados na saia, em linha vertical. Muito "chic" este modelo em



sêda preta com botões brancos ao alto, na blusa e em baixo, na "basque", formando desenhos. Um "tailleur" sem dúvida muito original este que a "estrelinha" da Universal nos apresenta. O casaco, bem transpassado, fecha com duas carreiras de três botões, o mesmo acontecendo com a saia, com os seus babados também transpassados. E aqui ela nos mostra que até mesmo em vestido "habillé" os botões podem ser empregados.

EM MODA OS BOTÕES

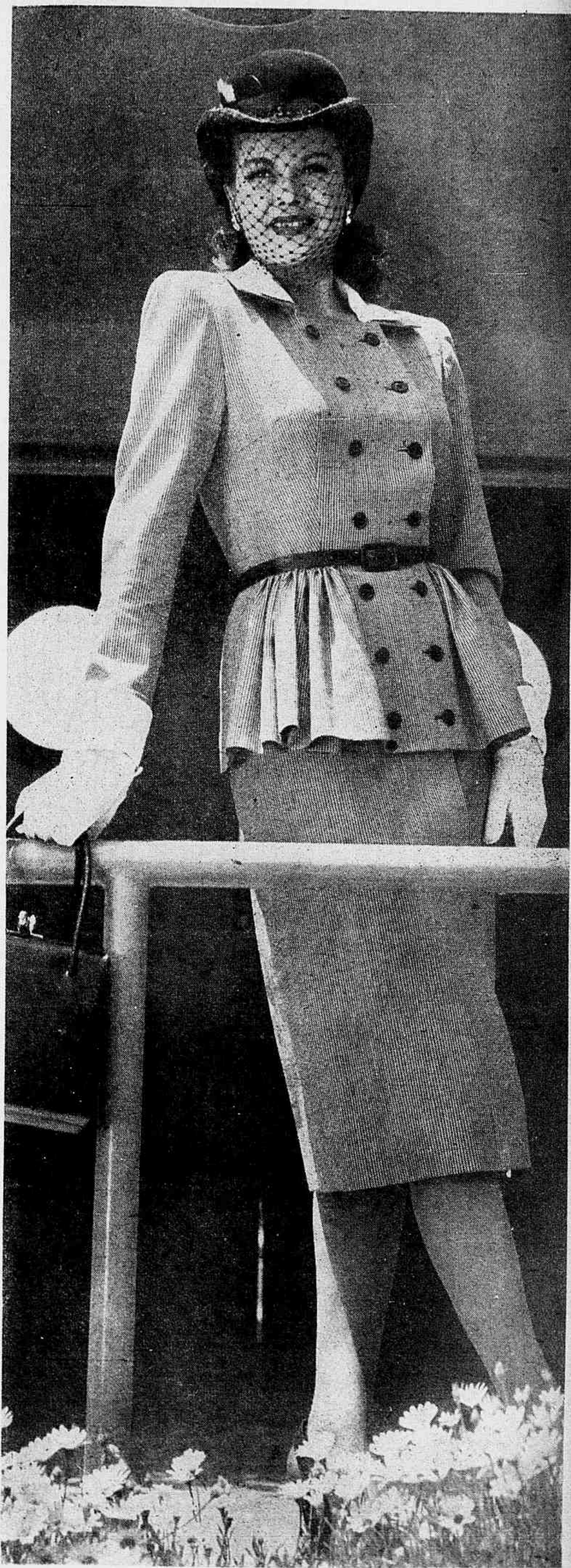


CONJUNTO prático e elegante executado em lã marron e bege. Sáia "godet", jaqueta justa, sem gola, bolsos sobre o busto, botões marrons. Sobre o "duas-peças" largo casaco do mesmo tecido, de gola arredondada que forma lapela.

Distinto e elegante este modelo de Molyneux. É confeccionado em lã preta, com grandes bolsos guardados de tricot. Mangas compridas, talhe alto, gola estreita de "gorsgraib" branco.



MODELOS EM LÃ



A esquerda: Si você é magra, ficará bem com este casaco largo de lã bege, sugerido por Gall Russell, da Paramount. Gall usou-o com uma saia do mesmo tecido, prequeada só dos lados, e ainda com uma blusa de seda branca com laço vermelho sob a gola. À direita: Martha O'Driscoll, num "duas-peças" de tecido quadriculado preto e branco. Duas carreiras de botões pretos fecham o casaco. Gola de lustão branco.

I N V E R N O



Vemos nestas páginas, Jane Wyman, da RKO, com saia de gabardine com bolsos quadrados e blusa de lingerie com "plastron" de nervuras. Laço sob a gola. Diana Lynn com um lindo modelo de chapéu primaveril em palha, flores e véu. Barbara Bel Geddes é a nova "sensação" que a RKO vai lançar. Aqui a temos com a sua "sweater" de malha azul clara com um cinto de couro no qual está gravado uma espécie de "quebra-cabeças" que traduzido para o português vem a ser mais ou menos: "um vintem pelos teus pensamentos".



6 MODÊLOS



Esta é Louise Collier, da Universal, com uma curiosa boina executada com o mesmo tecido de "tailleur". A simpática Donna Reed, da RKO, veste encantadora blusa de organza rosa pálido com folhagens bordadas em branco na gola e nas mangas. E, novamente Barbara Bel Geddes com um vestido juvenil em "moiré" cor de tifoio, com faixa e laçinhos de veludo do mesmo tom na gola e na manga.



VARIADOS

A MODA SE REPETE...



Os modelos aqui apresentados às nossas leitoras são inspirados na moda que imperava no princípio d'este nosso século vinte. Em baixo, da esquerda para a direita, temos: dois modelos para "soirée" em cetim, saia justa aberta até a altura dos joelhos, com franzidos à altura das cadeiras. A seguir, dois outros elegantes modelos, casacos brancos com saias amplas franzidas na cintura, em tafetá, preto; finalmente dois outros modelos distintos, o primeiro, em pesada seda branca, com farto drapeado na saia; e o segundo em seda azul marinho. Modelo simples com grande laço na cintura.



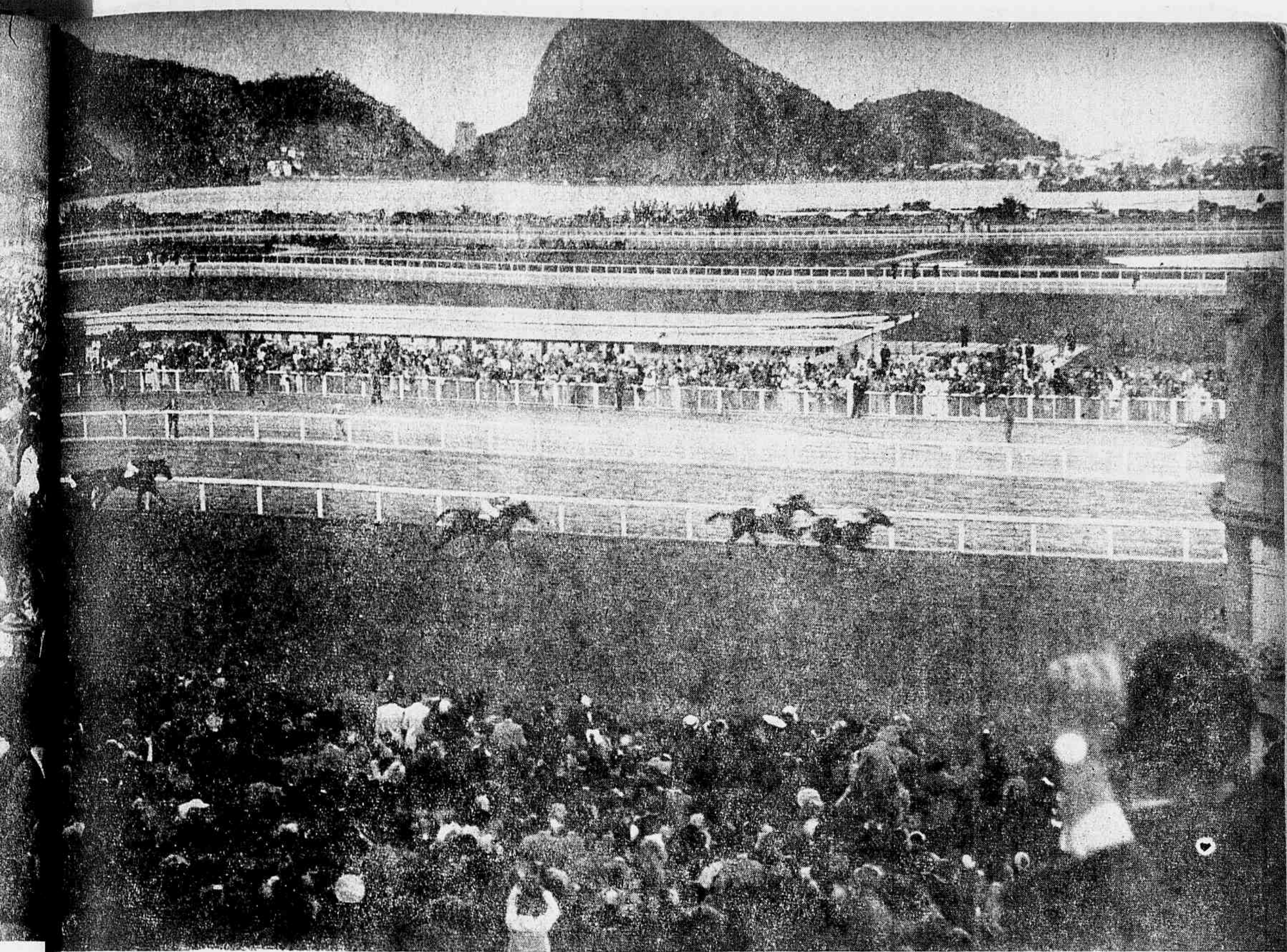


O GRANDE PREMIO BRASIL DE 1947

A MAIOR FESTA DA CIDADE, GLÓRIA E ESPLendor DO TURF NACIONAL

A fotografia do alto da página oferece uma visão impressionante das dependências do Hipódromo da Gávea, inteiramente lotadas de um grande público que para lá acorreu afim de presenciar o emocionante espetáculo. Em baixo — O elemento feminino, exibindo riquíssimas "toilettes", deu mais uma vez a nota de distinção e elegância à grande reunião. Os três flagrantes são uma amostra dêsse desfile de raro brilhantismo.





A história do turf nacional vem de ser acrescida do seu mais belo capítulo, gravado com fulgurações de inextinguível brilho na tarde do dia

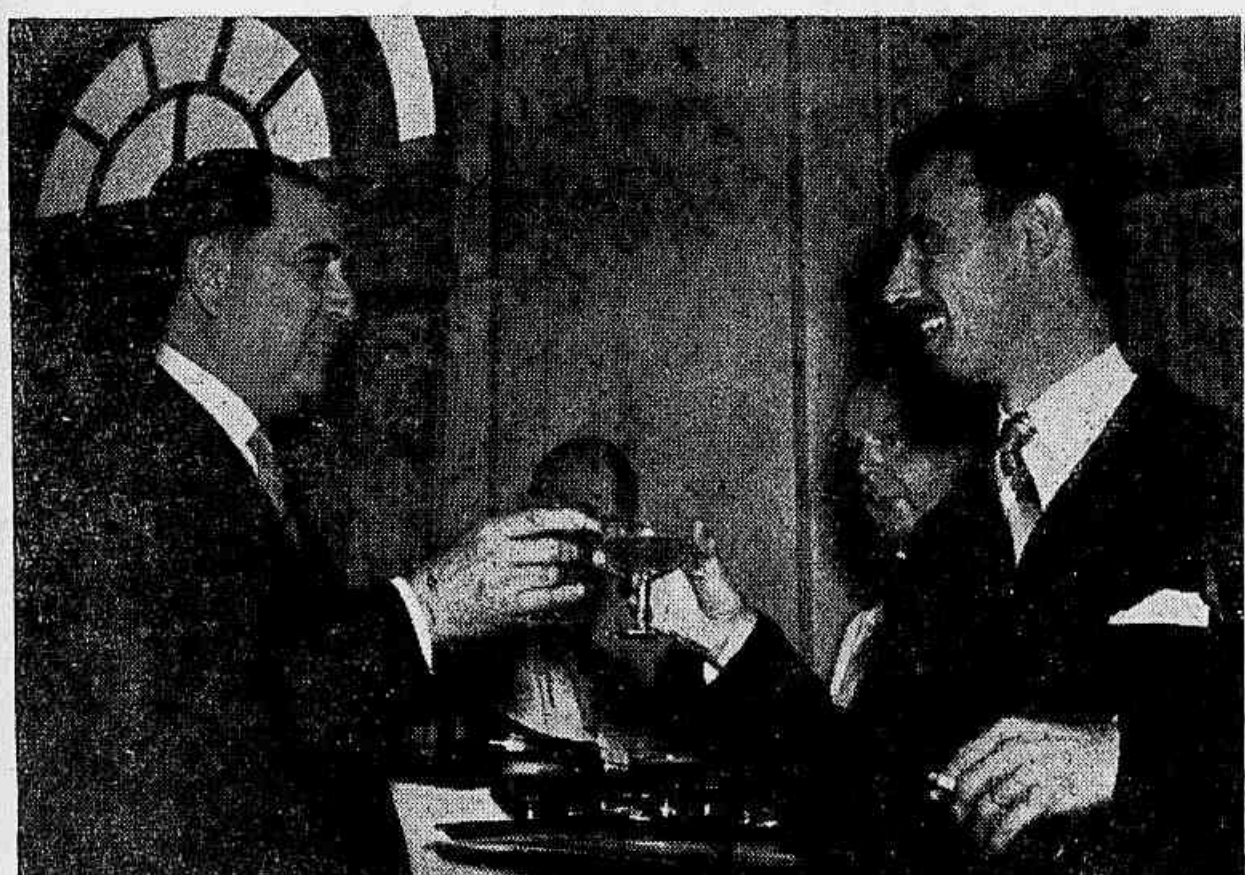
3. Naquela tarde doirada pelo esplendor de luzes de um ténido e macio sol de inverno, que punha nuances raras no cenário exuberante da Gávea, o es-

petáculo festivo e impressionante da disputa do Grande Prêmio Brasil de 1947, foi a nota máxima da nossa vida esportiva e social. Quem ali esteve e viu

desfilar ante os olhos maravilhados a interminável parada de emoções, de beleza, de elegância e bom gosto, por certo não esquecerá momentos vividos

Ao alto da página — A sensacional chegada da grande prova de um milhão. Heliaco e Heron estão na ordem com que chegaram ao disco final, arrancando uma extraordinária ovação da assistência e conquistando para a criação nacional mais um esplêndido e convincente triunfo. Em baixo — O Grande Prêmio Brasil foi também uma parada de elegância e beleza sem par, como vemos pelos flagrantes colhidos pelo nosso fotógrafo.





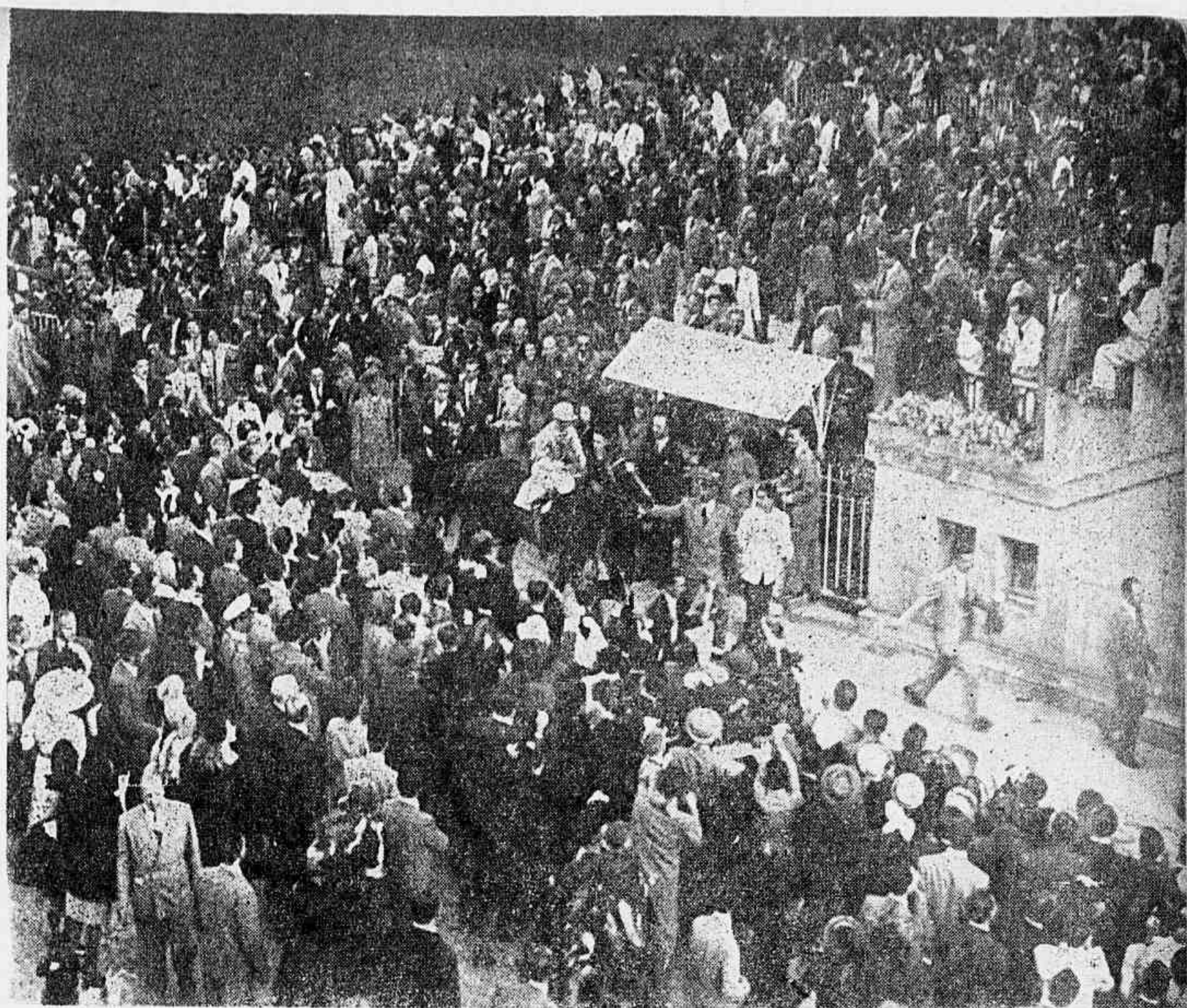
Ao alto, à esquerda — A casa das apostas refletiu, como mostra a foto, a enorme animação que despertou a reunião turfista do dia 3, batendo todos os "records" de arrecadação. À direita — Depois da magnífica vitória, os jockeys de Heliaco e Heron, Oswaldo Ulhôa e Domingos Ferreira, são abraçados pelo sr. Francisco Eduardo de Paula Machado, proprietário dos animais vitoriosos.

tão intensamente, e tão intensamente bem vividos. O Hipódromo magestoso, palco digno de exhibições de gala como a que a metrópole acaba de presenciar, esteve mais uma vez ao nível da sua imponente grandeza, literalmente tomado por uma assistência brilhante e entusiasta.

onde o elemento feminino dominava, ostentando riquíssimas "toilettes" e os mais lindos sorrisos. Foi assim a disputa do 15.º Prêmio Brasil, coroado com a eletrizante vitória do valeroso Heliaco, que ainda teve a escolha de honra do não menos meritório Heron, glórias da

Ao alto — O sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, saudando o criador de Heliaco, o sr. Candido Guinle de Paula Machado. Em baixo — Flagrante do ministro José Linhares, do sr. João Borges Filho, na Tribuna de Honra, ladeando duas damas da nossa sociedade.





Ao alto, à esquerda — Helíaco e Heron voltam triunfantes da grande carreira, cujo transcurso sensacional foi acompanhado com indescritível entusiasmo pela enorme assistência. À direita — Helíaco e seu vitorioso condutor, ao entrarem para a repesagem, são vivamente aclamados pelo público, que não regateou aplausos ao brilhante feito da Coudelaria Paula Machado.

"élévage" nacional, que tão bem corresponderam ao esmagador favoritismo com que foram eleitos pelo público. O perfeito desempenho da parêlha notável, a modelar organização do "meeting" e o esplendor social e mundano registado, consagraram definitivamente o Grande

Prêmio Brasil como a maior festa da cidade. E a deste ano foi, sem dúvida, a mais bela entre tôdas as reuniões turfistas verificadas em nosso meio, confirmando os títulos conquistados pelo nosso Hipódromo Brasileiro, de um dos mais adiantados centros carreiristas do mundo.



Ao alto, à direita — A saudação do presidente do Jockey Club Brasileiro ao proprietário de Helíaco, sr. Francisco Eduardo de Paula Machado. Em baixo — O sr. Moacyr de Carvalho, membro da Comissão de Corridas, faz as últimas recomendações aos jockey que disputarão a magna carreira.



CAFÉZINHO DE VISITA

meu amigo Benito, um italiano de Florença, cerimonioso ao extremo, observava à risca as regras da etiqueta. Muitas vezes enguliu em seco e sempre acatava, com sorriso nos lábios, as mais absurdas e idiotas afirmações que, na conversação, lhe eram dirigidas. Conheci-o no Rio de Janeiro,

mos viver socialmente, é necessário que não digamos as verdades e mesmo porque a verdade não é deste mundo, ela só aparece depois da morte.

— Não o entendo. Se a verdade surge só depois da morte, os que a amam sentem mais vontade de morrer do que viver e isso seria então um incentivo

— Quer dizer que ama a verdade?

— Sim! se bem que nem sempre a diga...

— Veja, meu amigo: você quer uma coisa impossível de se realizar: Deseja a verdade da morte, porém não quer deixar a mentira da vida.

— Mas... Você sintetizou tu-

é a verdade em si. Sempre há de ter um apêndice ou uma falha.

— Mas, Benito! Isso são atitudes tomadas por pessoas que não se determinam e não sabem o que querem...

— Olhe, rapaz, aquele mendigo, conversando com o moleque; está rindo, não está? está contente, já conseguiu o que chega para hoje, não é?

— E'.

— Repare a transformação da fisionomia quando essa velha rica, que passa por nós, chegar



numa dessas reuniões de estudantes e, sendo eu avesso a tradicionalismos inadmissíveis, fizemos amizade e, de quando em vez, discutíamos sobre as limitações e convenções sociais. Ele admirava a aparência social, eu detestava e tinha ímpetos de desmascará-lo. No fundo, ele tinha razão e conseguia mesmo a minha aprovação quando me explicava o seu modo de pensar.

— Meu caro, para que possa-

para o suicídio... Não acha você?

— E' claro! Por isso mesmo eu reafirmo. O que vence sempre é a mentira. Todos mentem. Todos enganam. Mentimos e enganamos porque temos amor à vida. A verdade é da morte, por isso é que nós tememos ambas com a mesma intensidade.

— Eu não tenho medo da morte!

do numa fórmula tão simples — verdade-morte, mentira-vida — que o bom senso e a razão não o admitem.

— Escute, nós nunca dizemos, precisamente, o que sentimos, tudo o que falamos ou tem demais, ou de menos ou é ainda bem diferente do que tínhamos pensado. A verdade não admite capa e não conhece desculpas e, analisando bem, toda desculpa é uma mentira escondida. Nunca

perto dele. Repare! veja só! Olhe, olhe! Acha você que a expressão é a mesma? Até os mendigos sabem que as aparências são o que convencem a sociedade.

— Isso é um caso isolado...

— Qual nada. Escute a voz do jornaleiro, tudo mentira o que está dizendo; repare o vendedor de maçãs; observe aquelas duas mocinhas, trocando beijos de despedidas; fixe aquele

pelintra, com a cara mais aborrecida dêste mundo, mas sendo obrigado a dizer: "Muito prazer em conhecê-lo".

— Então, você acha, Benito, que devemos bater palmas quando temos vontade de vaiar, elogiar uma mulher feia, quando desejamos chamá-la de espantalho, tolerar uma conversa idiota quando temos o desejo de mandar o conversador às favas? Só para não fugirmos à etiqueta e ao convencionalismo?

— Até que enfim você compreendeu! E ainda digo mais: os

te. Eu experimentei seguir a sua teoria e sempre saí bem sucedido. Acontece, porém, que volto para Florianópolis, cidade pequena e por isso mesmo cheia de preconceitos e de costumes muito interessantes: O cafezinho de visita é, em Florianópolis, uma tradição; tôdas as famílias a conservam e tôdas oferecem o

menos é a relutância. Quer queiramos, quer não, acabamos tomando o cafezinho.

★

Não sei que de negócios tinha Benito, em Florianópolis, que um belo dia o encontro na cidade. Agradável, como sem-

peito às aparências e etiquetas.

— Você pensa que eu não o conheço?

— Sim! mas não sabe que melhorei muito...

— Que horas tem?

— Dez para as dez.

— Então vamos!

★

Meia hora de conversa. O velho Silva Maia tinha apresentado a família inteira, inclusive a "bolinha", uma cadelinha lulu, que, antes, havia anunciado a nossa chegada.

Eu estava agoniado, pois a conversa em nada me interessava e sabia que iam demorar, pelo menos mais uma boa meia hora, pois o infalível cafezinho ainda não tinha vindo à baila.

Esperava um intervalo na conversa, mais ou menos longo, para entrar com o meu: "Está na hora, não acha, Benito?" Mas a mulher do seu Silva Maia, uma dessas senhoras que não saem de casa mas sabem da vida de todos, enchia o meu amigo de perguntas ininterruptas e vazias. E o Benito ainda dava corda...

Em dado momento o velho pigarreou, trocou um olhar com a Sra. Silva Maia que pediu licença e se retirou. Pensei comigo: É a hora do cafézinho; e, aproveitando a ocasião, dirigi-me a Benito: Vamos, Está na hora, você não acha?

— O velho nem deixou Benito responder...

— E' cedo! Esperem pelo cafezinho!"

F os diálogos se repetem...

Pouco tempo depois o cafezinho chegou. Xícaras pequenas de porcelana chinesa, duas apenas. A Sra. e o Sr. Silva Maia não tomavam café.

— Meu Deus! disse instintivamente depois de tomar um golezinho.

— Está bem de açúcar? perguntou o velho.

— Disse um "está" mecânico, sem pensar, procurando um lugar onde pudesse despejar "aquilo" sem que ninguém pudesse observar, e consegui. Estava sentado perto de um desses vasos de samambaia onde, com um gesto rápido e que ninguém percebeu, deixei aquela rubiácea falsificada e de gosto suspeito. Olhei o meu amigo.

Suava como um réu, ao ser interrogado, remexia-se na cadeira e eu sabia por que, e pensando bem, divertia-me com a situação dele.

O subconsciente de Benito agiu mais depressa do que as suas teorias convencionalistas e tradicionais. Quando a velha perguntou qual de nós dois era o mais velho, ele respondeu:

— E'... "barata pura".



outros também sabem que nós estamos mentindo. E isso provém de terem, o convencionalismo e a tradição, fantasiado a verdade. E' assim, meu velho! Vestimos a verdade para encobrir as nossas vergonhas, quando a verdade não necessita de roupagens, ou de fantasias. Ela deve andar sempre nua.

Benito sabia convencer a gen-

cafezinho às suas visitas, até às inoportunas. As expressões são também de praxe: — "Esperem pelo cafezinho!" — "Obrigado, não se incomode, nós precisamos sair agora!", "Não desejamos causar transtornos!" — "Absolutamente!" "Não é incômodo, já estávamos preparando". "E' um prazer!" "Não custa nada!"

A insistência é grande, e não

pre, mostrava que seguia as regras que determinara.

— Cheguei ontem, hoje tenho que visitar a família Silva Maia. Não sei onde mora. Quem sabe você conhece? Vamos lá? Não pense muito? Vamos, não é?

— Conheço, sim, mas... E' uma família cheia...

— Então está para mim! Eu sei lidar com tudo o que diz res-

BLUSAS ORIGINAIS

A blusa, esportiva, ou "habillé", é uma peça indispensável num guarda-roupa feminino, seja este suntuoso ou modesto. Usada com "tailleur" ou apenas com uma saia, ela dá sempre graça e jovialidade à figura. Nestas páginas nossas leitoras encontrarão algumas blusas, todas encantadoras, que nos vêm de Paris: A esquerda de cima para baixo: Elegante blusa de Lucile Manquin, em crepe branco mate com mangas originais, de largos punhos feitos com o reverso da fazenda. Elegante blusa de tafetá escuro com franzidos nos ombros. Mangas largas ajustadas com punhos. Laço na frente. Creação de Gabrielle. Modelo "habillé" de Marcelle Chaumont, em crepe branco com pala em ninho de abelha. E' de L. Mendel este modelo em cambrá de linho branca, com nervuras e bainha aberta em sentido horizontal. Modelo muito "habillé" em "tulle" negro. E' toda drapeada e franzida, terminando na frente em "jabot". Creação de Marcelle Alix. Georgette Renal apresenta blusa de cassa branca com "pois" marinho. Pala cercada de babado franzido da mesma fazenda. Mangas fofas. Finalmente, à direita: Modelo de "A La Ville du Pui". Este é um "chemisier" de musseline com enfoite de nervuras. O "jabot" é do mesmo tecido, levando renda à sua volta.



DANSEM

TODOS OS DOMINGOS
A PARTIR DAS 15 AS 17 HS.
AO SOM DAS MUSICAS DO

VESPERAL VESUVIO

PELA P.R.D. 2
RADIO CRUZEIRO DO SUL

O PRINCIPE DAS SOMBRINHAS

VESUVIO
RUA 7 DE SETEMBRO, 202

A sala de visitas da elite carioca

Guarda chuvas
e sombrinhas para
meninas.

FABRICAÇÃO PRÓPRIA

À VENDA EM TODO
O BRASIL



MÚSICA

JARDIM DE INFÂNCIA PARA "VIRTUOSE" — A SHIRLEY TEMPLE DO ROCOCÓ — UMA FÁBRICA DE MENINOS PRODÍGIO — UM CONCERTO DE TCHAIKOVSKI "SURPREENDENTEMENTE ADEQUADO" — A CONSTITUIÇÃO, O VIOLINO E AS PERNAS CRUZADAS — TALENTOS "TEMPERAMENTAIS".

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Um certo crítico musical, já hoje aposentado, homem respeitabilíssimo, erudito, esteve, certa vez, às portas de um colapso cardíaco — tinha o coração fraco... — por causa de um apelido que outro crítico, mais moço e bastante irreverente, inventou para Mozart. Provavelmente o cronista escandalizado, em seus bons tempos, ouvira chamar a Recife de Veneza Americana, isto dito muito a sério, na boa época romântica, dos arroubos de eloquência tribúncia e dos amores patológicos. Ora, quando Guilherme de Figueiredo chamou a Mozart de "Shirley Temple do Rococó", evidentemente estava procurando uma forma pitoresca de colocar diante dos leitores de 1942 a imagem do pequenino e petulante gênio, do menino prodígio que já tinha, na mais tenra idade, a sublime displicência e a soberana vaidade que caracterizaram os grandes artistas de toda uma época da história, quando o talento desmesurado deveria vir emoldurado em uma desmesurada extravagância, de costumes e até de trajes. Quando Mozart compunha suas primeiras obras e dava provas, assim, de uma notável inspiração, prodigiosa num menino de seis anos, estava trilhando, seguro, o caminho que o deixaria no colo da glória "per omnia saecula saeculorum", mas, quando, garotinho malcriado, ele estirava a língua para Maria Antonieta, dava "psius" irritados aos conversadores que se distraíam durante seus recitais, abria as mãos que não abarcariam com os dedinhos uma oitava, e portava-se, de uma maneira geral, como o "enfant gâté" de muitas cortes embevecidas, quando fazia tudo isso, ele era um menino prodígio, tipo Hollywood, e bem merecia o apelido de Shirley Temple do Rococó, em que pese as santas iras de quantos veneram a sua memória e o seu gênio, entre os quais, admirador agressivo, figura o poeta Murilo Mendes. Desculpe, Murilo...

Os meninos prodígio já andam em voga há muitos séculos. Os elegantes patronos deixaram de ser os aristocratas ociosos, da pré-Revolução Francesa, e passaram a capitalistas poderosos, porém, o sistema é o mesmo. Ainda vigora. A maneira do artista defender uma vida mais razoável é apelar para quem tem os recursos para assegurar-lh'a. Os meninos prodígio são balas assucaradas para as "sensibilidades" nem sempre muito sensíveis dos Cresos modernos.

UMA FÁBRICA DE MENINOS PRODÍGIO

Aldoux Huxley, um inglês complicadíssimo, que mistrou bem a sua cultura variada até desaguar num misticismo que nada resolve, costumava ridicularizar o pobre Jean-Jacques Rousseau, dizendo que o filósofo francês, como tal, era um bom literato, com sua lição do selvagem bom e do "voltemos ao natural", isto é, às tocas primitivas, à pedra lascada ou, pelo menos, à pedra polida. Mas era esse mesmo sofisticado e irônico Huxley quem iria, anos mais tarde, bradar seu desprezo pelos arranha-céus gigantes, pela produção em massa, pela padronização, verberando o triunfo industrial como uma perversão do bom gosto, pedindo que não se entregasse tudo à máquina... Era uma maneira de recuar, mais sutil que a de Rousseau, mais camuflada, menos ingênua, mas toco. E não tinha o efeito das poderosas teorias do precursor da Revolução Francesa.

Huxley sempre foi um amante da Arte, dessa arte que só se escreve com A maiúsculo e que respeita a divina Personalidade do artista como a emanção de desígnios metafísicos, encamados na pessoa de um privilegiado enviado dos Céus, para espalhar Beleza pelo mundo... Que profunda indignação não lhe causaria pois encontrar, concretizada na realização de Peter Meremblum, a fábrica de meninos prodígio, que fizemos assunto desta crônica e que explica toda essa conversa a respeito de Mozart e do escritor inglês que construiu uma torre de marfim na colorida Califórnia.

SINFÔNICA INFANTIL

As Orquestras de Crianças existem em todo o mundo. Nenhuma, entretanto, com as características que isolam o empreendimento de Peter Meremblum na sua decidida originalidade. Resolvendo tomar os artistas ainda em botão e ajudar a formá-los, Meremblum, que recebe boas verbas e subvenções, está apto, inclusive, a arranjar colocação para os jovens artistas, mal estes começam a desenvolver as suas vocações em virtuosismo e capacidade de interpretação musical.

Algumas opiniões a respeito da garotada dão a medida do talento que ali vai se preparando para o futuro.

Arthur Rubinstein, pianista internacionalmente famoso, depois de tocar o concerto de Tchaikovski, acompanhado pela Sinfônica da garotada, declarou, muito a sério: — Muitas grandes orquestras do mundo não me dariam o acompanhamento seguro, brilhante e surpreendentemente adequado que tive, aqui.

Stokovski, que, periodicamente, vai roubar a Meremblum, com grande alegria deste último, algumas de suas revelações, declarou:

— E' aqui que encontrei, pela primeira vez, o Jardim de Infância do talento musical.

Albert Coates, compositor e regente inglês, é outro assíduo visitante do conjunto de crianças da Califórnia. Disse ele:

— Não encontrei, em nenhuma outra parte do mundo, uma realização que se assemelhasse a esta.

Meremblum conta que à meninada nem ao menos falta aquela característica comum do talento... o "temperamento". A petizada é temperamental ao extremo.

Certa vez, uma violinistazinha de cinco anos, lhe recitou a Constituição Americana para reivindicar o direito de tocar de pernas cruzadas.

— Liberdade! — gritou, diante do regente surpreso.

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Jane Greer

famosa estrela da FOX Radio Pictures, que aparece em "THEY WON'T BELIEVE ME"

Gosto de Kolynos porque toda mulher gosta de ser admirada. E porque um só centímetro deste creme dental concentrado — não é preciso mais — deixa os dentes limpos, o sorriso brilhante, o hálito perfumado, a boca toda deliciosamente fresca. As estrelas e os astros do cinema sabem que Kolynos... limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos... não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

Jóias e Relógios
Preços de Atacado

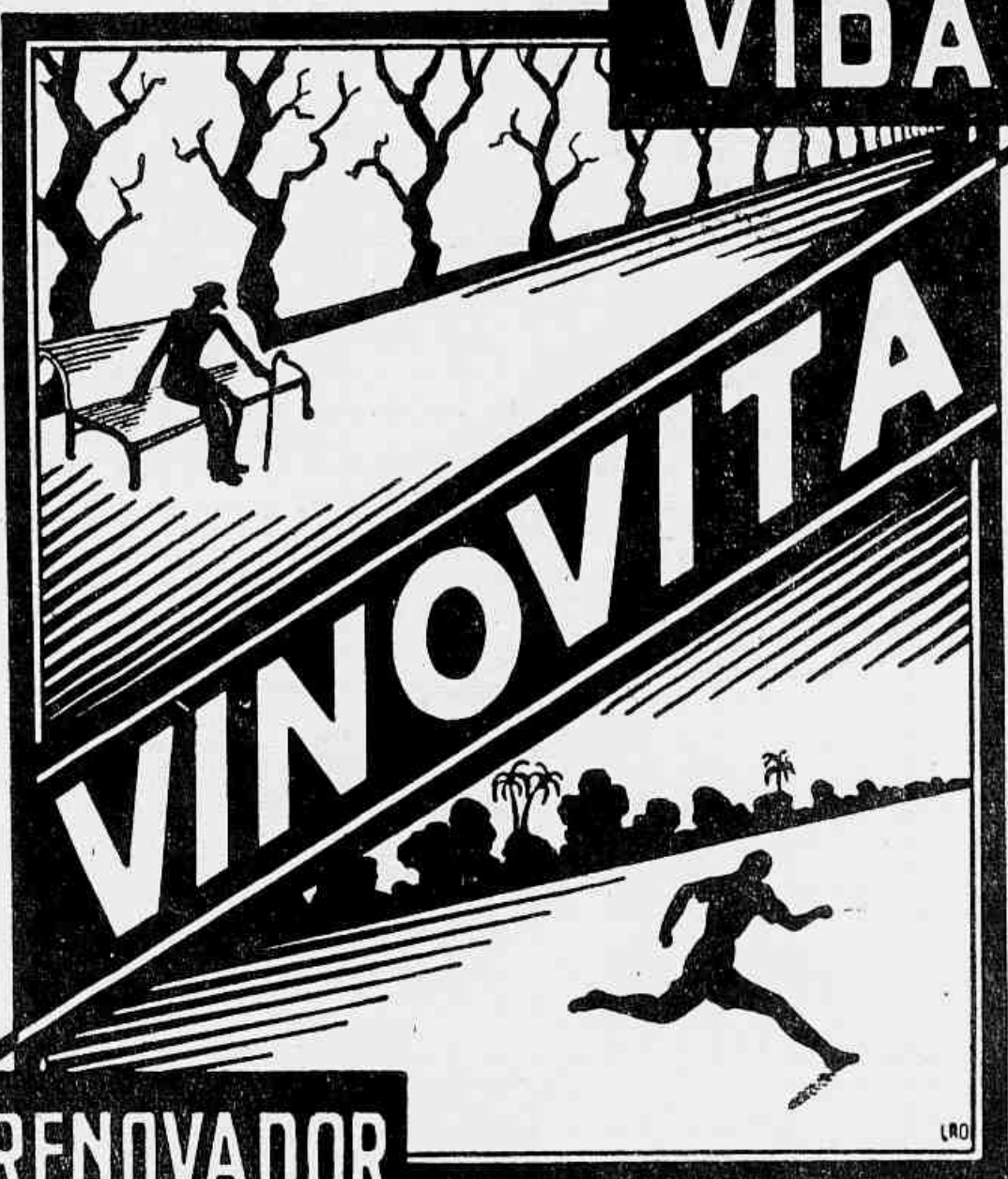
Manoel Salgado Joalheiro

R. Visc. do Rio Branco, 29 - 1.º and., s/4. Tel. 22-9741



Contra o esgotamento
físico e mental!

VINHO
DA
VIDA



RENOVADOR
DAS
FORÇAS

Tônico poderoso



O PRESIDENTE DE PARFUMS WORTH NO RIO — Monsieur Maurice Blanchet, Presidente da Société Les Parfums Worth — Paris — que se encontra em viagem de negócios na América do Sul, chegou a esta Capital pelo avião da Air France, proveniente de Montevideo. O ilustre visitante reservou-se como última etapa de sua viagem o Rio de Janeiro, com as suas belezas naturais, e permanecerá mais de uma semana entre nós.

Monsieur Blanchet, que viaja acompanhado de sua elegante esposa, foi recebido no Aeroporto pelo Sr. Albert Kottlarzig, Vice-Presidente da Casa Worth para as Américas, pelos seus distribuidores no Rio e amigos residentes no Rio.



ESCOLA DA SAUDADE, comédia em tres atos, de Josué Montello — Maranhão, 1946.

Esta escola, sem curso determinado nem professores oficiais, é um asilo de velhice. Ali se aprende a amar e cultivar a saudade, como suave refúgio para o infortúnio e possível compensação de todos os bens perdidos. "Recorde a melhor hora da sua vida", tal o preceito que se criou e vigora no estabelecimento. Recordar é reviver. Fora das distrações vulgares, como o jogo de damas e o *tricot*, não devem os recolhidos fazer outra coisa, senão pensar nos momentos felizes do passado. Alguns os reduzem à feição mais simples e mais breve, capaz no entanto de sorrir ao espírito e adoçar o sentimento de maneira a encher aquelas existências ingênuas; outros, de imaginação generosa, enfloram e enobrecem as suas reminiscências. Dão-lhes o vulto de romances, a elevação de poemas. E, entre as mulheres como entre os homens que se reúnem no chamado pátio de recreio, há confidências amigas, cordiais conselhos, confortos que ajudam a manter a ilusão...

Nem tudo, porém, no asilo é harmonia ou serenidade. Eglantine, devota maníaca, exaltada a ponto de, por amor a Deus, detestar, a bem dizer, toda a humanidade, exerce, com surdo furor, a espionagem, a intriga, a delação. Multiplica-se em indiretas ferinas e manda cartas anônimas, recursos de que realmente não precisa, porque, quando lhe dá na veneta, lança as insolências à própria face das vítimas. Assim ela averigua fraquezas e descobre "podres" no presente ou no passado doutros personagens. Um dos seus estribilhos é a afeição que liga a administradora do asilo e o médico-diretor — e aí não deixa a maledicência da beata Eglantine de ter certa base, porque o doutor é casado.

Não consideramos útil nem sobretudo oportuno expor o entreccho da *Escola da Saudade*, como fazem os cronistas teatrais com as peças representadas. Na do Sr. Josué Montello notadamente se fazem apreciar o fundo de sentimento, uma leve e doce filosofia e, apesar de um ou outro preciosismo nos diálogos em que devia reinar simplicidade, a linha de dignidade literária. Pensará alguma empresa em levar à cena esta nova produção teatral do autor de *Precisa-se de um anjo* e *Tres casacas de aluguel*? Não nos parece impossível. Se, porém, tal fortuna lhe não está reservada, o livro basta para lhe assegurar o bom êxito, porque de certo ninguém deixará de ler estas páginas sem interesse e emoção.

Raivosa

(Continuação da pág. 25)

A noite senti de repente uma espécie de ternura por meu marido uma ternura de desesperada. Ele me pareceu bondoso e apoiei-me a seu braço. Vinte vezes estive para lhe dizer o meu abominável segredo mas calei-me.

Ele abusou odiosamente de meu abandono e do debilitamento de minh'alma. Não tive forças para resistir-lhe nem mesmo vontade. Eu suportaria tudo, sofreria tudo! No dia seguinte recebi uma carta de minha mãe. Ela respondia a minhas perguntas, mas não me falava de Bijou. Pensei imediatamente: "Ele não existe mais e querem ocultar-me a sua morte." Depois pensei em correr ao telégrafo, para enviar um despacho. Uma reflexão mo impediu: "Se ele de fato morreu, não me dirão nada". Resignei-me, pois, a mais dois dias de angústia. E escrevi de novo. Pedia que me enviassem o cão para me distrair, pois eu me sentia um pouco aborrecida.

A tarde fui acometida de tremores. Não podia erguer um copo sem derramar-lhe a metade. O estado de minh'alma era lastimável. Escapei a meu marido na hora do crepúsculo e corri à igreja. Rezei muito tempo.

Ao voltar, senti novas dores no nariz e entrei numa farmácia. Conteí ao farmacêutico que uma de minhas amigas fôra mordida, e pedi-lhe conselhos. Era um homem amável, cheio de so-

licitude. Esclareceu-me abundantemente. Mas eu esquecia as coisas à medida que ele as dizia, de tal modo tinha o espírito perturbado. Só retive isto: "Os purgantes eram muito recomendáveis no caso." Comprei vários frascos de não sei o que, sob o pretexto de os remeter à minha amiga.

Os cachorros que eu encontrava me causavam horror e me davam desejos de fugir à toda. Várias vezes me pareceu que eu também tinha vontade de mordê-los.

A minha noite foi horrivelmente agitada. Meu marido se aproveitou da situação. No dia seguinte, recebi a resposta de minha mãe. — Bijou, dizia ela, estava passando muito bem. Mas seria um grande risco despachá-lo sózinho por estrada de ferro. Não queriam, pois, enviá-lo. E que ele estava morto.

Não pude novamente dormir. Quanto a Henry, êsse roncava. Acordou-se várias vezes. Eu estava aniquilada.

No dia seguinte, tomei um banho de mar. Quase desmaiei ao entrar na água, tal o frio que senti. Fiquei mais abalada ainda com aquela sensação de gelo. Sentia nas pernas umas pontadas horríveis, mas não sofria mais do nariz.

Apresentaram-me, por acaso, o médico inspetor dos banhos, um homem muito simpático. Com uma habilidade extrema, consegui levá-lo para o meu assunto. Conteí então que o meu cãozinho me mordera alguns dias antes e perguntei-lhe o que

Notas

MARIA DOS ANJOS, romance de Maria Amorim Ferrata — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro — 1947.

O título deste romance não indica a figura que, durante a ação, mais vezes aparece ou maior destaque assume. O protagonista vem a ser Jorge de Oliveira, de vinte e oito anos de idade, vagamente ligado a uma empresa ou escritório industrial e, no começo da narrativa, profundamente atacado de neurastenia. A moléstia lhe desorganiza a inteligência; lhe dá pensamentos negros e fobias. Chega a admitir, como providência única no seu caso, o suicídio, e deixa-se levar à "consulta" de um negro cachaceiro, delirante, que o declara sem nenhuma enfermidade mas presa do implacável "Arranca-tôco".

Em verdade, Jorge de Oliveira precisa de um incidente novo e energético na sua vida, uma reviravolta moral ou sentimental que o encaminhe para um destino mais ou menos claro e certo, e o faça esquecer tudo o mais. Como certas noças, na opinião dos médicos, necessitam de casar, assim o nosso herói carece de amar, no mais belo sentido do termo, de todo o coração. O que, de fato, acontece. Jorge está salvo. Infelizmente, não tanto para ele, sobretudo para a criatura eleita. Tadinha, não corresponde ao ideal sonhado. É fútil, disfarçado, calculista. Em companhia de sua mãe e sem que o pai rigorosamente saiba, frequenta cassinos, vai à roleta, onde — como toda a gente — tem a ilusão do ganho e acaba perdendo. Perde e insiste na ideia da desforra até cometer um furto, tirando de uma gaveta parte de certa quantia de que o pai é depositário. Ainda dessa vez corre ao pé do verde, volta com a bolsa vazia. E Jorge, vindo a saber do acontecido, envia espontaneamente a soma em questão, mas rompe o noivo do.

Outros temas, outros amores correm paralelamente desde o começo romance. Por um capricho de artista, os três primeiros capítulos iniciam histórias diferentes, as quais depois se vêm a relacionar e, por assim dizer, terminam ao mesmo tempo, ditosamente. Houve, porém, episódios dolorosos, situações verdadeiramente de tragédia... E Maria dos Anjos? Maria dos Anjos, destituída de toda formosura, nunca requestada, andou pela vida dos outros, obliqua e subrepticamente, fazendo visitinhas; colhendo novidades e transmitindo-as a seu modo; organizando, sempre que possível, o desastre ou o desgosto. E pelo seu verdadeiro retrato moral, no fecho do livro, se pode também fazer ideia dos belos dotes e recursos de escritora que, já nesta obra de estreia, demonstra a Sra. Maria Amorim Ferrata.

"E Maria dos Anjos? Que fim levou?"

Maria dos Anjos não tem fim. É um símbolo. Está em toda parte, vendo, ouvindo, sinuando malícias, fomentando discórdias, metendo ilusões. É previdente e cauta, paciente e sutil. Raciocina, premedita o ataque e sabe esperar a oportunidade para desfechá-lo. Quando erra o alvo, dificilmente repete o engano; tira lições da vida e nunca se dá por vencida. Suas armas são as atitudes dúbias, as linhas sinuosas, as reticências, maldosas, a maledicência velada. Fere e acaricia. Gera a confusão. Sem capacidade para as grandes emoções da vida, não experimenta nunca a satisfação real nem os grandes sofrimentos. Vive contente consigo e ninguém encontra superior a si mesma. Está em toda parte: no bonde, na Igreja, na repartição, na rua, na escola, no cassino, onde quer que se reúnem os homens numa tentativa de êxito ou de felicidade. Ninguém lhe escapa; e sua raça não se extinguirá da face da terra enquanto nela habitar a sociedade humana.

seria preciso fazer se sobreviesse alguma inflamação. Ele pôs-se a rir e respondeu: "Na sua situação só haveria um meio, madame — mandar fazer um novo nariz".

E como eu não compreendesse, acrescentou: "Isso aliás é com o seu marido".

Ao deixá-lo, eu estava nas mesmas que antes.

Henry parecia muito alegre, muito feliz naquele dia. Fomos de noite ao Casino, mas ele não esperou o fim do espetáculo para me propor regresso. Nada mais tinha interesse para mim, e eu o acompanhei.

Mas não podia manter-me quieta no leito, todos os meus nervos estavam tensos e vibrantes. Nem ele tampouco dormia. Beijava-me, acariciava-me, ternamente e meigo, como se afinal tivesse adivinhado o quanto eu sofria. Eu suportava as suas carícias sem nem mesmo as compreender, sem pensar nelas.

Mas de repente fui atacada de uma crise súbita, extraordinária, fulminante. Soltei um grito horrível e, repelindo meu marido que se abraçava a mim, lancei-me pelo quarto e fui cair de face contra o chão, ao pé da porta. Era a raiva, a pavorosa raiva, eu estava perdida. Henry levantou-me, assustado, fez-me interrogações. Mas eu me calei. Estava resignada agora. Esperava a morte. Sabia que após algumas horas de tréguas, viria outra crise, depois mais outra

mais outra, até a última que seria mortal.

Deixei-me levar para o leito. Ao clarear do dia as irritantes obsessões do meu marido, determinaram um novo acesso mais longo que o primeiro. Eu tinha vontade de rasgar, de morder, de gritar, era terrível, e no entanto, menos doloroso do que eu supusera. Pelas oito horas da manhã adormeci pela primeira vez em quatro noites. As onze horas uma voz querida me despertou. Era mamãe a quem as minhas cartas haviam assustado e que correra para ver-me. Tinha na mão um grande cesto de onde saíram, de súbito, uns latidos. Agarrei-o desvairada, louca de esperança. Abri-o e Bijou saltou para o leito, beijando-me, pulando, rolando sobre o meu travesseiro num frenesi de alegria.

Pois bem, minha querida, acredita-me se quiseres... Só no dia seguinte é que eu fui compreender!

Oh! como trabalha a imaginação! E dizer-se que eu cheguei a acreditar... Que tolice, heim?

Nunca confessei a ninguém, bem compreendes, as torturas desses quatro dias. Imagina se o meu marido soubesse.

Ele já zomba bastante de mim com a minha aventura de Pourville. De resto eu não me incomodo muito com os seus gracejos. Já estou acostumada. A gente se acostuma a tudo nesta vida...

AUTOMÁTICO e preciso!



- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Para-choque
- Antimagnético
- Vidro inquebrável
- Preciso
- Elegante

CYMA
Automático

Consolidação das Leis do Trabalho

Texto atualizado até a expedição do último Decreto-Lei do regime pre-constitucional. Texto completo.

Vêr o n.º 46 da revista

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

A' venda em toda parte. Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA.

Maranguape, 15 - RIO.

Atende-se pelo reembolso.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!



Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

O seu ponto de destino está incluído em nossas rotas?

Desfrute, então, a segurança e
o conforto que lhe proporcio-
nam as nossas viagens aéreas.

ESCALAS DOS AVIÕES DA LAB

RIO - SÃO PAULO - RIO DIARIAMENTE

Vitória

Ilhéus

Salvador

Aracaju

Maceió

Recife

João Pessoa

Campina Grande

Natal

Uberaba - Uberlândia - Araguari e Ituiutaba

MÁXIMA ATENÇÃO - PERFEITO SERVIÇO DE LANCHE A BORDO

VIAGENS AÉREAS

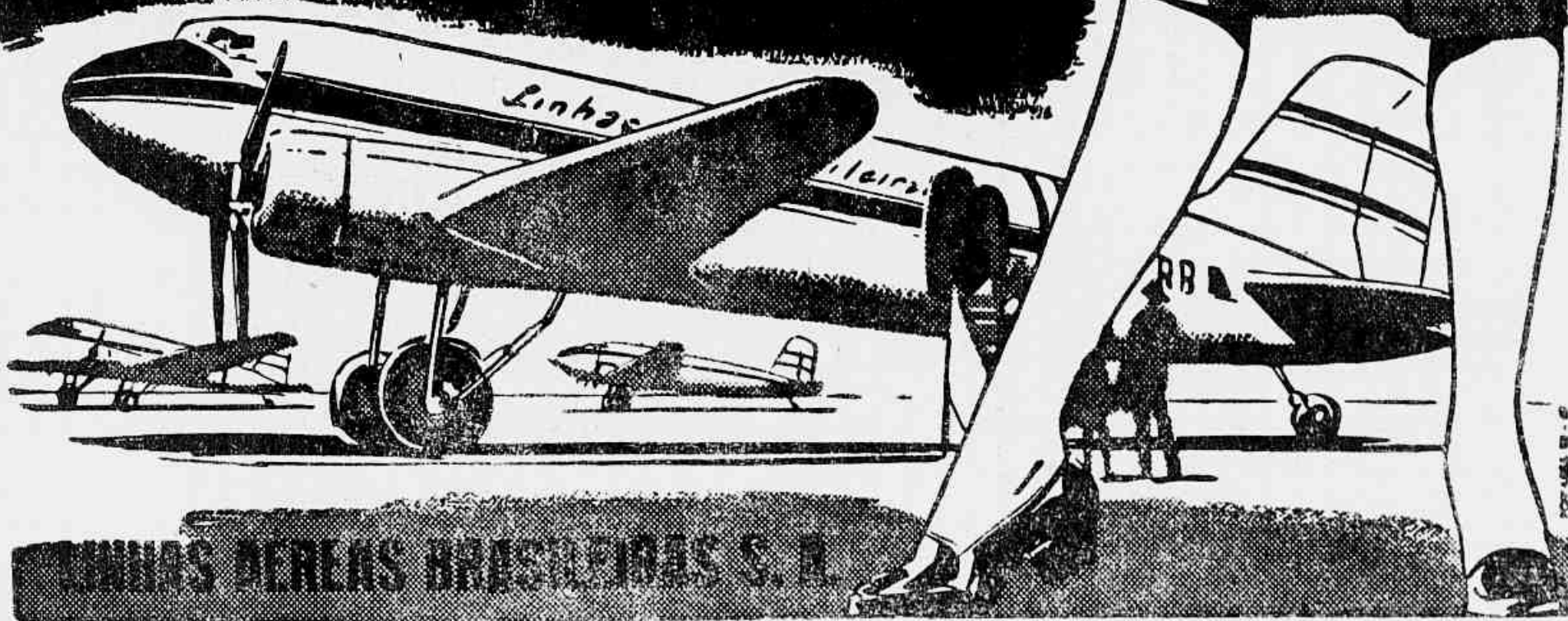
LAB

Passagens no Rio:

Rua Santa Luzia, 305 - Tel: 42-3388 e 42-3398

Em São Paulo:

AG. Marabá - Av. Ypiranga, 795 - Tel: 4-9896



A vida de Marco Aurélio

(continuação da pág. 20)

curos, que facilmente poderia abrigar pensamentos desleais. Marco Aurélio, no entanto, deu de ombros aos boatos de deslealdade. "É um bom general, rigoroso e bravo; o Estado não pode passar sem ele." Além disso, ninguém se adiantara ainda com uma acusação direta. Não havia uma prova concreta das acusações murmuradas. Confiante, o imperador voltou o espírito para outros assuntos. Cumpria-lhe rejeitar a necessidade humana de entregar-se a mesquinhas recriminações contra os amigos. A vida era demasiado séria para essa casta de coisas. A alma filosófica não havia de tomar decisões precipitadas. "Erecutai todos os vossos atos, dizei todas as vossas palavras, pensai todos os vossos pensamentos sabendo que podem os

vossos dias findar-se a qualquer momento", confiou ele aos seus livros.

Nesse intervalo, a traição de Avidio, insistiam os boatos, assumira caráter mais perigoso. O ambicioso general, murmurava-se, tinha não somente os olhos postos no reino, como também na esposa de imperador. Esse novo acepipe da maledicência espalhou-se rapidamente por toda a parte. O povo principiou a insinuar que o casamento entre o imperador e sua prima, Faustina, nunca fora sancionado com as bênçãos do amor. Numerosos exemplos havia, contudo, para convencer os amigos íntimos da família real que Marco Aurélio era um marido afetuoso. Não escrevera ele numerosas cartas ao seu velho tutor, Fronto, expressando a sua afeição por Faustina? Não lhe dera ela mais de uma dúzia de filhos, mostrando-se quando se encontrava em casa o seu real esposo, tão solícita em relação ao conforto dela quanto ele o era em

relação ao dela? E agora que ele armara a sua tenda no campo de batalha, ela era tão fiel quanto Penélope — insistiam os amigos — a ficar no palácio enquanto esperava pela sua volta.

Avidio, porém, não estava disposto a esperar. Subitamente espalhou a notícia de que o imperador morrera. Reuniu as suas legiões para apoiá-lo como novo imperador e o povo do Antióquia seguiu-o em péso. O governador do Egito aderiu.

Ao ter notícia da rebelião, Marco Aurélio, reuniu suas tropas. "Companheiros de armas", disse-lhes, "o meu melhor amigo conspirou para derrubar-me e obrigou-me, contra a minha vontade, a aceitar o combate. Entre nessa campanha com a convicção de que não cometi nenhum ato de injustiça contra Avidio, nem deixei de fazer por ele coisa alguma que deveria ter feito". Não expressava indignação alguma, não fazia nenhuma queixa, disse às suas legiões. "Só uma cri-

sa temo: que Avidio Cássio possa matar-se para poupar-se a vergonha de vir à minha presença ou que qualquer outro possa matá-lo ao saber que me encontro em marcha para a batalha. Nesse caso furtar-me-iam o prêmio maior do vencedor, tal como nunca teve homem nenhum". E que prêmio era esse? "Perdoar o homem que procedeu mal contra mim, continuar amigo daquele que rompeu os laços de amizade que nos unia".

Durou a revolta apenas com dias. Como previra Marco Aurélio, um dos saques de Avidio assassinou-o. "Pouparei-lhe a esposa e os filhos", anunciou o filósofo-querrelheiro. Enviou ao Senado u'a mensagem na qual ordenava aos senadores que não matassem nenhum dos soldados que participara da rebelião. "Permiti que voltem os banidos às suas casas que sejam restituídas aos proscritos as suas propriedades. Eu desejaria, anexas, poder chamar de entre os mortos as pobres vítimas que já sofreram essa pena."

Os endurecidos políticos do império estremeceram ante a misericórdia do imperador. Puzeram-se a conjecturar se era justo para com a sua própria família, poupar, assim, a família do arquitrador. Marco Aurélio acalmou-lhes, contudo, os temores, com um dar de ombros. Era estoico e fatalista. "Se a minha família merece ser mais amada que a de Avidio, permitir-nos-ão os deuses, a nós e não a eles, que nos assentemos ao trono".

Havendo, assim, disposto da família do conspirador, saiu com Faustina e seu filho Cómodo, a visitar as cidades que se tinham aliado à conspiração. Aproximava-se, porém, com u'a mensagem de perdão e não de vingança. Ao alcançar a aldeia de Halala, ao pé do monte Tauro, Faustina enfermou e morreu. Apesar das histórias escandalosas que ele ouvira a respeito do comportamento da esposa, apesar de suas próprias suspeitas, nunca deixara de amar a sua rainha. A morte dela foi um golpe terrível. Ele não deu construir u'a imagem de ouro de Faustina para acompanhá-lo em suas campanhas. Fundou um lar para meninas desamparadas, em sua memória. Ofertou preces e lágrimas à estátua de Faustina. E, no entanto, muito embora a morte o enchesse de pesar, ele não a temia. Tampouco temia a vida. Era preciso que vivesse bravamente, como bravamente desejava morrer. Retornou então à antiga frente de batalha, pois os bárbaros não tinham cessado ainda os seus distúrbios. A existência era "guerras e fôrmas em terras estranhas". Volveu às suas batalhas e aos seus livros, "vitorioso sobre a dor e o prazer, independente do que os outros pudessem fazer ou pudessem deixar de fazer... Pois a vida do homem não é mais que um rio, e a da alma, um sonho nebuloso".

Finalmente (em 179) derrotou a última das tribus rebeldes. Estava seguro o império... por algum tempo. Mas o imperador contraiu u'a moléstia em virtude de sua longa exposição no campo, e caiu mortalmente enfermo.

A filosofia estoica de Marco Aurélio, como o cristianismo, era um produto do Oriente. O fundador do estoicismo o sábio Zenão, era irmão espiritual dos velhos profetas hebreus. A sua gente era fenícia. Viera para a Grécia da ilha de Chipre e fundara em Atenas uma escola de filosofia. Um triquetrio Isaias, a quem não importavam as opiniões e convenções da sociedade. Um rebelde químa-

IMPRESSONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS!

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquira nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso, CAIXA POSTAL, N.º 2335, Rio de Janeiro

Os escoteiros do mar

(Continuação da pág. 22)

QUANDO A DISTRAÇÃO É UMA ARMADILHA

Quando regressávamos para as lanchas do Ministério da Marinha, que nos trariam de volta à cidade, o comandante Chagas Diniz veio comentando conosco o espírito do escotismo:

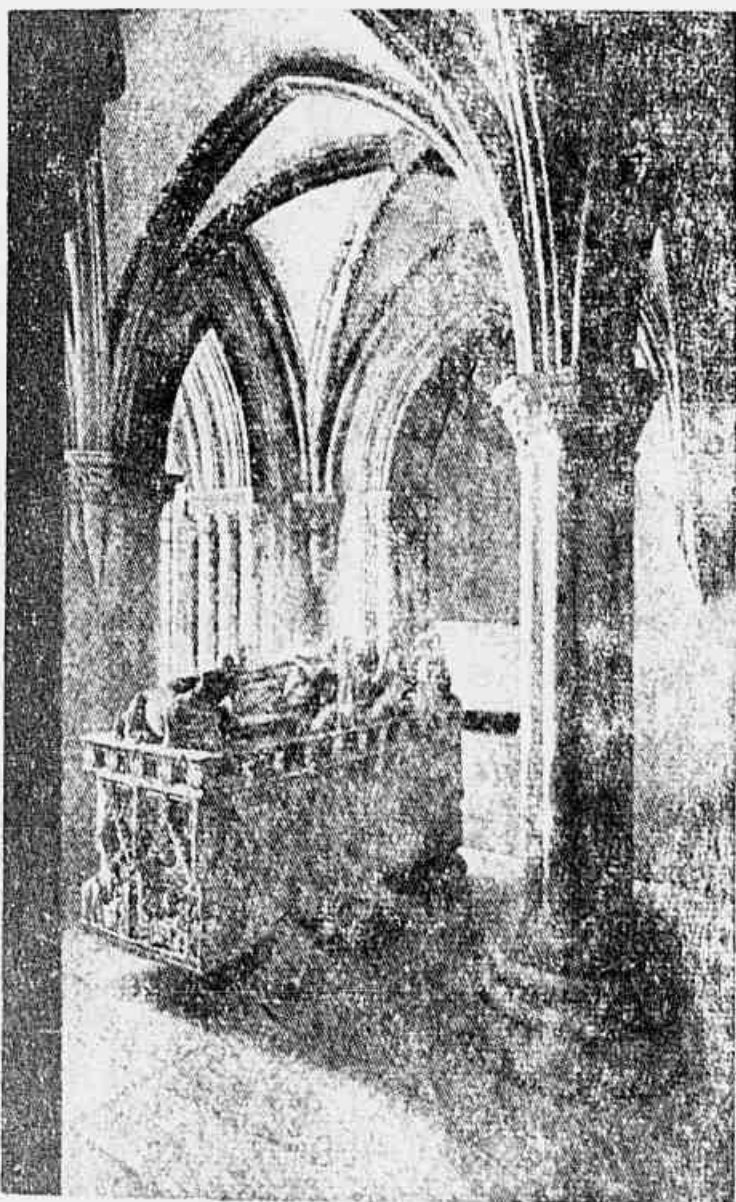
— As distrações e os entretenimentos proporcionados pelas sociedades escoteiras — disse-nos, — são verdadeiras armadilhas. Sob a atração das aventuras, a infância e a adolescência encontram o traçado de uma singradura moral, física e espiritualmente perfeita. O Escotismo é um movimento sério e tem um sentido profundo. Educa a juventude sem deformá-la; dá-lhe uma disciplina sem tirá-lhe a espontaneidade; forma uma mentalidade cívica sem incutir-lhe a ideologia estatal; cria um sentido de cooperação ao mesmo tempo que desenvolve a personalidade. Arregimenta a mocidade sem explorá-la politicamente e — o que é muito importante — prepara verdadeiras reservas sem despertar nesses jovens o espírito militarista.

E o comandante Benjamin Sodré comentou:

— É singular que o comandante Diniz ainda não tenha entrado para o escotismo, apesar do seu sincero entusiasmo!

Então, sob os "hurras!" das "bandeirantes" e dos escoteiros de terra e mar o "Velho Lobo" se despediu dos jovens. Fora um dia memorável para os novos pioneiros que tiveram a parâmetro sua "investidura" um príncipe da Igreja? Um dia histórico para o escotismo, principalmente para a Associação dos Gaviões do Mar, de Niterói que assistiu incorporada a visita de D. Jaime de Barros Câmara à Igreja, duas vezes centenária, de Nossa Senhora da Boa Viagem.

PEREGRINAÇÃO A PORTUGAL



Portugal, terra de santos e de heróis, revive nos seus monumentos, que são as páginas de pedra da sua gloriosa história. Aqui está o Mosteiro de Alcobaça, um desses monumentos que, em breve, serão visitados pelos excursionistas do Touring Clube do Brasil, inscritos na peregrinação nacional ao Santuário de N. S. de Fátima. Os peregrinos viajarão, em Setembro próximo, a bordo do "Pedro II", do Lóide Brasileiro.

do do sol e apaixonado da justiça. Um cínico endurecido de olhos meigos; um cidadão do universo, considerando os mortais da terra e as estrelas imortais dos céus, como seus concidadãos. Como a seus irmãos senhores da Judéia inspirava a convicção de que Deus é único. "Deus é éter. Deus é ar. Deus é o espírito do fogo etéreo... Deus penetra tudo quanto existe, Deus é espírito. Deus é alma. Deus é natureza." Chamavam-lhe, os hebreus, Jeová. O filho adotivo de Atenas identificou-o com Júpiter. Um Deus, uma família humana, uma lei. "To-

dos vós teréis uma lei e um costume — como um rebanho, reunidos sob um caçador, que junto se alimenta."

Essa filosofia estoica de Zenão como as outras escolas do pensamento ateniense, tinham emigrado para a cidade imperial quando a Grécia veio a cair sob a órbita conquistadora de Roma. Apropriaram-se os romanos dessas escolas estranhas de filosofia, como se apropriavam de seus escravos estrangeiros, obrigando-os a servir em sua vida prática. Impugnaram a metafísica das várias filosofias e aceitaram-lhes a ética. Porque pouco se

Viva todas as horas com um relógio Norma



Dos mais agitados instantes de atividade aos mais tranquilos momentos no lar, um relógio NORMA deve presidir ao controle de seu tempo. Para sua casa ou escritório, escolha um relógio de parede, de mesa ou uma linda penduleta NORMA — criação de famosos artistas e técnicos suíços, índice de bom gosto e precisão!

O PREFERIDO DA ELITE DE TÔDAS AS PROFISSÕES

Payeres 59-47

NORMA

GRATIS

Peça ao seu relojoeiro ou à C. P. 1861 Rio - o útil that, "Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

preocupavam com os mistérios dos céus. Preocupavam-nos, principalmente, as realidades da terra.

Os filósofos realistas de Roma acharam o estoicismo especialmente a seu gosto. Pois ensinavam os estóicos que, se a um homem não era dado banir os padecimentos e os males do mundo, era-lhe dado, ao menos, disciplinar a própria vontade para suportá-los corajosamente. E, além disso, por um processo de acrobacia intelectual, podia até o estóico tornar-se otimista no tocante às imperfeições do mundo. Pois na realidade — afirmava Zenão — não havia mal algum na experiência. Fazia-a, apenas, assim, a crença popular. O mundo era bom, pois era governado de acordo com as leis da natureza. "Todos os acontecimentos são meros processos naturais e não têm valores intrínsecos morais, nem bons nem maus. Quando sentimos que a Providência nos golpeou rijamente, devemos recordar que não podemos julgar as obras do universo inteiro de nossa mesma e privilegiada situação mortal e moral. Nada há bom ou mau e apenas o pensamento torna tais as coisas. Sofremos por

amor de nossas opiniões, de nossa limitada visão. E' nos possível impermeabilizarmos-nos ao infortúnio adotando uma simples fórmula. Se os desejos insatisfeitos são o veneno de nossa existência, limitemos os nossos desejos àqueles que nós nos sabemos capazes de realizar. Já que os bens materiais da vida são de tal maneira transitórios e parcos, contentemo-nos com os bens espirituais — um bom espírito e um bom caráter. Chamai-lhes virtudes positivas. Fixai-as como o derradeiro significado da vida. E considerai que tudo o mais é indiferente. A saúde, a enfermidade, o prazer, a dor, a riqueza, a pobreza — tudo isso não tem significação. E até a morte, conquanto destrua o espírito, como destrói o corpo, o bom caráter e a boa fortuna, precisa ser considerada como fato negativo. Porque pode a morte destruir o filósofo mas não a filosofia. Mata o espírito do indivíduo, mas não perturba a majestade do mundo. A majestosa ordem da Natureza está destinada a sobreviver a todos os espíritos acanhados dos que procuram defini-la. Aprendei, portanto, a ser indiferentes ao vosso destino. Porque ao



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. T. ARQUINO

Evite preocupar-se com uma
DENTADURA POSTIÇA
que se desloca

A sua dentadura postiça cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postiças. Conserve-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil.
ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114 - 1.º
Rio de Janeiro

Agência Zambardino
Rua Capitão Salomão, 67
Distribuidora desta revista
na capital de São Paulo

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

cabo, estamos todos sujeitos, à mesma sorte. Todos nós, da mesma maneira, do mais alto ao mais baixo, somos tidos igualmente indesejados de um destino inevitável e imparcial.

Esse credo negava todos os critérios artificiais segundo os quais eram divididos, os homens, em classes de amor e escravos, reis e comuneiros, ricos e pobres. Attingia a verdadeira essência da democracia. Todos os acontecimentos devem ser encarados com equanimidade; todos os homens são iguais. Interessante é o fato de ter sido o escravo Epicteto quem converteu o imperador Marco Aurélio ao evangelho democrático da filosofia estoica. Nasceram os homens em diferentes níveis na vida, escreveu Epicteto, mas no momento da morte os desajudados são bastante ressarcidos. Porque a morte tira mais daqueles que têm mais, e menos daqueles que têm menos. E se os ricos, moderados por esse nivelamento da fortuna humana, pudessem tornar a viver as suas vidas, não tomariam um centavo a menos. Nem os pobres um centavo a mais. Porque a natureza tem demasiado senso de humor para permitir que ao homem aproveite a experiência. Nada muda; nenhuma natureza humana se torna melhor, não há medidas que possam avaliar o progresso humano. O homem está sempre a enveredar, pé ante pé, por um moinho de torturas que agita violentamente as vastas e infinitas águas do passado e do futuro. Nada tem para perder senão o seu apêlo, nada para ganhar senão uns poucos momentos a mais numa luta da conservação do equilíbrio antes de dar consigo no chão. Por que lidar por moralizar e classificar as coisas em belas e feias, boas e más, quando tudo o que lhe é dado observar à volta de si se resume na extensão da terra e dos céus? Estas não são belas nem feias, não são boas nem más, mas vastas, esmagadoras, eternas. São a natureza. E a natureza é a única realidade verdadeira. Adaptemo-nos a essa realidade. Vivamos de acordo com as leis da natureza.

E' a ironia humana — observa Marco Aurélio — que, em meio à sua impotência, seja o homem espicado por uma ambição de glória! "Camilo, Caeso Valeso, Leonato; e, depois deles, Cipião, Cailão, Augusto, Adriano e Antonino — todos estão esquecidos. Todas as coisas apressuram-se para um fim. Paroçaro rapidamente, velhas fábulas, proclamadas por um instante e sepultadas depois no esquecimento." Roma também! A grandeza e a glória de um império são apenas relação de narradores tagarelas, punhado de seixos e pó desenterrado por arqueologistas a esquadrinhar entre ruínas. Não há, então, esperança alguma para a humanidade? Sim, replica Marco Aurélio, há a derradeira esperança de renunciar a todas as esperanças. Renunciando, assim, à esperança, pode o homem libertar-se de seu maior inimigo — a desilusão. Na verdade, pode ele transformar-se numa apoteose de túbilo sem alegria, coberto de cilícios e cinzas. Tudo quanto deve fazer é beber a largos sôrvos, com o espírito, a beberagem da completa apatia. Sejamos, como os deuses, indiferentes aos golpes do destino. "Levai-me e lançai-me onde quiserdes. Terei serena, dentro em mim, a minha própria divindade." Aqui está a realização do triunfo supremo através da suprema abnegação. Contudo, o mesmo estoicismo atinge o limite da auto-negação. U'a margem existe, além da qual a humildade não paga dividendos. Quando tudo está dito e feito, há um lado ativo e um lado passivo na filosofia de Marco Aurélio. Ele é indiferente à sua fortuna mas não é indiferente ao seu dever. E o seu dever consiste em governar a própria alma e os súditos romanos, firme, porém, justamente. Vivei de acordo com a natureza — isto é, de acordo com as leis da razão. Pois há uma razão dirigente no universo cujo propósito último é a coordenação, a inter-dependência, a reciprocidade — numa palavra, a justiça.

Justiça para com os seus semelhantes e indiferença para com o seu destino — era esta a mais alta virtude na filosofia de Marco Aurélio. Isto, e o destemor em face da morte. "Afastai o medo do morte, considerando-a, não como superstição



MR. DISK JOCKEY

N A gíria corrente no meio radiofônico norte-americano, dá-se o nome de "disk jockey" ao speaker de programas compostos principalmente de gravações e transcrições. O termo se generalizou depois que as principais estações de rádio da terra de Mr. Truman foram pouco a pouco aumentando o número destas programações. O "disk jockey" passou, então, a ser considerado uma criação privilegiada por haver provado ser capaz de criar os sucessos definitivos da música popular crua que, até há pouco, só era possível esperar da boa vontade das grandes "band-leaders" e à custa da repetição cerrada de um mesmo número das suas atuações por "niteries" e grandes salões de baile. Os "contact-men" das grandes casas editoras de música não os largam mais de mão, pois a sua função que, antes, consistia em provocar o maior número de execuções de uma determinada canção através dos conjuntos orquestrais, transferiu-se para a esfera dos estúdios das emissoras num assédio constante à benevolência de S. M. o Disk Jockey. E é o tal prestígio que envolve aqueles que detêm funções dessa natureza que Paul Whiteman, uma das figuras de real grandeza no firmamento musical norte-americano, acaba de trocar o cetro de Rei de Jazz pelo de Mr. Disk Jockey, presentemente muito mais real...

F. CORRÊA DA SILVA

HABLEMOS CLARAMENTE

Tango de F. Loiacono e Osvaldo Fresedo

Y bueno, a ver, hablemos claramente,
no andemos esquivando la verdad.
Hay momentos horribles que nos due-
len.
Hay cosas que tratamos de esquivar
Yo sé muy bien que estás juntando
sombras.
Tus ojos se resisten a mirar.
Y tus mismas palabras nunca nem-
bran
El tema que tenemos que abordar.

II

Hablá, hablá sin miramientos
No tengas compasión.
Soltá, soltá todas as sombras
Que hay en tu corazón.
Después, después haya escuchado.
Talvez no vuelva más.
Así sobré que te he dejado
Teniendo la verdad.

I (bis)

Silencio gris, muralla que separa
Tu vida de mi vida, Ya lo ves.
Puede ser que volcando esa amargura
Retornen las temuras del ayer.
Y bueno, a ver, no llores tontamente,
Me callo si al hablarte te hago mal.
Sigamos enlazados al silencio
Tus lagrimas me han dicho la verdad.

★

ABOLIÇÃO

Samba de Wilson Baptista e Orestes Barbosa — Gravado por Nelson Gonçalves em "Victor"

Nos troncos, nas algemas

Com os barões
Nos seus braços
Talhados nas torturas infernais
O negro que foi triste, foi escravo,
Foi um bravo
A gemer, a gemer
E a plantar canaviais.
Mas um dia nasceu um negro herói,
Herói que foi luar e foi vulcão;
Pôs flores pelos caminhos,
Derrubou os pelourinhos,
Patrocínio nos deu a Abolição,
Negro que tirou a sua raça
Da desgraça,
Lutando nas trincheiras de papel;
Negro que ficou na nossa história
Com essa glória
Que vive na saudade de Isabel

★

I HEAR A RHAPSODY

Fox de George Fragos, Jack Baker e Dick Gasparre

And when I hear you call so softly
to me.
I don't hear a call at all
I hear a rhapsody.
And when your sparkling eyes
Are smiling at me,
Then soft thru the starlit skies
I hear a rhapsody.
My days are so blue when you're
away.
My hearts longs for your.
So won't you stay?
My darling hold me tight and whisper
to me.
Then soft thru a starry night
I'll hear a rhapsody.

ou terror, mas, apenas, como uma das funções naturais no ciclo da vida, tais como o comer e o beber, o dormir e o reproduzir-se."

Como Epicuro, assevera Marco Aurélio que não é a morte outra coisa senão a dissolução dos elementos de que se compõe o ser humano. Não preserva a conservação da energia a cada átomo do universo? "E se em seus sucessivos intercâmbios mal nenhum sucede aos elementos, por que se haverá de supor que algum mal suceda na troca e na dissolução do todo? A morte é natural, e nada que é natural pode ser mau."

Tal é o verdadeiro cume da autoconquista. Pois onde não há nenhum mal não deve haver nenhum medo. "Se na morte se extinguem todos os sentidos, não pode existir o sentido da perda. Mas se adquirirmos um sentido diferente da natureza, tornamo-nos uma criatura diferente e não cessamos de viver".

Aos filósofos estoicos não preocupavam os problemas de uma após-vida. E esta é a razão de sua equanimidade. Pois se não há imortalidade individual, os males da vida são para sempre silenciados, e o indivíduo não poderá compreender que foi enganado em sua esperança de eternidade. Se, pelo contrário, existe a imortalidade para o indivíduo, muito bem. Diversamente dos cristãos, não criam os estoicos num juízo final, servisse ele para condenar ou para salvar. Acreditavam, todavia, numa eternidade futura de paz, consciente ou inconsciente. Libertos do medo do inferno, era-lhe possível, em grande parte, libertarem-se do medo da morte. Daí o seu supremo sentido de autoconquista. Sentiam os estoicos que se poderiam dar ao luxo do auto-aniquilamento. Conquistaram, porém, essa vitória a um preço tremendo — o sacrifício de suas esperanças celestiais.

VI

Corria o inverno do ano de 180. Marco Aurélio jazia moribundo em sua tenda. Tinha apenas cinquenta e nove anos de idade. Era o fracasso estranho, paradoxal e descontente de um homem, esse imperador-soldado-filósofo que, durante toda a sua vida, pregara o contentamento. Foi o dr. Jekyll e Mr. Hyde do mundo antigo. À noite, na calma do seu escritório, fora estudante ardente e poeta sensível à procura do próprio coração e aprofundando a substância de seu pensamento no planejar um mundo melhor para homens mais felizes. Durante o dia, contudo, entre o estrondo das armas, tornava-se o comandante perfeito que se lançava à vitória consoante a fórmula romana, de não render-se e de não conceder mercê. As suas convicções tinham sido maiores que a sua coragem. "Como Marco Aurélio, minha cidade e meu país é Roma; mas como homem, é o mundo" — escrevera ele em suas *Meditações*. Na vida real, sem embargo, esqueceu-se de que era homem, para lembrar-se, apenas, de que era romano. Ensinara a magnani-



Dr. Soares Filgueira, alto funcionário da Saúde Pública, cujo aniversário natalício transcorre no dia 7 deste mês.

QUE TIPO DE MULHER O HOMEM PREFERE?

LOURAS E MORENAS, TÔDAS TÊM OS SEUS "FANS" — TODAVIA, 70% GOSTAM DAS ESBELTAS — O QUE REVELOU AO REPÓRTER UM CURIOSO INQUÉRITO



"Pela primeira vez na história da ciência, surge um produto que emagrece sem prejudicar" — diz o professor Eduardo Costa.

Houve um período, em que a mulher das curvas perigosas, teve seu lugarzinho no coração do homem. Foi naquela fase em que Mae West reviveu, aos olhos dos aficionados do cinema, os dias agitados da colonização americana, com seus cafés cantantes, "blues" e tiros, na época romântica dos pioneiros. Todavia, passada a "coqueluche", caíram todos na realidade, e o senso e a lógica voltaram a imperar no espírito do sexo forte.

E que, por incrível que pareça, existe dentro de todos nós uma espécie de sexto sentido, orientando-nos os atos, dominando-nos a consciência. E foi isso que levou os homens ao raciocínio que o espírito da espécie impusera, isto é, que somente nos corpos esbeltos, elegantes, leves, pode residir de fato um verdadeiro cânone de beleza.

Suscitados, pois, por essa curiosidade natural do jornalista, quisemos trazer aos nossos leitores um resultado exato, calcado em inquérito popular, sobre as preferências dos indivíduos modernos. E, de que conseguimos, num rápido percurso, sintetizamos em três respostas, colhidas entre elementos de diversas classes sociais.

Num bote, abordamos, à queima-roupa, o operário Silas Ribeiro, residente no Andaraí que, quando quisemos saber de sua preferência, respondeu:

— Sou dos que gostam das loiras ou das morenas. Topo qualquer racial, porém só não gosto das gordas, daquelas que ocupam dois lugares no "lotação"... As magras, serão sempre as "tais" em matéria de elegância".

Num café do centro, tivemos ocasião de ouvir um jovem artista, que solicitou não divulgarmos seu nome, mas nos disse:

— "Gosto, ninguém discute, mas eu prefiro as magras. Gordas, só "primas

donas" de Opera, porém, cá fora a coisa é muito diferente..."

Já um médico, dr. Manoel Fernandes Meireles, com movimentada clínica no Engenho de Dentro, explicou-nos a questão mais amplamente, entrando em considerações interessantes: "A gordura excessiva — disse-nos o conhecido clínico — além de ser anti-estética, é ainda anti-natural. O raciocínio das mulheres gordas é sempre mais retardado, por condições de equilíbrio glandular, que influem seguramente em sua psiché. Você pode apontar alguma mulher, notável por atos de energia, que fosse adiposa? Não... Elizabeth, da Inglaterra, era um tipo de proporções razoáveis. Catarina, a Grande, esbelta, Joana D'Arc teria sido de complexão leve, assim como bem proporcionada foi Maria Antonieta. Igualmente magras, teriam sido Cleópatra, Maria Stuart, Anita Garibaldi. Isso prova, meu caro, que a própria Natureza condena a gordura excessiva".

Arriscamos mais uma pergunta: Existe, porém, algum medicamento que, atuando sobre a gordura excessiva, restabeleça as linhas do corpo sem prejudicar o equilíbrio endócrino?

— Até há pouco, seria difícil responder a esta pergunta. Agora, todavia, acaba de ser lançado no mercado um produto denominado "Emagrina", que consegue realizar esse prodígio."

VISITANDO O LABORATÓRIO "EMAGRINA"

Diante daquela citação nominal de um produto que combate a gordura excessiva, quisemos ouvir, então, a opinião de um dos responsáveis pelo Laboratório. E lá fomos encontrar o ilustre cientista patricio, Prof. Dr. Eduardo Costa, farmacêutico responsável pelo "Emagrina", que

delicadamente nos forneceu os esclarecimentos de que necessitávamos.

— Como tem sido recebido pelo público o produto "Emagrina", cujo sucesso vem repercutindo na opinião das ruas?

— "Otimamente — foi a resposta. A aceitação que "Emagrina" está obtendo, fala bem alto de suas qualidades terapêuticas. E, tão avultados têm sido os resultados, que já nos vemos em dificuldades para satisfazer aos milhares de pedidos que diariamente nos chegam de todos os pontos do país e até mesmo do estrangeiro, pois mesmo na Argentina, no Uruguai, Chile, Estados Unidos, etc., começam a chegar os ecos de sua popularidade, conseguida, não por milagre, mas pela experiência de muitos anos, aplicada agora, numa fórmula perfeita".

E qual é essa fórmula, poderia dizer-nos o Prof. Costa?

— É uma combinação de medicamentos bem estudados, que produz excelentes resultados, eliminando os excessos de gorduras, corrigindo os maléficos efeitos da prisão de ventre tão comuns entre as pessoas gordas e, por fim, restabelecendo a elegância e o bem-estar físico".

— "Emagrina" é prejudicial a algum órgão?

— "Absolutamente. É, pelo contrário, de ação benéfica, estimulando as funções hepáticas, renais e circulatórias. Poderia exibir-lhe, em abono desta minha afirmativa, milhares de atestados de médicos ilustres a pacientes reconhecidos que diariamente nos escrevem agradecendo, penhorados, pelos resultados conseguidos. Temos aqui, à mão, por exemplo, uma carta que nos endereçou: D. Lilia Costa Ribeiro, residente à rua Paulino Fernandes, em Botafogo. Eis o que diz aquela distinta senhora: "Quero valer-me da presente, para levar ao conhecimento de VV. SS. que, deprimida há alguns anos pelo excesso de gordura que me trazia complicações ao organismo crescendo àquelas que a própria idade acarreta, tive a iniciativa de experimentar o uso de seu poderoso medicamento "Emagrina". Em pouco tempo senti seus benéficos efeitos, com um emagrecimento progressivo e saudável, restabelecendo-me o equilíbrio orgânico sem afetar nenhum órgão e trazendo-me ao espírito aquela alegria de viver outrora, experimentada. E, como preito de reconhecimento, endereço-lhes estas linhas que, levando um conselho da experiência a outras pessoas em idênticas condições, valem como um atestado de minha admiração eterna".

Certos de que estamos, de fato, diante de um dos produtos mais extraordinários já surgidos no mundo farmacêutico, diante dos depoimentos que colhemos, diante da procura que as próprias mulheres desenvolvem para se tornarem esbeltas, chegamos à conclusão a que ninguém poderá fugir: "Os homens preferem as mulheres loiras ou morenas Gordas, porém, fugindo ao tipo que o senso estético remenda, lá isso é que não,

Aniversário da maior organização de Cartonagem do Brasil



A maior organização de cartonagem do Brasil, comemorou, no dia 2 de Agosto de 1947, o décimo aniversário de sua fundação.

Festejando a auspiciosa data, os operários das três fábricas pertencentes à firma Arruda, Castellan & Comp. Ltd. — Cartonagem Brasil — localizadas, a matriz à rua dos Italianos n.º 602, na capital do Estado de São Paulo, e as filiais à Avenida Guilherme Cotching n.º 1.303, no bairro de Vila Maria, também em São Paulo, e em Campinas, à rua Alvares Machado n.º 292, reuniram-se numa linda festa de confraternização transcorrida em meio a grande alegria.

Saudando os componentes da firma, srs. João Leite de Arruda, Saverio Castellan e Saverio Nigro, falaram as senhoritas Hebe Galli e Regina Barbagallo, operárias das fábricas situadas em São Paulo, as quais, em palavras sinceras e cheias de entusiasmo, enalteceram o grande espírito de harmonia e cordialidade reinantes entre empregados e empregadores daquela grande organização. Representando os operários da filial de Campinas, usou da palavra a operária senhorita Geny Alberto, que dirigiu aos sócios da firma palavras de admiração e solidariedade. Finalmente, os operários, em número aproximado de quatrocentos, ofereceram aos dirigentes das fábricas, delicados e valiosos mimos comemorativos da data.

Agradecendo essas homenagens, falou de improviso o sócio sr. João Leite de Arruda. Num ambiente festivo e chelo de entusiasmo, os operários estiveram durante todo o dia reunidos nos salões das fábricas, artisticamente ornamentados, onde lhes foi servido um magnífico lanche.

No clichê, um aspecto da bela festa.

Esta importante organização mantém seu escritório de vendas à rua Buenos Aires n.º 100, sala 55, na Capital Federal.

midade aos seus semelhantes. "Se não puderes manter um procedimento verdadeiramente magnânimo, de para algum ao onde possas mantê-lo; ou se mesmo então falhades, parti imediatamente desta vida. Não obstante, no tratamento dispensado aos cristãos fora, diretamente o oposto da magnanimidade, considerando a suavidade como ameaça aos sonhos imperialistas do império romano, ordenou que fossem crucificados os seus chefes. Era ele um homem bom em má companhia. Vivendo em Roma, fora obrigado a agir como romano.

E agora, enquanto jazia moribundo em sua tenda, considerava o seu papel mal representado no caprichoso drama da vida. Talhara-se-lhe o espírito para tempos mais nobres e corações mais calmos. Procurara alcançar o contentamento e se conquistara, em seu lugar, a glória. No entanto "a glória é apenas fumo... após a fama vem o esquecimento."

Vaidade das vaidades. A vida de Mar-

co Aurélio, sua pompa, suas ambições suas guerras, suas vitórias, seus triunfos — tudo vaidade!

Alegaram-se os romanos ao vê-lo partir. Desejavam um chefe menos filósofo e mais guerreiro. Seu filho Cômodo e seus outros herdeiros ansiavam, néscios homenzinhos, a entrar na posse de sua herança terrena. O imperador moribundo apertou o manto contra si. "Estou deixando uma vida da qual os meus próprios companheiros, pelos quais trabalhei, orei e planejei, desejam que eu parte. Por que, então, lutar por uma vida mais longa?"

VII

Reza uma história que, ao morrer, Marco Aurélio deram os deuses olímpicos um banquete em sua hora. À sua direita sentaram-se os imperadores Augusto, Tibério e Vespasiano. À sua esquerda, sentaram-se os outros grandes imperadores

romanos — Nerva, Trajano, Adriano e o seu próprio pai adotivo, Antonio Pio. Nero e Calígula, entretanto, foram detidos na porta. Anunciou Júpiter um concurso para decidir qual dos imperadores fora o maior romano. Cada candidato se levantou e disse algumas palavras em seu próprio elogio e a maioria deles vangloriou-se de suas conquistas. Chegado, porém, o momento de falar Marco Aurélio, disse este apenas: "Eu, humilde filósofo, sempre acariciei a ambição de nunca fazer mal a ninguém."

Marco Aurélio, conclui a história, foi, então, coroado o maior dos romanos. Mas não o maior dos homens. Porque Marco Aurélio, o filósofo, foi obstado em sua ambição por Marco Aurélio, o rei. (Do livro "Vidas de grandes filósofos")

Alan Ladd foi rádio...

(Cont. da pág. 19)

cinema. E assim foi que os "descobridores" de talentos da referida companhia convidaram o estudante de então para fazer alguns "tests" cinematográficos, uma vez que através de sua "performance" notaram que ele tinha talento para a arte dramática. Infelizmente, porém, o resultado dos "tests" não correspondeu à expectativa dos técnicos. Alan precisava adquirir mais experiência. Resolveu, então, entrar para o jornalismo. Lembrou-se de que havia escrito um artigo para o "San Fernando Sun-Record", quando fazia o curso secundário. Entrou para o jornal afim de trabalhar no departamento de publicidade do mesmo. No fim do primeiro ano de atividades havia conquistado a confiança de todos e galgado a posição de chefe de publicidade da folha. Enquanto isso, estabeleceu-se com um café. Quando deixou o emprego concentrou todas as suas atenções em sua casa de negócios. Finalmente, apareceu-lhe um amigo que se ofereceu para arranjar-lhe um emprego no estúdio da Warner Brothers. Mais tarde, recebeu uma carta da diretora da "troupe" de colégio. A carta o animava a prosseguir na carreira artística. Alan entrou para uma escola dramática. Quando concluiu o curso da referida escola, tratou de arranjar trabalho. No palco e na tela não encontrou nada. No rádio obteve algumas ofertas, mas os ordenados eram desanimadores. Estava resolvido a abandonar definitivamente tais atividades. Mas eis que lhe surge, de repente, uma oportunidade salvadora. Uma emissora de Los Angeles, a KFWB, ia irradiar um novo programa, e resolveu contratá-lo para tomar parte no mesmo. E o contrato foi logo, por dois anos! Além disso, os orde-

nados eram bons. Daí por diante não lhe faltou mais trabalho. Passou a trabalhar em 15 ou mais programas semanais, desempenhando toda sorte de papéis. Sua atuação no rádio lhe serviu como uma espécie de treinamento, principalmente no que se refere à dicção. Certa vez chegou a fazer o papel de um velho de sessenta anos de idade e do filho deste, ao mesmo tempo. Dialogava pelos dois personagens, mudando de voz quando um ou outro devia falar. Sue Carol, que havia sido atriz da tela e que era então "descobridora" de talentos para a Paramount, teve a sua atenção despertada por ele. Sue pediu aos produtores e diretores do famoso estúdio cinematográfico de Hollywood que dessem uma oportunidade ao rapaz. Foi assim que duas semanas depois estava ele fazendo a sua estréia cinematográfica no filme "Rulers of the sea".

O seu papel era pequeno, mas deu motivo a muitos comentários da crítica. Sua atuação foi apontada como uma das melhores do mês.

De então para cá a sua carreira profissional vem sendo uma das mais vitoriosas de Hollywood. Alcançou vários sucessos, tendo cumulado com o grande êxito conquistado em "Alma torturada", ao lado da loura Veronica Lake. Ultimamente, fez para a Paramount aquele filme de após-guerra, cujo tema versa sobre as atividades do Serviço de Contra-Espionagem, durante o último conflito mundial. A película foi intitulada "Sob o manto tenebroso" (O.S.S.) e Geradine Fitzgerald foi a sua "leading lady". Os seus filmes mais recentes são "A Dália Azul" (The Blue Dahlia), no qual aparece ao lado de Veronica Lake e William Bendix, entre outros artistas; "Calcutá", em que aparece ao lado de Gail Russell e William Bendix; e "Saigon", película que ainda não tem título em nosso idioma, e "Whispering Smith".

No dia 15 de Março de 1942, ele se casou com Sue Carol, a mesma mulher que antes o havia "descoberto" e que lhe deu a oportunidade para iniciar a sua carreira cinematográfica. O casal é muito feliz e possui uma filhinha, Alona, que é o enlévo do seu lar.

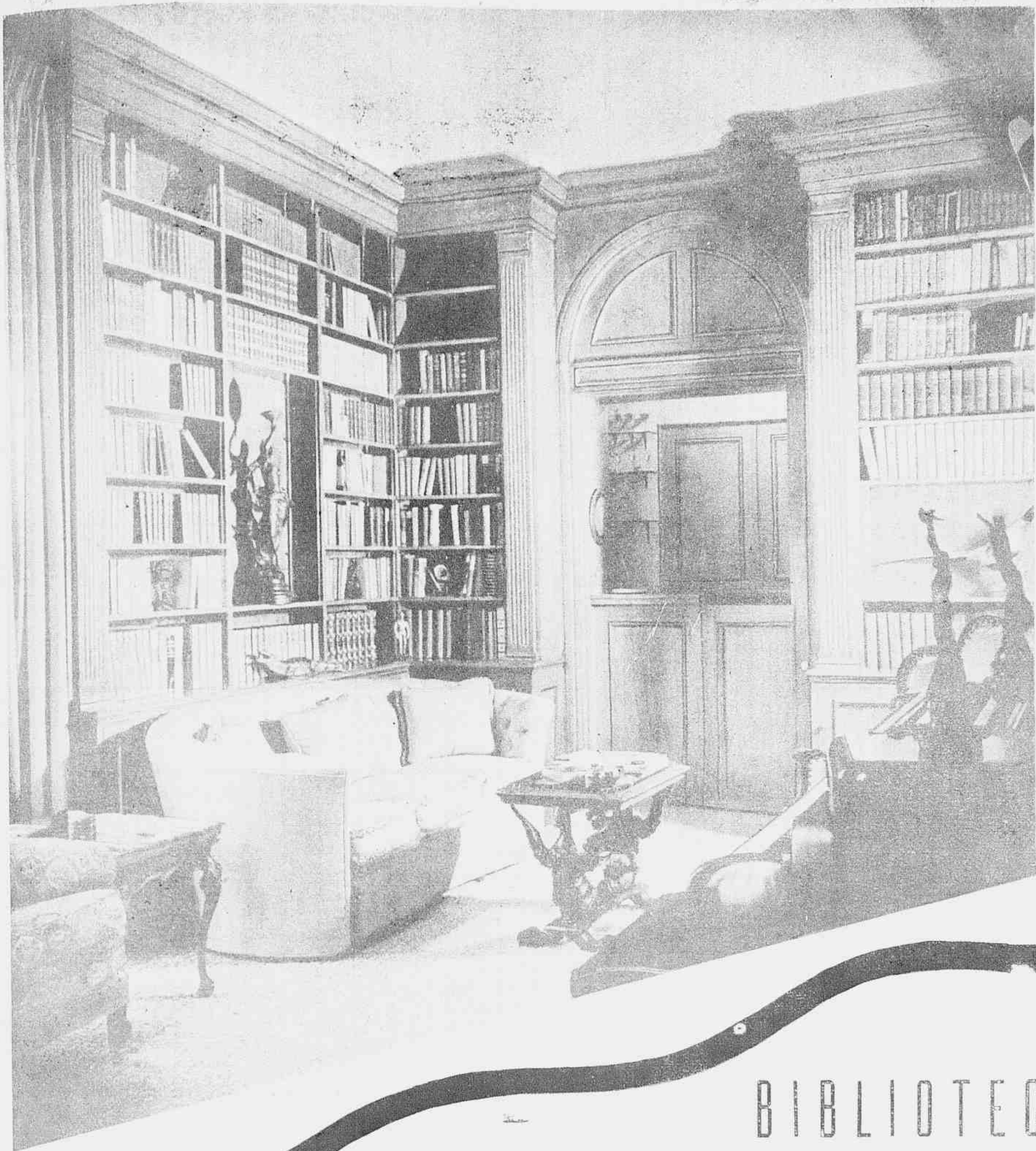
Todas as declarações acima me foram transmitidas pelo próprio "astro" em palestra amigável, quando o entrevistei no "set" do filme em que está aparecendo presentemente no estúdio da Paramount, "Whispering Smith", tendo como "leading lady" a interessante "estrela" Brenda Marshall. Leslie Fenton é o diretor da película.

Muito afável no trato pessoal Alan Ladd acolhe qualquer jornalista com a sua gentileza característica. Eis a razão pela qual todo o repórter que tem o prazer de entrevistá-lo, não pode deixar de eliciar-lhe essas qualidades que ornaram a sua personalidade.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50



BIBLIOTECA

Móveis em jacarandá.
 Poltronas em damasco sêda.
 Sofá em veludo beije, forração e
 passadeira lá beije

Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

